Breve Antologia da

Poesia Cristã Universal

Organização de
Sammis Reachers

Do mesmo organizador da Antologia de Poesia Cristã em Língua Portuguesa

Breve Antologia da Poesia Cristã Universal

- Autores não-lusófonos -

LIVRO GRATUITO
Não pode ser vendido

Organização e edição de
Sammis Reachers
Organizador da Antologia de Poesia Cristã em Língua Portuguesa

2012

São Gonçalo - Rio de Janeiro - Brasil

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu único Filho para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."
João 3:16

"Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem."
1 Timóteo 2:5

ÍNDICE

Apresentação

De uma maneira geral, a primeira coisa que se faz, ao iniciar-se a compilação de material para uma determinada antologia poética de textos não-inéditos - antes de afinar-se a busca, 'descendo' aos livros individuais, revistas e periódicos, sites e blogs - é consultar outras antologias, sejam estas no mesmo tema com que se está a trabalhar (caso existam precursoras), seja em tema aproximado, ou de valia para o fim proposto. E como organizador de antologias, confesso que já as li às dezenas, e sempre deparei-me com uma fiel constante: toda antologia principia, já em sua apresentação, com um pedido de desculpas. E estas versam quase sempre sobre as inolvidáveis lacunas, as renitentes omissões que toda antologia apresenta.

Agora tente o leitor imaginar a situação de antologia como esta que você tem diante de si: de temática específica (a poesia cristã), e com o agravante de coligir apenas textos de autores estrangeiros, não-lusófonos (cabe lembrar que em 2008 trouxemos a lume a Antologia de Poesia Cristã em Língua Portuguesa*, reunindo textos de 80 autores de Portugal, Brasil e África). E abarcando desde os primórdios da Poesia Cristã até os dias de hoje: mais de dezoito séculos de produção poética... Então, conforme a tradição e por necessidade, rogo desde já aos leitores perdão pelas muitas omissões que esta obra porventura apresente.*

Pode-se dizer, grosso modo, que este livro inicia-se em Aurélio Prudêncio, primeiro grande poeta da cristandade, indo até Cardenal, talvez o mais importante poeta vivo da Latinoamérica.
As breves 235 páginas deste livro congregam textos de 110 autores, avançando desde os primórdios da poesia cristã latina, passando por textos de pais da igreja, das três maiores epopeias cristãs (A Divina Comédia, a Jerusalém Libertada e o Paraíso Perdido), e indo a períodos em que a poesia do cristianismo atingiu alguns de seus ápices, como por exemplo durante o Siglo

de Oro espanhol, com os metafísicos ingleses, e na poesia cristã francesa do século XX.
As lacunas são muitas, como a da Messíada ou O Messias de Klopstock, epopeia cristã da qual não foi-nos possível encontrar a tradução (ou sequer trecho) em português, e outros poemas cristãos de fama, mas que infelizmente não se encontram traduzidos para o vernáculo.

Um livro como este pode ser o pesadelo de um teólogo. Isso porque a liberdade poética, elemento sine qua non para que a poesia subsista, concede ao verso de alguns dos autores aqui antologiados arrojos que poderiam beirar a heresia, a avaliar-se apenas teológica, ou melhor, dogmaticamente os textos. E evitei deliberadamente diversos textos que, isso na minha humilde medida, 'passam dos limites', do que seria tolerável dentro do escopo desta antologia, respeitados seus objetivos primordiais. Mas não deixa de fazer-se presente, por exemplo - e com dois poemas -, um visionário como William Blake, que, dissecado teologicamente, seria carimbado como herege por praticamente qualquer vertente de cristianismo que se conheça. Como faz-se presente também o Nobel polonês Czeslaw Milosz, mestre em amalgamar com quase despudor o sagrado e o profano, criando finas, mas por vezes perturbadoras ironias.

No mais, que direi, nobre leitor? No afã de ampliar o espectro desta seleta, eu, monoglota, cometi a temeridade de traduzir um poema do mexicano Amado Nervo, e também um do grande Rubén Darío, pelo que rogo mais uma vez o perdão dos entendidos.

Evitei inserir notas biográficas dos autores, seja por ser a grande maioria deles, nomes capitais de suas literaturas, mas principalmente por tratar-se de livro eletrônico, tendo-se a Wikipédia sempre ao alcance de um clique para esclarecer qualquer dúvida, e ampliar os entendimentos. A ordem de entrada dos autores é a clássica, por data de natalício. Quando o nome do tradutor de determinado poema não estiver citado, é porque infelizmente não nos foi possível identificá-lo. Procurei

respeitar as grafias originais dos textos, salvo no texto da Jerusalém Libertada, cuja tradução de que nos valemos, de 1859, precisou ser em alguns momentos atualizada, a não ser em casos em que se comprometeria a rima.

Ao proceder à leitura, você talvez diga que este livro bem que merecia uma edição impressa – sim, concordo com você, leitor, e com meus amigos que tomaram conhecimento deste projeto - mas merece ainda mais ser compartilhado com quantos for possível, da melhor, mais simples e mais rápida maneira possível, como a própria Boa-Nova de Cristo deve ser compartilhada. E assim o faço, publicando este livro gratuitamente na internet, pois acredito piamente em algo: conhecimento é conhecimento compartilhado. O mais é egoísmo e cabala. Depois pode-se tentar ou não uma edição impressa, para contemplar aqueles ainda muitos que não têm acesso, entendimento ou mesmo prazer em ler em computadores e dispositivos móveis. Mas o principal está feito, o livro está publicado, e espero que uma pequena, mas antiga e significativa lacuna em nossa bibliografia, seja no tocante especificamente à literatura cristã, mas também e de uma maneira ampla para todo o estudo da literatura em si, seja em parte sanada com esta humilde obra, de infelizmente tão poucos paralelos. E que ela possa vir a inspirar autor mais capacitado a encetar obra mais prolífica e abrangente, para enriquecimento da literatura cristã em nossa língua, pois como se diz no livro de Josué 13:1, "...e ainda muita terra ficou por ser conquistada", e os dois mil anos de cristianismo trouxeram a lume muito, mas muito mais tesouros do que estas singulares joias que vão aqui coligidas.

E que você possa, amado leitor, além de desfrutar da leitura deste livro, compartilhá-lo com seus amigos, leitores e contatos, sempre gratuitamente.

Ao Senhor seja dada toda a glória.

Sammis Reachers

Gregório de Nazianzo (o Teólogo)
(Capadócia [atual Turquia] 329 – 389)

Tu estás para lá de tudo

Tradução de José Tolentino Mendonça

Tu estás para lá de tudo,
outra coisa sobre Ti poderá dizer o canto?
De que servem palavras diante de Ti
se palavra alguma Te narra?
De que modo o intelecto Te contempla
se nenhum intelecto Te apreende?
Apenas Tu és inefável
e de Ti as palavras nascem.
Apenas Tu escapas ao conhecimento
e de Ti os pensamentos surgem.

Todas as coisas Te cantam,
tenham ou não uma voz.
Os desejos de toda a criatura,
os gemidos de tudo o que Te circunda
chamam por Ti, como numa oração.

Uma oração de silêncio Te é dedicada:
murmuram-na todos os seres
que contemplam a Tua ordem.
Só por Ti tudo se move
numa regra universal.

E de cada coisa és a plenitude,
o singular, a totalidade e, todavia, outro
porque não és o um, nem o todo,
nem nada que se defina.

Encerras todos os nomes:
como chamar-Te ó único inominado?

Que intelecto, filho do céu,
penetrará aqueles véus
que se estendem acima das nuvens?
Sê bendito para lá de tudo.
Outra coisa sobre Ti poderá dizer o canto?

VIII: 7

Tradução de José Paulo Paes

Só por breve tempo respiraste sobre a terra, mas tudo
que tinhas deste a Cristo, alma, corpo, verbo, mãos,
tu, Basílio, alta glória de Cristo, viga mestra do clero
e da verdade, tão dividida hoje por cismas.

Aurélio Prudêncio
(Espanha 348 – 410)

Eterno Criador do Universo
Segundo a Liturgia das Horas

Eterno Criador do Universo,
Tu que reges a noite mais o dia
E que os tempos alternas com os tempos
A fim de não haver monotonia.

Já soa a voz do arauto matutino
Que da noite profunda é sentinela
E que, da noite a noite dividindo,
Vai dando ao caminhante luz na treva.

A seu canto acordando, anjos da luz
Liberam todo o céu da escuridade,
E em coro até as almas mais escuras,
Abandonam as vias do pecado.

A seu canto se anima o navegante,
Aplacam-se no mar as próprias vagas,
E lavam-se da culpa as almas crentes,
Como Pedro nas lágrimas choradas.

Ergamo-nos portanto já sem medo;
O galo faz erguer quem está deitado:
Increpa brandamente os sonolentos,
E rudemente acusa os renegados.

A seu canto reaviva-se a esperança,
A saúde aos enfermos já retorna;
Nova alegria a alma nos levanta,
E a vida em cada peito se renova.

Senhor Jesus, protege os vacilantes,

Sustém-nos com a força dos teus olhos,
E redime com a tua vigilância,
A culpa que no pranto se dissolve.

Refulgente aos sentidos, és a luz
Que vens da mente o sono dissipar-nos.
Por Ti ressoa sempre a nossa voz,
Por Ti soltam-se enfim os nossos lábios.

Louvor e glória a Deus, Pai de bondade,
Por Jesus Cristo, o Filho Unigênito,
Com o Espírito Santo, aos dois igual,
Agora e pelos séculos dos séculos.

Agostinho de Hipona
(Argélia 354 - 430)

As Confissões, Livro X, 27-38

Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina

Tarde Vos amei,
ó Beleza tão antiga e tão nova,
tarde Vos amei!
Eis que habitáveis dentro de mim,
e eu lá fora a procurar-Vos!
Disforme, lançava-me
sobre estas formosuras que criastes.
Estáveis comigo,
e eu não estava convosco!
Retinha-me longe de Vós
aquilo que não existiria
se não existisse em Vós.
Porém chamaste-me
com uma voz tão forte
que rompestes a minha surdez!
Brilhastes, cintilastes
e logo afugentastes a minha cegueira!
Exalastes perfume:
respirei-o, suspirando por Vós.
Saboreei-Vos,
e agora tenho fome e sede de Vós.
Tocastes-me
e ardi no desejo de vossa paz.

Ávito (Aventino)
(França 450 - 525)

O Lamento de Satã

Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo

Ó dor! esta obra de terra ergueu-se de repente diante de nós
E a nossa ruína gerou esta raça odiosa!
Eu fui a Força Viril, e possuí o céu, que agora
Me rejeita, e a poeira sucede às honras dos anjos...
Não deixemos que nada imortal saia da terra,
Façamos perecer a raça na nascente! Que a derrota do seu chefe
Seja uma semente de morte, que o princípio da vida
Gere as angústias da morte, que todos num só sejam atingidos!
Se a raiz for cortada, a árvore não mais se erguerá.
São estes os consolos que restam ao danado.
Se não posso subir de novo aos céus que me estão fechados,
Que ao menos estejam também fechados para eles.
Será menos duro ter de lá caído,
Se uma mesma queda perder essas novas criaturas,
Se os meus companheiros na dor forem meus companheiros no castigo,
E se os vir arrastados conosco para a separação de chamas futuras.

Agatias Escolástico
(Mísia [atual Turquia] 536 – 594)

Traduções de José Paulo Paes

I.38
Sobre o nascimento de Cristo

É o céu esta manjedoura, maior que o próprio céu.
O céu é obra das mãos deste recém-nascido.

I.39
Sobre os pastores e os anjos

Uma só dança, uma só canção para os homens e os anjos,
pois homem e Deus se fizeram um só.

Gregório de Narek
(Armênia 944 – 1010)

"Todo aquele que invocar o nome do Senhor
será salvo" (Jl 3,5; Rm 10,13).

Quanto a mim, não apenas O invoco
mas, antes de tudo, creio na Sua grandeza.
Não é pelos Seus presentes
que persevero nas minhas súplicas:
é que Ele é a Vida verdadeira
e n'Ele respiro;
Sem Ele não há movimento nem progresso.
Não é tanto pelos laços de esperança:
é pelos laços de amor que sou atraído.
Não é dos dons:
é do Doador que tenho perpétua nostalgia.
Não é à glória que aspiro:
é ao Senhor glorificado que quero abraçar.
Não é de sede da vida que constantemente me consumo,
é da lembrança d'Aquele que dá a vida.
Não é pelo desejo de felicidade que suspiro,
que do mais profundo do meu coração rompo em soluços:
é porque anelo por Aquele que a prepara.
Não é o repouso que procuro,
é a face d'Aquele que aquietará o meu coração suplicante.
Não é por causa do festim nupcial que feneço,
é pelo anseio do Esposo.
Na esperança certa do Seu poder
apesar do fardo dos meus pecados,
creio, com uma esperança inabalável,
que, confiando-me na mão do Todo-Poderoso,
não somente obterei o perdão
mas que O verei em pessoa,
graças à Sua misericórdia e à Sua piedade

e que, conquanto justamente mereça ser proscrito,
herdarei o Céu.

“A fim de serdes verdadeiramente filhos do vosso Pai […], pois Ele faz brilhar o sol sobre os pecadores e sobre os justos”

Numerosas são as minhas ofensas e ultrapassam toda a conta,
Mas nem por isso tão espantosas como a tua misericórdia.
Múltiplos os meus pecados,
Mas sempre diminutos, comparados com o teu perdão. […]

Quem poderá lançar a treva
Sobre a tua luz divina?

Poderá uma reduzida obscuridade rivalizar
Com os teus raios, grande como és?

Poderá a concupiscência do meu frágil corpo
Ser comparada com a Paixão da tua Cruz?

O que serão aos olhos da tua bondade,
Deus Omnipotente,
Os pecados de todo o universo?

São como uma bolha de água
Que, à queda da tua chuva abundante,
Logo desaparece. […]

Tu fazes brilhar o sol
Sobre os justos e os pecadores
E chover sobre todos indistintamente.

Uns vivem em grande paz, na expectativa da recompensa; […]

Mas, àqueles que preferiram a terra,
Perdoas-lhes por misericórdia,

E dás-lhes, como aos primeiros, um remédio de vida,
Esperando sempre que a Ti regressem.

Francisco de Assis
(Itália 1182 – 1226)

Oração

Tradução de Manuel Bandeira

Oh Senhor, faze de mim um instrumento da tua paz:
Onde há ódio, faze que eu leve Amor;
Onde há ofensa, que eu leve o Perdão;
Onde há discórdia, que eu leve União;
Onde há dúvida, que eu leve a Fé;
Onde há erro, que eu leve a Verdade;
Onde há desespero, que eu leve a Esperança;
Onde há tristeza, que eu leve a Alegria;
Onde há trevas, que eu leve a Luz.

Oh Mestre, faze que eu procure menos
Ser consolado do que consolar;
Ser compreendido do que compreender;
Ser amado do que amar.

Porquanto
É dando que se recebe;
É perdoando que se é perdoado;
É morrendo que se ressuscita para a Vida Eterna.

O Cântico das Criaturas ou Cântico do Irmão Sol

Altíssimo, onipotente e bom Deus,
Teus são o louvor, a glória, a honra
e toda benção.

Só a Ti, Altíssimo, são devidos,
e homem algum é digno
de Te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
com todas as Tuas criaturas.
Especialmente o irmão Sol,
que clareia o dia
e com sua luz nos ilumina.

Ele é belo e radiante,
com grande esplendor
de Ti, Altíssimo é a imagem.

Louvado sejas meu senhor,
pela irmã Lua e as Estrelas,
que no céu formastes claras,
preciosas e belas.

Louvado sejas meu Senhor,
pelo irmão Vento,
pelo ar ou neblina,
ou sereno e de todo tempo
pelo qual as Tuas criaturas dais sustento.

Louvado sejas meu Senhor,
pela irmã Água,
que é muito útil e humilde
e preciosa e casta.

Louvado sejas meu Senhor,
pelo irmão Fogo,

pelo qual iluminas a noite,
e ele é belo e jucundo
e vigoroso e forte.

Louvado sejas meu Senhor,
pela nossa irmã a mãe Terra,
que nos sustenta e nos governa,
e produz frutos diversos,
e coloridas flores e ervas.

Louvado sejas meu Senhor,
pelos que perdoam por teu amor
e suportam enfermidades e tribulações.

Bem aventurados os que sustentam a paz,
que por Ti, Altíssimo serão coroados.

Louvado sejas meu Senhor,
pela nossa irmã a morte corporal,
da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
conforme à Tua Santíssima vontade,
porque a segunda morte não lhes fará mal.

Louvai e bendizei ao meu Senhor,
e dai lhes graças
e serví-O com grande humildade.

Gertrudes de Helfta
(Alemanha 1256 - 1301)

Tradução de José Tolentino Mendonça

Ó beijo tão doce
sou um pequeno grão de pó
não me esqueçam teus laços
não me prives do abraço que me estreita
a ponto de me dissolver em Deus
São sem número as delícias escondidas
num só dos Teus abraços, ó Deus vivo
Meu amor tão doce
demore em Ti, unida

És quanto de precioso possuo
nada tenho além de Ti
nem no céu, nem na terra desejo
algum tenho além de Ti

Para Ti caminham meu pensamento
e meu fim

Dante Alighieri
(Itália 1265 – 1321)

A Divina Comédia

- Inferno -

Canto III

Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro

Chegam os Poetas à porta do Inferno, na qual estão escritas terríveis palavras. Entram e no vestíbulo encontram as almas dos ignavos, que não foram fiéis a Deus, nem rebeldes. Seguindo o caminho, chegam ao Aqueronte, onde está o barqueiro infernal, Caron, que passa as almas dos danados à outra margem, para o suplício. Treme a terra, lampeja uma luz e Dante cai sem sentidos.

"POR mim se vai das dores à morada,
Por mim se vai ao padecer eterno,
Por mim se vai à gente condenada.

"Moveu Justiça o Autor meu sempiterno,
Formado fui por divinal possança,
Sabedoria suma e amor supremo.

No existir, ser nenhum a mim se avança,
Não sendo eterno, e eu eternal perduro:
Deixai, ó vós que entrais, toda a esperança!"

Estas palavras, em letreiro escuro,
Eu vi, por cima de uma porta escrito.
"Seu sentido" — disse eu — "Mestre me é duro"

Tornou Virgílio, no lugar perito:
— "Aqui deixar convém toda suspeita;

Todo ignóbil sentir seja proscrito.

“Eis a estância, que eu disse, às dores feita,
Onde hás de ver atormentada gente,
Que da razão à perda está sujeita”.

Pela mão me travando diligente,
Com ledo gesto e coração me erguia,
E aos mistérios guiou-me incontinênti.

Por esse ar sem estrelas irrompia
Soar de pranto, de ais, de altos gemidos:
Também meu pranto, de os ouvir, corria.

Línguas várias, discursos insofridos,
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados,
Rumor de mãos, de punhos estorcidos,

Nesses ares, pra sempre enevoados,
Retumbavam girando e semilhando
Areais por tufão atormentados.

A mente aquele horror me perturbando,
Disse a Virgílio: — “Ó Mestre, que ouço agora?
“Quem são esses, que a dor está prostrando?” —

“Deste mísero modo” — tornou — “chora
Quem viveu sem jamais ter merecido
Nem louvor, nem censura infamadora.

“De anjos mesquinhos coro é-lhes unido,
Que rebeldes a Deus não se mostraram,
Nem fiéis, por si sós havendo sido”.

“Desdouro aos céus, os céus os desterraram;
Nem o profundo inferno os recebera,
De os ter consigo os maus se gloriaram”.

— “Que dor tão viva deles se apodera,
Que aos carpidos motivo dá tão forte?” —
“Serei breve em dizer-to” — me assevera. —

“Não lhes é dado nunca esperar morte;
É tão vil seu viver nessa desgraça,
Que invejam de outros toda e qualquer sorte.

“No mundo o nome seu não deixou traça;
A Clemência, a Justiça os desdenharam.
Mais deles não falemos: olha e passa”.

Bandeira então meus olhos divisaram,
Que, a tremular, tão rápida corria,
Que avessa a toda pausa a imaginaram.

E após, tão basta multidão seguia,
Que, destruído houvesse tanta gente
A morte, acreditado eu não teria.

Alguns já distinguira: eis, de repente,
Olhando, a sombra conheci daquele
Que a grã renúncia fez ignobilmente.

Soube logo, o que ao certo me revele,
Que era a seita das almas aviltadas,
Que os maus odeiam e que Deus repele.

Nunca tiveram vida as desgraçadas;
Sempre, nuas estando, as torturavam
De vespas e tavões as ferroadas.

Os rostos seus as lágrimas regavam,
Misturadas de sangue: aos pés caindo,
A imundos vermes o repasto davam.

De um largo rio à margem dirigindo
A vista, de almas divisei cardume.

— “Mestre, declara, aos rogos me anuindo,

“Que turba é essa” — eu disse — “e qual costume
Tanto a passar a torna pressurosa,
Se bem discirno ao duvidoso lume?” —

Tornou-me: — “Explicação minuciosa
Darei, quando tivermos atingido
Do Aqueronte a ribeira temerosa”.

Então, baixos os olhos e corrido
Fui, de importuno a culpa receando,
Té o rio, em silêncio recolhido.

Eis vejo a nós em barca se acercando,
De cãs coberto um velho — “Ó condenados,
Ai de vós! — alta grita levantando.

“O céu nunca vereis, desesperados:
Por mim à treva eterna, na outra riva,
Sereis ao fogo, ao gelo transportados.

“E tu que estás aqui, ó alma viva,
De entre estes que são mortos, já te ausenta!”
Como não lhe obedeço à voz esquiva,

“Por outra via irás” — ele acrescenta —
“Ao porto, onde acharás fácil transporte;
Lá pássaras sem barca menos lenta”. —

“Não te agastes, Caronte! Desta sorte
Se quer lá onde” — disse-lhe o meu Guia —
“Quem pode ordena. E nada mais te importe”.

Sereno, ouvido, o gesto se fazia
Da lívida lagoa ao nauta idoso,
Quem em círculos de fogo olhos volvia.

As desnudadas almas doloroso
O gesto descorou; dentes rangeram
Logo em lhe ouvindo o vozear raivoso.

Blasfemaram de Deus e maldisseram
A espécie humana, a pátria, o tempo, a origem
Da origem sua, os pais de quem nasceram.

Todas no pranto acerbo, em que se afligem,
Se acolhem juntas ao lugar tremendo,
Dos maus destinos, que se não corrigem.

Caronte, os ígneos olhos revolvendo,
Lhes acenava e a todos recebia:
Remo em punho, as tardias vai batendo.

Como no outono a rama principia
As flores a perder té ser despida,
Dando à terra o que à terra pertencia,

Assim de Adam a prole pervertida,
Da praia um após outro se enviavam,
Qual ave dos reclamos atraída.

Sobre as túrbidas águas navegavam;
E pojado não tinham no outro lado,
Mais turbas já no oposto se apinhavam.

"Aqui meu filho" — disse o Mestre amado —
"concorrem quantos há colhido a morte,
De toda a terra, tendo a Deus irado.

"O rio prontos buscam desta sorte,
De Deus tanto a justiça os punge e excita,
Tornando-se o temor anelo forte!

"Alma inocente aqui jamais transita,
E, se Caronte contra ti se assanha,

Patente a causa está, que tanto o irrita”.

Assim falava; a lúrida campanha
Tremeu e foi tão forte o movimento,
Que do medo o suor ainda me banha.

Da terra lacrimosa rompeu vento,
Que um clarão respirou avermelhado;
Tolhido então de todo o sentimento,

Caí, qual homem que é do sono entrado.

Notas

Verso 37. De anjos etc., que não tomaram posição na luta entre os fiéis e os rebeldes a Deus. — 59-60. Daquele etc., Celestino V que renunciou ao papado, tendo por sucessor Bonifácio VIII, inimigo de Dante e do seu partido. — 136. Caí etc. Dante perdendo os sentidos, atravessa o Aqueronte, sem saber de que modo.

A Divina Comédia

- Paraíso -

Canto VII

Desaparecem os bem-aventurados cantando. Beatriz explica como a crucificação de Cristo restituiu ao homem a dignidade perdida, a liberdade que lhe foi conferida por Deus. Os anjos e os homens por sua natureza são livres e imortais. O homem porém, pecando, abusou da sua liberdade, e deformou a imagem de Deus que tinha em si. Não podia reparar a falta por si mesmo, pois não podia humilhar-se tanto quanto Adão, em seu orgulho, quis subir. A Deus convinha ou perdoar ou punir. Na sua sabedoria infinita, Deus perdoou e puniu no mesmo tempo. Puniu a humanidade em Jesus Cristo e nele a fez novamente livre.

"HOSANNAH Sanctus Deus Sabaoth,
Superillustrans daritate tua
Felices ignes horum malacòth!"

Assim, voltando à melodia sua,
Cantar ouvi essa alma venturosa
Em quem dúplice lume se acentua.

Tornam todas à dança jubilosa,
E súbito da vista se apartaram
Velozes, como flama fulgurosa.

Disse entre mim, pois dúvidas me entraram:
"Fala à senhora tua, fala; à sede
Rocio as palavras suas te deparam."

Torvação me assenhora e a voz me impede,
Que apenas B com I C E conjugava:
Acurvei, como quem ao sono cede.

Mas Beatriz do enleio me tirava,

Com sorriso, que a mente me ilumina
E aditara entre as chamas começava:

— "Como bem vejo, dúvida domina
A tua alma: — a vingança, que foi justa,
Punição teve, da justiça di'na?

"Esclarecer-te o espírito não custa.
Atende bem: verdade preminente
Das vozes minhas co'a expressão se ajusta.

"Aceitar não querendo, obediente,
Saudável freio, o homem, sem mãe nado,
Perdeu-se a si, perdeu a humana gente.

"Muitos séc'los enferma do pecado,
Jazeu ela não erro engrandecido
Té que o Verbo de Deus fosse encarnado.

"Por ato só do Eterno Amor, unido
À natureza se há, que ao mal se dera,
Depois de esquiva ao Criador ter sido.

"No que vou te dizer bem considera.
A natureza, a que se uniu beni'no
Em pessoa, nasceu boa e sincera.

"Por si mesma, fugindo em desatino
Da vereda da vida e da verdade,
Do Paraíso se exilou divino.

"Da Cruz a pena, em face da maldade
Da natureza, a que Jesus baixara,
Foi a mais justa em sua gravidade.

"Nunca injustiça igual se praticara,
Atenta essa Pessoa, que há sofrido,
Que à natureza humana se ajuntara.

“Contrastes, pois, de um ato hão procedido:
Folgam Judeus da morte a Deus jucunda,
Foi ledo o céu e o mundo espavorido.

“E não te mova sensação profunda
Ouvir que uma vingança, que foi justa,
Vingada ser devia por segunda.

“Vejo-te a mente por vereda angusta
Levada a estreito nó de dubiedade,
Que solver mor esforço ora te custa.

“Dirás: — discerne o que ouço, na verdade;
Mas porque Deus nos desse está-me oculto,
Remindo-nos tal prova de bondade. —

“Este decreto irmão, está sepulto
Aos olhos do que ainda o entendimento
Não tem de Amor na flama ainda adulto.

“É mistério em que luta o pensamento
Sem fruto conseguir de tal porfia,
Mas foi o melhor modo. Ouve-me atento!

“A Divina Bondade que desvia
De si o desamor, arde e flameja,
Por eternais primores se anuncia.

“Diretamente o que emanado seja
Dela é sem fim; eterna impressão fica
Do que no seu querer supremo esteja.

“O que assim nasce, não sujeito fica
Das causas secundárias à influência
E liberdade plena significa.

“Mais lhe apraz, se é conforme à sua essência:

Que o santo Amor que em toda cousa brilha,
Mais vivo é no que encerra esta excelência.

“Aos homens de tais bens cabe a partilha:
De tais predicados se um falece,
Sua nobreza já decai, se humilha.

“Só por pecado dessa altura desce;
Do Sumo Bem não mais reflete o lume,
Semelhança não mais dele oferece.

“E o grau sublime seu não mais assume,
Se não contrapuser ao do pecado
Deleite mau das penas o azedume.

“Quando o gênero humano, infeccionado
Todo no germe seu, foi dessa alteza
E do seu Paraíso deserdado,

“Reaver só pudera (com certeza
Verás, se bem cogitas), intervindo
Um dos meios, que aponto por clareza:

“Ou Deus, por graça infinda, remitindo;
Ou — porque, de si mesmo, se convença —
93 Das culpas suas o homem se remindo.

“Para sondar a profundeza imensa
Dos eternos conselhos, prende à mente
As razões que o discurso meu dispensa.

“O homem não podia, de indigente,
As dívidas solver: nunca pudera
Curvar-se tanto, humilde e reverente,

“Quanto, rebelde, se elevar quisera.
Eis por que redimir-se do pecado
Só por si mesmo ao homem não coubera.

“E, pois há sido do divino agrado,
Por clemência ou justiça e ambas juntando,
Ser ele à vida eterna aparelhado.

“A feitura do Autor ao gosto estando
Inda mais, quando a imagem nos of’rece
Do peito, de quem vem piedoso e brando,

“A Bondade que em tudo transparece,
Em prol vosso os dois modos reunia:
Um somente bastar-lhe não parece.

“Entre a noite final e o primo dia
Ato igual não se fez alto e formoso
Desse modo por um, nem se faria.

“Dando-se, há sido Deus mais generoso,
Por que o home’ a se erguer se habilitasse,
Do que só perdoando carinhoso.

“Outro meio qualquer, que se empregasse
Não bastara à Justiça, se humilhando
De Deus o Filho à carne não baixasse.

“Para de todo seres doutrinado
Eu torno a um ponto, por que vejas claro,
Como eu, o que zelosa hei te explicado.

“Dizes: — no fogo e no ar, se bem reparo
Na terra e nágua vejo e em seus compostos
Corrupção que destrói sem anteparo.

“Na criação por Deus foram dispostos:
De corrupção isentos ser deveram,
Certos sendo os princípios por ti postos. —

“Criados, meu irmão, se consideram

Os anjos e dos céus o que há no espaço,
Inteiros, puros sempre quais nasceram.

“Elementos e quanto no regaço
Da natura por eles se combina
De virtude criada of’recem traço.

“Criou-lhes a matéria a lei divina,
Criando logo a força informativa,
Que nos astros, que os cercam, predomina.

“Dos lumes santos moto e luz deriva
Dos brutos alma, e plantas igualmente,
Por compleição potencial passiva.

“A vida nossa vem diretamente
De Deus, Supremo Bem, que em nós acende
Amor tal, que o deseja eternamente:

“Daí, por dedução, também descende
Vossa ressurreição, se ao ser e à essência
Da humana carne o teu esp’rito atende,

Quando o primeiro par teve existência.” —

Notas

Versos 1-3. Hosannah, sanctus Deus Sabaoth, expressão constituída por palavras latinas e hebraicas: “Salve, Deus dos exércitos, que iluminas com a tua luz os felizes lumes deste reino.” — 18. E aditara, do verbo aditar, tornar feliz. — 26. O homem sem mãe nado, Adão. — 46-48. Contrastes, pois, de um ato procedido etc., a morte de Jesus Cristo deu satisfação a Deus, porque reparava a ofensa de Adão e deu satisfação aos Judeus pela raiva deles contra Jesus; a terra ficou espavorida pela crucificação de Deus e o Céu alegre porque se abria novamente à humanidade.

Francesco Petrarca
(Itália 1304 – 1374)

Soneto VIII

Tradução de Renato Suttana

Ó Pai, depois dos dias ociosos,
Depois das noites a velar em vão,
Com este anseio no meu coração,
Mirando os atos por meu mal viçosos,

Praza-te, ó lume, que a outros mais formosos
Caminhos e a mais bela ocupação
Eu me volte, fugindo à dura ação
Do inimigo e aos seus meios cavilosos.

Dez anos mais um hoje faz, Senhor,
Que me vi submetido à tirania
Que sobre o mais sujeito é mais feroz.

Piedade tem do meu não digno ardor,
Conduz meu pensamento a melhor via,
Lembra-o de que estiveste numa cruz.

John Lydgate
(Inglaterra 1370 - 1449)

O Testamento
(vv. 754 – 865)

Tradução de Cecília Rego Pinheiro

Contempla, ó homem! ergue o teu olhar e vê
Que mortais penas sofri pelo teu delito.
Com piedosa voz choro e digo-te:
Contempla as minhas feridas, o meu rosto ensanguentado,
Contempla as censuras que tanto me ameaçam
Os meus inimigos que tanto me desprezam,
E vê como eu, para te restituir à graça,
Fui como um cordeiro oferecido em sacrifício.
E contra o teu orgulho contempla a minha resignação;
Contra a tua inveja, a minha caridade;
Contra a tua lascívia, a minha pureza casta;
Contra a tua cobiça, a minha pobreza.
Entre dois ladrões pregado a uma árvore,
Coberto de sangue vermelho como eles,
Contempla, ó homem! tudo isto fiz por ti,
Manso como um cordeiro oferecido em sacrifício.

Contempla o meu amor e dá-me o teu em troca;
Contempla, morri para pagar o teu resgate.
Vê como o meu coração se abre, largo e simples,
Apenas para contender os inimigos do teu espírito.
Uma batalha mais dura nenhum homem experimentará,
Nem de todos os triunfos o de mais alto valor.
Por isso, ó homem! Para por fim ao teu desalento
Dei por ti o meu sangue em sacrifício.

Michelangelo Buonarroti
(Itália 1475 – 1564)

A Deus

Tradução de Ivo Barroso

Quisera, ó Deus, querer o que não quero.
Por entre o coração de gelo e o fogo
Um véu de sombra cai, que esfria logo
A chama e faz meu cântico insincero.

Senhor, te amo com a boca, e desespero
De não sentir o amor no peito; e rogo
Que a tua graça seja o desafogo
Desta alma presa a um orgulho fero.

Rasga esse véu, Senhor! Rompe esse muro
Que com sua dureza me retarda
O sol de tua luz, no mundo extinta.

Manda o predito lume do futuro
À tua bela esposa, a fim que eu arda
E na certeza desse amor te sinta.

Martinho Lutero
(Alemanha 1483 – 1546)

Tradução de José Tolentino Mendonça

Da profunda angústia reclamo por Ti
Senhor Deus, colhe meu grito
Teu ouvido me seja benigno
aberto à oração que pronuncio
Pois se te pões a contar
pecado por pecado, Senhor
quem permanecerá diante de Ti?

Em Tuas contas só graça e favor
valem para cancelar os pecados
Nossas ações são vãs
mesmo as das vidas exemplares
Diante de Ti ninguém se enaltece
apenas nos resta o temor
e uma vida na Tua Graça

Por isso espero em Deus
não naquilo que valho
Meu coração abandono apenas
àquela bondade
que Sua palavra válida promete
Meu conforto é Ele
Ele é minha rocha fiel
A esta confiança me abandono

Ainda se numerosos os nossos pecados
a Graça divina é maior
O socorro da Sua mão é infinito
por maior que seja o mal
Só Ele é o Bom Pastor
que da multidão das culpas
saberá libertar Israel

Vittoria Collona
(Itália 1490 – 1547)

Soneto

Tradução de Pedro Garcez Ghirardi

Quando me oprime o peso do pecado,
O olhar não ergo ao Criador;
Levanto o coração fiel, Senhor,
A Vós, por nosso amor crucificado.

Escudo em Vossas chagas tenho achado
Contra a ira divina e seu rigor;
Segura estou em Vós de que o temor
Em esperança e paz será mudado.

Em Vossa última noite suplicastes:
"Une, ó Pai, lá nos céus, quem em mim crê".
Foi por nós Vossa prece derradeira.

Sem medo, pois, e (glória a Vós) com fé
Minh' alma louva o zelo em que abrasastes
Com Vossa vida, minha culpa inteira.

Teresa de Ávila ou Teresa de Jesus
(Espanha 1515 – 1582)

NADA TE PERTURBE

Nada te perturbe,
Nada te espante,
Tudo passa,
Deus não muda,
A paciência tudo alcança;
Quem a Deus tem
Nada lhe falta:
Só Deus basta.

Eleva o pensamento,
Ao céu sobe,
Por nada te angusties,
Nada te perturbe.

A Jesus Cristo segue
Com peito grande,
E, venha o que vier,
Nada te espante.

Vês a glória do mundo?
É glória vã;
Nada tem de estável,
Tudo passa.

Aspira às coisas celestes,
Que sempre duram;
Fiel e rico em promessas,
Deus não muda.

Ama-O como merece,
Bondade imensa;
Mas não há amor fino

Sem a paciência.

Confiança e fé viva
Mantenha a alma,
Que quem crê e espera
Tudo alcança.

Do inferno acossado
Muito embora se veja,
Burlará os seus furores
Quem a Deus tem.

Advenham-lhe desamparos,
Cruzes, desgraças;
Sendo Deus o seu tesouro,
Nada lhe falta.

Ide, pois, bens do mundo,
Ide, ditas vãs;
Ainda que tudo perca,
Só Deus basta.

VERSOS NASCIDOS DO FOGO DO AMOR DE DEUS QUE TINHA EM SI

Tradução de Anderson Braga Horta

Não vive em mim meu viver,
e em tão alta vida espero
que morro de não morrer.

GLOSA

Esta divina união
com o amor por quem eu vivo
faz de Deus o meu cativo
e livre meu coração;
mas causa em mim tal paixão
ver a Deus em meu poder
que morro de não morrer.

Ai! como é longa esta vida!
Que duros estes desterros,
este cárcere e estes ferros
em que a alma está metida!
Só esperar a saída
me causa tanto sofrer
que morro de não morrer.

Ai! Que vida tão amarga
se não se goza o Senhor!
E, se tão doce é o amor,
não o é a esperança larga;
tire-me Deus esta carga
tão dura de padecer,
que morro de não morrer.

Somente com a confiança
vivo de que hei de morrer;
porque, morrendo, o viver

assegura-me a esperança:
morte em que o viver se alcança,
bem cedo te quero ver,
que morro de não morrer.

Olha quanto o amor é forte;
vida, não sejas molesta;
vê que em te perderes resta
de te ganhares a sorte;
venha já a doce morte,
venha-me a morte a correr,
que morro de não morrer.

Essa que no alto deriva
é a vida verdadeira:
té que torne a vida à poeira,
não se goza estando viva;
morte, não sejas esquiva;
morrendo estou em viver,
que morro de não morrer.

Vida, como obsequiá-lo,
a meu Deus, que vive em mi,
senão perdendo-te a ti,
por melhor poder gozá-lo?
Quero morrendo alcançá-lo,
pois só Ele é o meu querer,
que morro de não morrer.

Estando ausente de ti,
que vida pudera ter,
senão morte padecer
a maior que jamais vi?
Lástima tenho de mi,
por tamanho mal sofrer,
que morro de não morrer.

Pierre de Ronsard
(França 1524 – 1585)

Cumpre Deixar Mansão...

Tradução de Cláudio Veiga

Cumpre deixar mansão, jardim, veiga florida,
Baixela que o artesão adorna cinzelando,
Sua morte cantar, ao cisne semelhando,
Que canta em seu país, quando lhe foge a vida.

Acabou-se! Gastei da existência a medida,
Vivi, pude tornar meu nome venerando;
Um sinal há-de ser minha pena ao céu voando,
Longe de encantos que nos levam de vencida.

Feliz quem não viveu, mais feliz quem regressa
Ao nada que já foi, mais feliz quem, depressa,
Homem que anjo se fez, volta ao Cristo clemente,

Deixando aqui morrer seus despojos de lama,
De que a fortuna ri, o fado e sua trama,
Pra ser, livre do corpo, espírito somente.

Frei Luis de León
(Espanha 1527 – 1591)

XIII. Da Vida do Céu

Traduções de Luiz Antônio de Figueiredo

Calmo lugar luzente,
prado do bem que resiste à geada
e ao raio mais ardente,
terra fértil, sagrada,
fonte da eternidade desejada;

sem chicote ou cajado,
a cabeça florida em rubro e neve,
o bom Pastor, calado,
leva o rebanho e segue
tocando a relva com seu passo leve;

atrás dele, ditosas,
vão as ovelhas colhendo alimento
no perfume das rosas
imortais e no alento
da flor que se renova ao dar sustento;

e depois as conduz
ao monte santo; um regato de amor
lhes dá banho de luz;
comem com mais sabor
na mesa farta onde o pasto é pastor.

E quando o sol, se alçando,
toca o ponto mais alto e fica a pino,
ele está repousando;
emite o som divino
ao rebanho – que som mais cristalino!

Que sonora harmonia
vai invadindo as almas com doçura!
Primeiro em calmaria,
depois arde, perdura
e distribui acordes em fartura.

Com esse canto acalma!
Quem dera uma parcela ao meu ouvido!
Fora de si, minh'alma
negaria o vivido
para viver no Amor pré-concebido!

Conheceria, então,
onde moras, Esposo, e libertada
desta dura prisão
que a faz alma penada,
será rebanho, não rês desgarrada.

XV. A Dom Pedro Portocarrero

Nem sempre é vencedora
a maldade, e a inveja tão ferina
às vezes não vigora;
se a força desgarrada mais empina,
no fim a fronte inclina,
e se maior o salto,
maior o tombo, a vida em sobressalto.

Comprovam as façanhas
dos que tentaram escalar o céu
empilhando montanhas:
em vez do Olimpo, hoje vivem ao léu,
cobertos pelo véu
de pó, e soterrados
entre as pedras dos montes desabados.

Se agora a névoa fria
ofende a luz que a manhã oferece,
e contra o claro dia
estende as asas, e tudo escurece,
no fim desaparece
a treva, fica a luz
do puro sol celeste que reluz,

e que não foi vencida,
e não será jamais; volta a beleza,
vai renascendo a vida,
a fé que não declina, esta pureza
que derrota a dureza,
por mais que o desatino
queira manchar o branco do destino;

Por mais que queiram dano
ódio, poder, inveja e falsidade,
e cegamente o insano
dissemine o veneno da maldade,

esbarram na bondade:
o refinado ouro
no crisol recupera seu tesouro.

O ânimo constante,
armado de verdade, vai puindo
mil pontas de diamante,
e o fulgor que cegava, vai sumindo,
cresce o valor infindo
e vence o bando oposto,
pisando o mal e seu poder deposto;

e as mil vozes da Glória
tolhem o Tigre, esmagam a Serpente,
que agora são escória,
impedidos de incomodar a gente;
e corta o ar, urgente,
a Vitória, esplendor
que imprime gozo e paz ao vencedor.

Baltazar de Alcázar
(Espanha 1530 – 1606)

Cansado Estou

Tradução de José Bento

Cansado estou de ter sem Ti vivido,
que tudo cansa em tão nociva ausência.
Mas, que direito a dares-me clemência,
se me falta o sofrer de arrependido?
Porém, Senhor, em peito tão rendido
algo descobrirás de suficiência
que te obrigue a curar como doença
quanto me obstino, o erro cometido.
Tua esta conversão, pra que ma dês;
teu é, Senhor, o plano e teu o meio
de me conhecer eu e conhecer-te.
Aplica no meu mal, por quem Tu és,
teu alto bem, com que me remedeio,
de sangue, vida e morte, para eu ver-te.

Francisco de Aldana
(Espanha 1540 – 1578)

Senhor que Além do Estrelado Cume

Tradução de José Bento

Senhor, que além do estrelado cume
tudo distingues num presente eterno,
olha tua obra em mim, que ao cego inferno
a leva seu terrestre pesadume.
Eterno Sol, já o intenso lume
onde está meu abril florido e terno
morre, e ver penso ao mais nevado inverno
mais viçosa a raiz de seu costume.
Olha em mim tua imagem, Rei Divino,
com olhos de piedade: ao doce encontro
do raio celestial verás volvê-la,
que a ver-se como em vidro cristalino
a imagem olha o que se espelha dentro,
e está na vista dele o olhar dela.

João da Cruz
(Espanha 1542 – 1591)

Noite Escura

Em uma noite escura,
De amor em vivas ânsias inflamadas,
Oh! ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Já minha casa estando sossegada.

Na escuridão, segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh! ditosa ventura!
Na escuridão, velada,
Já minha casa estando sossegada.

Em noite tão ditosa,
E num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa,
Sem outra luz nem guia
Além da que no coração me ardia.

Essa luz me guiava,
Com mais clareza que a do meio-dia
Aonde me esperava
Quem eu bem conhecia,
Em sítio onde ninguém aparecia.

Oh! noite que me guiaste,
Oh! noite mais amável que a alvorada!
Oh! noite que juntaste
Amado com amada,
Amada já no Amado transformada!

Em meu peito florido
Que, inteiro, para ele só guardava,

Quedou-se adormecido,
E eu, terna, o regalava,
E dos cedros o leque o refrescava.

Da ameia a brisa amena,
Quando eu os seus cabelos afagava,
Com sua mão serena
Em meu colo soprava,
E meus sentidos todos transportava,

Esquecida, quedei-me,
O rosto reclinado sobre o Amado;
Tudo cessou. Deixei-me,
Largando meu cuidado
Por entre as açucenas olvidado.

CANTAR DA ALMA QUE GOZA POR CONHECER A DEUS PELA FÉ

Que sei bem eu a fonte que mana e corre
mesmo de noite.
Aquela eterna fonte está escondida,
mas eu bem sei onde tem sua guarida,
mesmo de noite.
Sua origem não a sei, pois não a tem,
mas sei que toda a origem dela vem,
mesmo de noite.

Sei que não pode haver coisa tão bela,
e que os céus e a terra bebem dela,
mesmo de noite.
Eu sei que nela o fundo não se pode achar,
e que ninguém pode nela a vau passar,
mesmo de noite.
Sua claridade nunca é obscurecida,
e sei que toda luz dela é nascida,
mesmo de noite.

Sei que tão cautelosas são suas correntes,
que céus e infernos regam, e as gentes,
mesmo de noite.
A corrente que desta vem
é forte e poderosa, eu o sei bem,
mesmo de noite.
A corrente que destas duas procede,
sei que nenhuma delas procede,
mesmo de noite.

Aquela eterna fonte está escondida,
neste pão vivo para dar-nos vida,
mesmo de noite.
De lá está chamando as criaturas,
que nela se saciam às escuras,
porque é de noite.

Aquela viva fonte que desejo,
neste pão de vida já a vejo,
mesmo de noite.

Chama viva de amor

Oh! Chama de amor viva
que ternamente feres
De minha alma no mais profundo centro!
Pois não és mais esquiva,
Acaba já, se queres,
Ah! Rompe a tela deste doce encontro.

Oh! Cautério suave!
Oh! Regalada chaga!
Oh! Branda mão! Oh! Toque delicado
Que a vida eterna sabe,
E paga toda dívida!
Matando, a morte em vida me hás trocado.

Oh! Lâmpadas de fogo
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido,
- que estava escuro e cego, -
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu Querido!

Oh! Quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde tu só secretamente moras:
Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

Torquato Tasso
(Itália 1544 - 1595)

Jerusalém Libertada
Canto XII (trechos)*

Tradução de André Rodrigues de Mattos

A famosa Etiópia já regia,
E inda terá o governo Fortunado,
Senapo, que do filho de Maria
Co'o povo negro a lei firme há observado;
Ali pagão fui servo, e aqui servia,
A feminis empregos destinado,
Da formosa rainha tendo cura,
Que não tira o moreno a formosura.

*Apresentamos aqui um largo trecho do Canto XII da Jerusalém Libertada, que narra a famosa passagem do batismo de Clorinda. Para situar o leitor, reproduzimos com adaptações o resumo da ensaísta e professora, Gilda Korff Dieguez:

"Godofredo, campeão cristão e iniciador da Cruzada, apaixonara-se por Clorinda, uma princesa muçulmana, uma exímia guerreira, portadora de um belo corpo. Clorinda sempre combatia revestida de uma armadura branca e, certa vez, na luta, caiu-lhe o elmo, desvendando para Tancredo a sua identidade. Assim, o herói nela reconhece a mulher de seus sonhos e a ela dedica uma confissão de amor, em plena batalha. O tumulto da guerra, porém, logo os separa.
Ao receber apoio, Godofredo partiu para a conquista da cidade. Para tanto, usou como estratégia uma grande torre de madeira, montada sobre rodas, na qual os guerreiros poderiam combater os infiéis por cima das muralhas. Clorinda, no entanto, em um arrojado gesto, saiu da cidade com Argante e, esgueirando-se pelas muralhas, aproximou-se da torre, para incendiá-la. Tendo sido percebidos, os guerreiros dão o alarme e, no combate, Clorinda e Argante abrem caminho até a porta da cidade. Um revés, no entanto, vem a ocorrer: as portas se fecham e Clorinda fica do lado de fora da cidadela.
Agora vestindo uma armadura negra, Clorinda tornou-se irreconhecível. Assim, Tancredo e ela travam um combate e Tancredo termina por atravessar-lhe o peito com uma espada. Quando percebe estar morrendo, o suposto guerreiro pede o batismo e Tancredo, ao soltar o elmo para jogar a água batismal sobre sua cabeça, quase morre de dor ao reconhecer a sua amada agonizante. Depois, Clorinda irá aparecer-lhe em sonhos, dizendo esperá-lo no Céu."

In: http://www.estacio.br/rededeletras/numero14/parlaquetefabene/texto3.asp

Arde o marido, e ao fogo dos amores
Bem do ciúme o gelo se igualava,
E, pouco a pouco, a força dos ardores
No tormentoso peito se aumentava;
Dos homens a ocultavam seus furores,
E inda ao Céu encobri-la procurava;
Mas faz nela a humildade, que se aceite
Quanto o seu senhor quer como deleita.

De uma devota historia, com famosa
Pintura, a régia estância era adornada;
Virgem branca de cara, em cor de rosa,
Junto a um dragão feroz se via atada;
Com a hasta ao monstro um cavaleiro a irosa
Garganta lhe deixava ensanguentada.
Ela aqui se ajoelhava cada hora,
E as suas culpas, chorando, exprime e ora

Concebe em tanto, e aos claros resplendores
(Tu foste o parto) deu cândida filha;
Turbada fica e em desusadas cores,
Como de um monstro, ali se maravilha;
E porque o rei conhece e os seus ardores,
Quer ocultar do parto a maravilha;

Pois o candor da rara novidade
Faria crer nâo branca a castidade.

E uma criança negra considera
Supor em teu lugar, pouco antes nada;
E, porque o caso foi na torre, que era
Só de mim e das suas damas habitada,
A mim, que era seu servo, e com sincera
Fé lhe assisti, te deu não batizada;
Nem já podia então batismo dar-te,
Que o abuso lh'o impediu d'aquela parte.

Chorando, a mim te entrega, e me comete

Que bem longe a criar te conduzisse.
Quem contará os abraços, que repete,
E as últimas ternuras, que te disse?
Nas vozes os soluços intromete,
Impedindo que a queixa prosseguisse.
Os olhos ergue, e diz: Oh! Deus, que atendes
Aos secretos, que só do peito entendes!

Se este meu coração é imaculado
E se é intacto o meu corpo, e casto o leito,
Eu não rogo por ele, que, culpado
De outras manchas, é vil no teu conspeito;
Salva o parto inocente, a quem negado
Foi até o leite do materno peito;
Viva, e a dicta das outras apeteça,
Só a mim na honestidade se pareça.

Tu, celeste guerreiro, que essa dama
Livraste da serpente venenosa,
Se aos teus altares pus humilde chama,
E se ouro e incenso te ofereci piedosa
Ouve por ela a voz, que em mim te chama,
E apele a ti da sorte rigorosa.
Disse; e o seu coração, que a morte ensaia,
Pálida deixa a cara, e se desmaia.

Eu te levei chorando, e em breve cesta,
Entre flores e folhas escondida,
De todos te encobri, com que nem esta
Nem outra circunstância foi sabida.
Parti desconhecido; e na floresta
Das mais hórridas plantas denegrida,
Uma tigre encontrei, que atenta gira
Os olhos contra mim, acesa em ira.

A uma planta me subo, e sobre a erva
Te pus: tal medo o coração me prende!
Chegou-se a horrível fera, e da soberba

Cabeça os olhos volve, e a ti te atende:
Mansuefesse, e adoçou a acerba
Vista, e com ato plácido se rende;
E tarda a ti se chega, tão propícia,
Que, rindo, lhe festejas a carícia.

Brincando, ao pêlo horrível e difuso
A pequenina mão segura estendes,
Ela as mamas te oferece, e, como é uso
Das amas, se acomoda, e tu lhe prendes.
Entanto eu vejo, tímido e confuso,
O alto prodígio, que tu mal entendes;
E, em fim, já satisfeita, sobre a relva
Te deixou do seu leite, e parte à selva.

Desci logo; tomei-te; e diligente
Os passos para onde antes dirigia;
E num pequeno burgo ocultamente
Te fiz criar em minha companhia.
Contigo estive, enquanto o sol luzente
Dezesseis meses aos mortais fazia;
E tu em língua de leite já explicavas
Voz mal distinta, e incertos passos davas.

Porém, chegando eu já aonde declina
A idade, na velhice caducando,
Rico de quanto a sorte me destina,
No que a bela rainha me foi dando,
Daquela vida errante e peregrina
À pátria reduzir-me desejando,
E em lugar caro entre os amigos logo
Viver, passando a vida ao próprio fogo;

A Egito me parti, d'onde fui nado,
Levando-te comigo, sem desvio,
E a uma torrente cheguei, d'onde cercado
Daqui fui de ladrões, dali do rio.
Que hei de fazer? A ti, que és peso amado,

Deixar não quero, e temo o risco ímpio;
Deito-me a nado, onde uma mão violenta
As ondas rompe, a outra te sustenta.

Rapidíssimo é o curso, e arrebatada
No meio a onda, se redobra e gira;
Mas junto, aonde mais volve alteada,
Em cerco me retorce, e ao baixo tira.
Larguei-te então; mas logo és levantada
Da água, e, conforme à água, o vento espira,
E te expõe salva sobre a branda areia,
E o meu cansaço em ti se lisonjeia.

Tomei-te alegre; e na alta noite, quando
Em profundo silencio estava o mundo,
Em sonhos vi um guerreiro, que, empunhando
A espada contra mim, disse iracundo:
Adverte bem no que te aviso e mando,
Que por mim este aviso é já segundo,
E essa infante batiza, pois é amada
De Deus, e a mim em custódia me foi dada.

Eu a guardo e defendo, e espírito hei dado
Às feras de piedade, e às águas mente.
Mísero tu, se agora, descuidado,
O que o Céu quer, não cumpres diligente.
Acordei; levantei-me; e desviado
Fui do sitio ao nascer do sol luzente;
Mas, crendo a sombra vã e a lei segura,
De batizar-te o meu temor não cura,

Nem do rogo materno; e assim induzida,
Foste pagã, e eu te encobri a verdade.
Cresceste de entre as armas atrevida,
Vencendo ao sexo a débil qualidade,
Fama e reino adquiriste, e qual tua vida
Fosse depois, tu mesma o persuade;
E servo e pai tens visto juntamente,

Que te hei seguido entre a guerreira gente.

Ontem pois, já na aurora, a mente opressa
Do sono intenso, que retrata a morte,
Em sonhos me aparece a imagem expressa;
E em mais irada vista, em som mais forte,
Eis, me disse, traidor, a hora se apressa,
Em que mude Clorinda vida e sorte;
Minha será, apesar dos teus vagares.
Disse; e com voo ligeiro rompe os ares.

Ouve, que o Céu agora te ameaça,
Querida minha, estranhos acidentes,
E por ventura quer que ninguém faça
Opugnação à fé dos seus parentes;
Fé será verdadeira; e assim, tu abraça
Depor armas, espíritos ardentes.
Cala-se; chora; e ela imagina e exprime
Que outro tal sonho o coração lhe oprime.

E, serenando o rosto, lhe dizia:
Agora esta fé julgo mais famosa,
Que o leite, que mamei, ma introduzia,
E tu queres fazer-ma duvidosa;
Constante a seguirei, que o mais seria
De um grande coração cousa afrontosa,
Inda que a morte, no hórrido semblante
Com que assombra aos mortais, veja diante.

Logo o consola; e porque o tempo chega,
Em que deseja dar à empresa efeito,
Por juntar-se ao guerreiro não sossega,
Que quer com ela expor ao dano o peito.
Ismeno se lhe junta; e em dar se emprega
Força ao vigor, que por si corre ao feito,
Duas palas fez de enxofre e de betume,
E dá em côncavo sobre oculto o lume.

Noturnos vão, com passos diligentes,
Por lhano e levantado sempre unidos
E assim à maquina grande os dois valentes
Foram de um mesmo impulso conduzidos;
E, em fúria igual, nos corações ferventes
Não cabem os espíritos reprimidos.
Tanto no fogo e sangue a ira os empenha!
A guarda grita, e lhe pergunta a senha.

Eles avante passam; mas a guarda
Às armas! Às armas! em alto som vozeia.
Mas dos dois, a quem nada em fim retarda,
O generoso passo não se enfreia.
E, à maneira de raio ou de bombarda,
Que em luz e estrondo a um tempo o ar rodeia,
Partir, chegar, dar no esquadrão possante,
Abri-lo e penetrá-lo, é só um instante.

Por mil armas passando e mil feridas,
Forçoso era seguir-se o altivo intento;
O lume descobriram, que em crescidas
Chamas pegou no fervido alimento;
Ao lenho as juntam logo repartidas.
Quem dirá como cresce ao fim violento
De mais lados o fogo? E como o escuro
Fumo às estrelas mancha o aspecto puro?

Veem-se globos de chama mista e escura,
Entre rodas de fumo, ao Céu girar-se;
O vento sopra, e em seu vigor procura
O incêndio dividido a um só juntar-se;
Fere o grande lume a vista mal segura
Dos Francos, que já prontos vão a armar-se;
E a mole ingente, tão temida em guerra,
Cai, e breve hora obra tão longa aterra.

Dois cristãos batalhões acodem logo,
Que do lugar do incêndio estão defronte.

Grita o circasso: Eu vou matar o fogo
Co' o vosso sangue. E a eles volta a fronte.
Mas por dar a Clorinda desafogo,
Cede e retira o passo para o monte.
Cresce mais que uma torrente em gran'chuveiro
A turba, e o vai seguindo pelo outeiro.

A áurea porta se abriu, d'onde, cercado
O rei de armado povo, concorria
Por socorrer no feito sublimado
Aos dois, cujo perigo prevenia.
Saltam eles à porta, e arrebatado
O tumulto dos Francos os seguia;
Solimão se lhe opõe; e em fim cerrada
Ficou; porém Clorinda só deixada.

Deixada só ficou, porque na hora
Em que a porta se fecha, ela voltara
Correndo iradamente para fora
Contra Arimon, que um golpe lhe empregara;
Mas o soberbo Argante inda até agora
Não tinha visto que ela se apartara,
Que a guerra e escuridão tinha impedido
Ao peito o alento, aos olhos o sentido.

Ela, depois que aplaca a mente irada
No sangue do inimigo, em si caía:
Viu a porta fechada, e, já cercada
De tantas armas, morta se temia;
Mas, vendo que de todos é ignorada,
Nova arte de salvar-se discorria;
E se fingindo da inimiga gente,
Entre eles se mistura facilmente.

Qual o lobo se esconde acautelado,
Depois do oculto dano, que tem feito,
Ela intenta no escuro achar sagrado,
Aonde salve o temeroso peito.

Só de Tancredo, a ela então chegado,
Foi conhecida a autora do gran' feito.
Que desde o ponto, que a Arimon ferira,
A vira, a assinalara, e a seguira.

Quer nas armas prova-la, e homem a estima,
Digno que ao seu valor possa igualar-se;
E ela, girando pelo monte acima,
Por outra porta pretendeu salvar-se.
Ele a segui-la intrépido se anima;
E, ouvindo o som das armas já chegar-se,
Voltada, assim lhe disse: Ó campeão forte,
Que procuras? Responde: guerra e morte!

Guerra e morte acharás, que eu não duvido
Matar, diz, quem me busca, e ousado afronta.
Não quer Tancredo ter melhor partido;
E, vendo-a a pé, do bruto se desmonta.
Um e outro o ferro empunha enfurecido;
Crescia mais no orgulho a ira pronta;
E já a encontrar-se vão, não de outra sorte,
Que dois zelosos touros para a morte.

Dignas de um claro sol, dignas de um pleno
Teatro, ações fariam valorosas.
Ó noite, que no escuro seio ameno
As obras lhe encobriste prodigiosas,
Permite que eu as diga, e ao teu sereno
As ouçam as idades mais famosas:
Viva o seu nome, e luza em alta glória.
Por entre o teu escuro, a sua memória!

Nem querem defender-se, ou desviar-se,
Nem a usada destreza ali tem parte,
Nem com golpes fingidos enganar-se,
Que tira a sombra e ira o uso à arte.
Horridamente os ferros encontrar-se
Se ouvem, sem que de um sítio o pé se aparte,

Firmes os pés, e as mãos em movimento,
Nem se dá golpe em vão, nem ponta ao vento.

A afronta irrita as iras à vingança,
E na vingança a afronta se renova,
Com que sempre ao ferir um e outro alcança,
Para novo furor, matéria nova;
De hora em hora se aumenta a gran' pujança;
O que é maior perigo mais se aprova;
E, até os pomos entrando o ferro agudo,
Elmo a elmo se encontra, escudo a escudo.

Três vezes o guerreiro a dama adstringe
Nos braços, e outras tantas, arrogante,
Daqueles nós tenazes se descinge,
Nós de fero inimigo, e não de amante.
Tornam a espada, e um e outro a tinge,
Já de ferir cansado e anelante,
E este daquela um pouco se retira,
E de tão longo batalhar respira.

Suspenso cada qual do corpo exangue,
Sobre o pomo da espada arrima o peso.
Já da última estrela o raio, langue
No alvor primeiro, que é no Oriente aceso.
Tancredo adverte em maior cópia o sangue
No seu contrário, e em si menos espesso,
E soberbo se alegra. Oh! nossa errada
Mente, a quem a aura da fortuna agrada!

Mísero, de que gozas? Oh! quão mesta
Te será esta vitória, e infeliz tanto,
Que a ti te custará, se a vida resta,
Cada gota de sangue um mar de pranto.
Assim calando, e vendo que se apresta
No descanso o vigor, cessando um tanto,
Rompe o silencio, em fim, Tancredo, e disse

Ao contrario que o rosto descobrisse.

Bem: é nossa desgraça que se empregue
Tanto valor, d'onde o silencio o cubra;
Mas pois quer a fortuna que se negue
Louvor e testemunho que o descubra,
Se é que o rogo entre as armas se consegue,
O teu estado e nome não se encubra,
Por que vencedor saiba, ou já vencido,
De quem vitória ou morte hei conseguido.

A cruel lhe responde: Em vão procuras
O que nunca por uso hei declarado;
Porém, qualquer que seja, te asseguras
Que um sou dos dois, que a maquina hão queimado.
Sentiu Tancredo novas amarguras;
E, em má hora, lhe diz, o há pronunciado,
Que o teu silêncio e a tua voz alcança,
Bárbaro, só irritar-me a mais vingança.

Tornou tal ira aos peitos, que os transporta,
E em que débil, um e outro o golpe emprega,
Ou a arte é já esquecida, ou a força é morta,
E por ambos peleja a faria cega.
Oh! que sanguínea e dilatada porta
Faz uma e outra espada aonde chega,
Nas armas e nos corpos! E se a vida
Não sai, a ira a tem no peito unida.

Qual o alto Egeu, que em que Aquilon ou Noto
Cesse, que de primeiro o revolvia,
Nem por isso se aplaca, e o som e o moto
Relem nas ondas, que agitadas via.
Tal, posto que sem sangue, exausto e roto
O vigor, que seus braços impelia,
Inda o primeiro impulso desumano
Conservavam, juntando dano a dano.

Mas a hora fatal já se chegava,
Que a vida de Clorinda ao seu fim deve,
E ele o peito gentil lhe trespassava
Aonde ávido o ferro o sangue beve;
E o luzente vestido, que apertava
Os tenros peitos, e a cintura breve,
Lhe encheu tépido humor; e ela já sente
Que morre, e os pés lhe faltam tristemente.

Ele segue a vitória, e à trespassada
Dama, furioso, inda ameaçando, oprime.
E ela, enquanto caía, a voz turbada
Movendo, as razões últimas exprime.
Voz, que de novo espírito ditada,
Fé, esperança e caridade imprime:
Virtudes, com que Deus lhe dera em sorte,
Rebelde a vida, e obediente a morte.

Venceste, amigo! eu te perdoo: perdoa
Tu agora, ao corpo não, que já me é grave,
À alma sim: segura-lhe a coroa,
Fazendo que o batismo as manchas lave.
E 'nestas vozes ultimas lhe soa
Um não sei que de flébil e suave,
Que o coração penetra, a ira mitiga,
E os olhos logo a lágrimas obriga.

Pouco daqui distante, desde o monte
Baixava, murmurando, um breve rio;
Ele lá corre, e o elmo encheu na fonte,
E tornou triste ao grande ofício e pio.
Tremer sentia a mão, enquanto a fronte
Lhe desenlaça, quase absorto e frio;
Viu-a, e ficou sem voz, nem movimento:
Estava viva; ah! vista! ah! pensamento!

Nem morreu já, porque a virtude, unida
Naquele ponto, o coração guardara;

Reprime a pena, e intenta dar-lhe a vida
Com água, pois com ferro lha tirara.
E a sacra voz apenas proferida,
Sentiu, que em riso e gozo se banhara;
E, mostrando morrer alegremente,
Disse: O Céu se abre, amigo, e eu vou contente.

A cara branca, em palidez formosa
De lírios e violas se mistura,
Ela os olhos levanta, e à ação piedosa
O Céu e o sol assistem com ternura.
A mão, já fria e nua, temerosa,
Porque as vozes lhe embarga a pena dura,
Ao Cavaleiro dá; e assim conforme,
Acabou de espirar, como quem dorme.

Miguel de Cervantes
(Espanha 1547 – 1616)

Pra Ti me Volto, Alto Senhor

Tradução de José Bento

Pra Ti me volto, alto Senhor, que alçaste,
à custa do teu sangue e tua vida,
a mísera de Adão inicial caída,
e, onde ele nos perdeu, nos recup'raste.
A Ti, Pastor bendito, que buscaste
das cem ovelhazinhas a perdida
e, achando-a plo lobo perseguida,
sobre teus ombros santos a deitaste.
Pra Ti me volto na aflição amarga
e a Ti cabe, Senhor, o dar-me ajuda,
pois sou cordeira de teu aprisco ausente:
temo que na corrida curta ou larga,
quando a meu mal teu favor não acuda,
me há-de alcançar esta infernal serpente.

Agrippa d'Aubigné
(França 1552 – 1630)

A Flora do Martírio

Tradução de Cláudio Veiga

Da Igreja a primavera e o verão já passaram.
Mas vós sereis por mim, verdes botões, colhidos;
Ainda vos abrireis, flores simples e vivas,
Embora pareçais derradeiras, tardias:
Ninguém vos deixará, ó florinhas preciosas,
Sem vos ver e cheirar no celeste jardim.
Uma rosa de outono é a mais linda das rosas:
Trouxestes alegria à Igreja em seu outono.

Balassi Bálint
(Hungria 1554 – 1594)

Uma Prece. Nova

Tradução de Ernesto Rodrigues

Já não sei onde ir, Deus misericordioso,
porque me tem cercado terríveis perigos.
Meu socorro, sê comigo, não me deixes humilhar!

Ou, se queres que eu sofra o teu castigo,
livra-me, se bates, da vergonha disforme,
tragas, antes, a morte que meu rosto desfigurado.

Inspira-me valentia, nome famoso,
execute meus actos com honestidade;
reveste-me com tuas armas, razão, coração forte.

Não me ultraje o inimigo vaidoso,
sê comigo, Senhor, e meu Deus benfeitor;
não viva com grande vergonha, nem me deixes cair.

Possa minha alma louvar a todo o momento
Quem são e salvo me conservou contra tudo.
Abençoado Deus, graças te dou para sempre. Amen.

François Malherbe
(França 1555 – 1628)

Paráfrase do Salmo CXLV

Tradução de Cláudio Veiga

Renunciemos, minha alma, a esse mundo terreno:
Vã sua luz, seus dons, fingido mar sereno,
Mas sempre encapelado, ao mínimo soprar;
Deixemos o ouropel, não lhe demos guarida:
Foi Deus quem deu a vida,
A Ele cumpre amar.

Em vão, para servir coitadas ambições,
De príncipes e reis, vivemos nas mansões,
Inclinando a cerviz, sofrendo insulto atroz;
E é nada o seu poder: humanos são apenas,
Curtindo as mesmas penas,
Morrendo como nós.

Chegando a vida ao fim, transforma-se em poeira
Essa grandeza toda, esplêndida, altaneira,
Cujo brilho soberbo assombra a multidão;
E nesses mausoléus, onde homens orgulhosos
Continuam vaidosos,
Come-os a podridão.

Luis de Góngora
(Espanha 1561 – 1627)

Ovelha Perdida

Tradução de José Bento

Ovelha perdida, vem
sobre meus ombros, pois sou
o teu pastor que chegou
e o teu pasto também.

Pra descobrir-te melhor
quando balias perdida,
deixei numa árvore a vida,
onde me ergueu teu amor;
se prenda queres maior,
minhas obras ta obtém.
Ovelha perdida, vem
sobre meus ombros, pois sou
o teu pastor que chegou,
sendo teu pasto também.

Hoje, eu em teu pasto feito,
- qual dará maior assombro
o trazer-te eu sobre o ombro,
ou trazeres-me em teu peito?
Prendas são de amor estreito
que até os mais cegos veem.
Ovelha perdida, vem
sobre meus ombros, pois sou
o teu pastor que chegou,
sendo teu pasto também.

Lope de Vega
(Espanha 1562 – 1635)

Solilóquio Primeiro

Tradução de José Bento

Oh Jesus de minha vida,
o que disse eu! Não partais:
que não é bem que sejais
de uma vida tão perdida.
Mas se vós não sois de mim,
eu sou de vós e não meu,
porque anseio achar em Deus
isto que sem Deus perdi.
Mas já volto a suplicar-vos
de minha vida sejais:
porque se vós não ma dais,
não terei vida pra dar-vos.
Quero dar-vos minha vida,
e sem vós não é dar-vos nada,
porque convosco é ganhada
quanto sem vós é perdida.
Eu morro de puro amor
por chamar-vos vida minha:
que a que sem vós eu tinha
já não a tenho, Senhor.
Vossa compaixão me influi
como a ovelha redimida,
quero chamar-vos só vida,
mas sei que morte vos fui.
Vida minha, suplicar-vos
eu quero hoje um favor;
que bem me sabe, Senhor,
eu vida minha chamar-vos!
Quando vida vos chamei,
a pedir-vos me atrevi,

porque o prazer eu senti
que em vossos braços achei.
E é que nunca permitais
que outra vida sem vós tenha:
pois não é bem que a viver venha
vida onde vós não estejais.
Ai Jesus! Como vivi
um só momento sem vós?
Pois se a vida é Deus em nós,
que vida restava em mim?
Que coisas tive por vida
tão miseráveis e tristes!
Como é que vós conseguistes
suportá-la tão perdida?
Contudo, meu Deus, sustento
que foi permitido assim
para que se visse em mim
quanto em vós há sofrimento.
Mas vós não o haveis perdido,
oh soberana piedade!,
conheço minha maldade
plo que me haveis consentido.
Porque sei do meu errar
como se eu Deus não tivera:
que quem menos que Deus era
não me pod'ria aguentar.
Quantas vezes vos neguei
ao dizer minha loucura
à fingida formosura
onde não há fé nem lei!
Se a vossa na cruz eu visse,
ai, Deus, quanto eu vos amara!
Quantas lágrimas chorara,
que palavras com meiguice!
Não sei, meu bem, que fazeis,
que todo me enamorais,
ou que, como aberto estais,
mostrais quanto me quereis.

Mas por vós ameaçado
creio que não vos temi,
e cheio de sangue, sim.
Que é isto, Deus adorado?
Oh, mas que divinas cores
o sangue frio vos faz!
Vida minha, como estás
para falar-vos de amores!
Porém, já que me provoco
ao ver-vos com uma tal dor,
falei-vos muito, Senhor;
deixai-me chorar um pouco.

Temores no Amparo

Tradução de José Bento

Se, eterno Rei, em minhas mãos vos miro
quando a mais pura vítima levanto,
por tão ousado e indigno ser me espanto,
a compaixão do vosso peito admiro.
Minha alma às vezes com temor retiro,
às vezes dou-a ao amoroso pranto;
e arrependido de ofender-vos tanto,
com ânsias temo e a sofrer suspiro.
Vossos olhos nos meus os tornem sãos,
que nas sendas de meu erro precitas
me despenharam pensamentos vãos;
não sejam tantas as nossas desditas
que a quem vos teve nas indignas mãos
o desprendais de vossas mãos benditas.

John Donne
(Inglaterra 1572 – 1631)

IV

Tradução de Afonso Felix de Sousa

Ó minha negra Alma! agora que é bem clara
A voz do mal, da morte o arauto e o paladino,
És qual réu por traição que se fez peregrino
e não ousou voltar à pátria que deixara,

Ou és como um ladrão antes de condenado
À morte, que só quer livrar-se da prisão,
Mas que ao ver-se arrastado, face à execução,
Quer voltar a ser preso, ainda que abominado.

Terás, se te arrependes, a graça como fruto,
Sim, mas quem te dará a graça da intenção?
Oh, que te vistas com sagrado e negro luto

E então te ruborizes, como a pedir perdão;
Ou banha-te no sangue de Cristo, com poder
De, ainda que vermelho, almas embranquecer.

I

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Tu me fizeste, e tua obra se desfaz?
Então repara-me, porque meu fim se apressa,
Vou rumo à morte, que de buscar-me não cessa;
Já é de ontem todo o meu prazer falaz.
Não sei para onde voltar os olhos neste instante
De terror; da minha carne, em extrema fraqueza,
Por suas próprias culpas, o inferno faz sua presa;
E eu vejo o desespero atrás e a morte adiante.
Só tu pairas no alto, e meu ser só consegue
Erguer-se, se, por Graça, a ti dirijo o olhar;
Mas nem uma hora assim posso mais sustentar,
Pois teu velho, hábil inimigo me persegue.
Contra ele, dá-me asas; e, qual ímã, então,
Atrai a ti o ferro do meu coração.

Hino a Deus, meu Deus, em minha doença

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

No que me aproximo do aposento sagrado,
Aonde para sempre, no coro angelical,
Eu serei tua Música; no que me translado,
Afino meu instrumento já aqui no portal,
E vou treinando pro meu futuro coral.

Meus médicos se transformaram em devotados
Cosmógrafos, e, em mim, seu mapa que aqui jaz
Estendido no leito, vai ser demonstrado
Que a descoberta de meu Sudoeste se faz
Per fretum febris, estreitos febris fatais.

E eu me alegro, se destes istmos eu avisto
O meu Oeste, donde retornar é vão.
Que risco há em meu Oeste? Se Oeste e Leste,
Nos mapas planos (e eu sou um), eles um são –
Assim a morte emenda na Ressurreição.

E indago: o Oceano Pacífico é meu lar?
Ou as riquezas orientais? *Jerusalém*?
Ou serão *Behring*, *Magalhães* ou *Gibraltar*?
Sejam eles os de *Jafé*, de *Cam* ou *Sem* –
Estreitos todos, provações para ir além.

Creio que juntos o *Calvário* e o *Paraíso*,
A Cruz de *Cristo* e a árvore de *Adão* se achem.
Olha, Senhor e vê em mim *Adão* e Cristo:
Se o suor do primeiro inunda a minha face,
Que o sangue do segundo a minha alma enlace.

Envolto em tua púrpura, Senhor, recebe-me;
Dá-me a outra coroa por esta da paixão.
Como a outras almas, tua Palavra a mim eu pregue
E sirva-me este texto de último sermão:

P’ra nos elevar o Senhor nos joga ao chão.

Francisco de Quevedo
(Espanha 1580 – 1645)

Salmo XXVIII do Heráclito cristão

Tradução de Marco Lucchesi

Amor me teve alegre o pensamento,
e no tormento, cheio de esperança,
enchendo-me com falsa confiança
os olhos claros desse entendimento.

E provo do passado um só tormento;
pois ao chegar ao porto com bonança,
de quanta glória e bem-aventurança
o mundo possa dar-me, tudo é vento.

Sinto vergonha dos passados anos,
aos quais pudera dar um melhor uso,
buscando a paz e não seguindo enganos.

E assim, meu Deus, a Ti volto confuso,
certo que hás-de livrar-me desses danos;
pois sei a minha culpa e não a escuso.

Na morte de Cristo contra a dureza do coração do homem

Porque derrama noite o sentimento
por todo o cerco dessa chama pura,
e amortecido o sol em sombra escura
dá lágrimas ao fogo e voz ao vento;

porque da morte o negro encerramento
descobre com tremor a sepultura,
e o monte, que separa da planura
o mar vizinho, se divide atento;

de pedra é, homem duro, de diamante
teu coração, pois morte tão severa
co’s olhos não afoga teu semblante.

Mas de pedra não é. Porque deveras
de compaixão por ver a Deus amante,
ao resvalar nas pedras se rompera.

Francisco López de Zárate
(Espanha 1580 - 1658)

Pedindo Perdão a Deus pelos Erros Cometidos

Tradução de José Bento

Sou quem mais vosso sangue derramado
tem. De vossos carrascos o mais fero;
de todos o maior – se não primeiro -,
o que mais na cruz vos tem cravado;
sou o que anima todo o desgraçado,
por mais torpe, sacrílego e grosseiro;
o lobo mais atroz para o cordeiro,
de seu holocausto mal aproveitado.
Isto sou, mas constante na esperança,
e não sem dons, de que sois piedoso,
compaixão peço com pejo atrevido.
Se o suspiro menor de vós a alcança,
prostro-me, se culpado, pesaroso.
Acolhei-me, por fraco ou por rendido.

Juan de Tassis
(Espanha 1582 - 1622)

Aos Presságios do Dia do Juízo

Tradução de José Bento

Cinzas que aguardais já aquela trompa
para unir as espécies separadas
com que ao Juízo final serão chamadas
as almas puras com gloriosa pompa,
na hora em que a voz de Deus, abrindo, rompa
os mármores e lousas mais pesadas,
para que unidas e purificadas
saiais em forma que o tempo não corrompa.
Não pode estar já longe, pois é certa
aquela confusão, cuja agonia
os dormentes espíritos desperta.
Antes eu neste caso julgaria
que morta ver coisa imortal alerta
para os prodígios desse único dia.

Pedro Soto de Rojas
(Espanha 1584 - 1658)

Palavras Ternas

Tradução de José Bento

Quando, eterno Senhor, de minhas dores
um pesar nascerá tão atrevido
que assalte o muro ao vosso santo ouvido,
entrando aí meus prantos e clamores?
Quando, com esperança e sem temores,
já nu de sombras e de fulgores vestido,
todo o vazio, que ocupou o sentido,
perfeitos encherão vossos amores?
Oh quão difícil, se ao meu ser mesquinho
tarde se acode, e como temporão
se ao vosso generoso peregrino!
Em terra estou, conduza vossa mão
(que por mim eu jamais sei o caminho)
luz que se ofusca em humana confusão.

Dirk Rafaelsz Camphuysen
(Holanda 1586 – 1627)

Paz

Tradução de Manuel Bandeira

Muita luta aqui lutareis,
Muita cruz e dor sofrereis,
Santos costumes guardareis,
Caminho estreito tomareis
E muita reza rezareis,
Enquanto aqui permaneceis:
Assim, depois, em paz sereis.

George Herbert
(Inglaterra 1593-1633)

O Altar

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Senhor, teu servo te levanta um ALTAR quebrado,
Feito de um coração, e de lágrimas cimentado,
Cujas partes são como tua mão os moldou;
Instrumento algum um outro assim criou.
CORAÇÃO solitário,
Nenhum lapidário
Capaz de o lavrar
Com Tu'arte ímpar.
Coração de pedra,
Cada caco informe
Se une e se queda
A louvar teu Nome.
Por isso, se eu consigo alcançar a paz,
Destas pedras aqui teu louvor ouvirás.
Oh! permite que o SACRIFÍCIO aqui seja meu,
E santifica este ALTAR, para que seja teu.

A Agonia

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Homens de ciência já têm medido montes
Sondado a fundo mares, reinos e reis;
Perscrutam o céu, medindo-o; rastreiam fontes.
Mas duas coisas há bem mais vastas, e eis
Que melhor estas convinham a um medidor –
Poucos as sondam: são o pecado e o amor.

Vá ao Horto das Oliveiras quem quiser
Conhecer o pecado; ali, torturado
De infindas dores, um homem vai-se ver:
Cabelos, pele, vestes ensanguentados.
O pecado é o instrumento que carreia
A dor: compele-a a nutrir-se em cada veia.

E aquele que o Amor quiser avaliar,
Procure provar o sumo que, da cruz,
Uma lança fez jorrar; diga depois
Se jamais provou de um outro similar.
Pois o Amor é esse licor, doce e divino,
Que a meu Deus soube a sangue; e a mim sabe a vinho.

Páscoa

Tradução de Ruy Vasconcelos

Acorda ser; teu Senhor acordou. Canta em louvor
A teu Senhor,
Que te traz à mão, para te ensinar
Junto a Ele acordar:
Assim se Sua morte reduziu-te a pó,
Sua vida far-te-á ouro ou ainda melhor.

Acorda guitarra, apressa-te por tua parte
Com toda arte.
A cruz ensinou a cada tábua Seu nome ressoar,
E por igual suportar.
Seus tendões partidos ensinaram às cordas que tom
É melhor para bem celebrar um dia tão bom.

Juntem-se ambos, ser e guitarra, e teçam uma canção
De boa duração.
E como a música está em três partes fracionada,
E multiplicada,
Ah, deixai Vosso Santo Espírito gestar uma delas,
E reparar nossos defeitos em Suas aquarelas.

Trouxe flores para forrar-Te o caminho
E ramos de árvores várias em abrigo,
Mas acordaste antes dos raios em arminho,
E trouxeste as fragrâncias junto contigo.

O sol sai a leste, sai todo dia
E entanto luz lance e bálsamo do leste;
Se dados fossem em analogia
Nada seriam frente ao que fizeste.

Que outro dia a este é soberano,
Ainda que plácido como um novilho?

Contamos trezentos, mas engano:
Como este há um só, e seu único brilho.

Francis Quarles
(Inglaterra 1594 – 1644)

Zaqueu

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Parece-me ver com quanta sofreguidão
Zaqueu subiu na árvore. Mas oh!, então,
O salvador o chama, e com que rapidez,
Vê só, com quanta pressa, ele desce outra vez!
Sem nem pensar se os galhos são firmes ou não,
Sem nem medir a sua distância do chão.
Não há perigo a temer. Àquele Chamado,
Quem teme a queda põe em risco o seu bocado.
O Espírito o dirige - tens de descer, Zaqueu.
Não hás de cair, a não ser cair no céu.
Lá salta então Zaqueu da árvore, embevecido -
Nem tão rápido cai o pássaro atingido

Autor espanhol desconhecido
(Espanha 1600?)

A Cristo crucificado

Tradução de Manuel Bandeira

Não me move, meu Deus, para querer-te
O céu que me hás um dia prometido:
E nem me move o inferno tão temido
Para deixar por isso de ofender-te.

Tu me moves, Senhor, move-me o ver-te
Cravado nessa cruz e escarnecido.
Move-me no teu corpo tão ferido
Ver o suor de agonia que ele verte.

Moves-me ao teu amor de tal maneira,
Que a não haver o céu ainda te amara
E a não haver o inferno te temera.

Nada me tens que dar porque te queira;
Que se o que ouso esperar não esperara,
O mesmo que te quero te quisera.

Calderón de la Barca
(Espanha 1600 – 1681)

A Primeira Pedra

Tradução de Honório Armond

... ...
Ora, um dia em que o Senhor
dos fiéis em meio ao bando
ia aos gentios falando
da Caridade e do Amor,
feriu-lhe, de chofre, o ouvido
surdo rumor popular.
Era um guaio desabrido
que lembrava o atro bramido
dos roucos roncos do mar...
Uma mulher corre e brada,
grande turba vem-lhe empós...
o medo a traz desvairada...
o horror lhe fala na voz...
Vendo o bando acusador,
só, entre tanto inimigo,
proteção procura e abrigo
às plantas do Redentor.
"A que vindes? que fazeis
perseguindo esta infeliz?"
"Á morte!" o povo lhe diz.
"Violou, Rabi, as leis
das tábuas de Moisés!"
"Porque pedis sua vida?
Fala..."
e a mulher perseguida
soluça, baixo, a seus pés...
E a turba vil, carniceira,
vendo que a presa escapava,
lançou, em voz alta e brava,

a acusação justiceira:
“Não a acolhas, ó Rabi,
por mais que te implore e clame!
É uma adúltera! uma infame!
há de morrer hoje aqui!”
“É justo!” disse, calmando
a tempestade a bramar...
“Dai-lhe o castigo exemplar
desse seu crime nefando.
Castigai-a! A Lei o quer.
Não serei quem tal não queira!
... Quem sem pecado estiver
atire a pedra primeira
á fronte desta mulher...”.
Não se levanta um só braço...
todo o povo baixa o olhar...
e, no chão, de espaço a espaço,
as pedras vão de rolar...
Disse então Jesus:
“Escuta!
Onde está quem te condena?
Não te crimino eu também...
Glória seja à alma serena
que, entre os ódios e a disputa,
ao perdão, fácil, se atém...”

... e sob o céu calmo e brando,
Jesus se foi, predicando,
em torno a Jerusalém...
... ...

Gabriel Bocángel
(Espanha 1603 - 1658)

À Conversão de um Pecador

Tradução de José Bento

Senhor, estou por vós já tão tocado,
quando o pensar ao contemplar permito,
que, sustido eu por vós ao infinito,
representais paciência de olvidado.
Eu que dormi, por vossa voz chamado,
hoje desperto à voz do meu delito,
e ao primeiro pesar de vê-lo escrito
já dais os privilégios de apagado.
Dívida, Senhor, é, não confiança,
pensar que do sofrer o sacrifício
grato aroma se salve, onde ele ascenda.
Embora me deixeis certa a esp'rança,
pois quem trocou a ofensa em benefício,
- que mérito dará à própria of'renda?

Pierre Corneille
(França 1606 – 1684)

A Ciência Principal

Tradução de Cláudio Veiga

É próprio dos mortais o anseio de saber.
Existe desde o berço e só a morte apaga.
Mas, ó Deus! cuja mão nos faz o que nós somos,
Sem teu temor, pode o saber ser proveitoso?

Um rude camponês, sem nenhuma instrução,
Que só sabe te amar e tem somente a fé,
Que um sábio vale mais, inchado de ciência,
Indagador dos céus e néscio de si mesmo.
Aos olhos do Senhor, terá grande valia
Ter tudo conhecido, as causas e os efeitos?
Pode o nosso saber aplacar um juiz
Que apenas considera o que tivermos feito?

Paul Gerhardt
(Alemanha 1607 – 1676)

A Santa Face

Tradução de Herculano de Carvalho

Fronte sangrenta e ferida
De opróbrio e sofrimento,
Ó fronte escarnecida
De espinhos no tormento,
Fronte há pouco adornada
De louros e jasmim,
Hoje tão ultrajada,
Sê bendita de mim!

Tu, ó face tão nobre
Que os grandes desta vida
Honravam, deste modo
És agora cuspida!
Como te vejo pálida!
Quem a luz desse olhar,
Que o sol não igualava,
Nos veio assim turvar?

O que sofres, Senhor,
É meu pesado fardo;
De mim, tão pecador,
Suportas o pecado.
Repara: só castigo
Mereci da tua mão:
Dá-me tu, compassivo,
A luz de teu perdão!

John Milton
(Inglaterra 1608 – 1674)

Paraíso Perdido
Canto XII (trecho)

Tradução de António José de Lima Leitão

Publicamos aqui um largo trecho do Canto XII (o último) do Paraíso Perdido. Para melhor situar o leitor, eis o argumento geral do Capítulo inteiro: "O anjo Miguel continua a contar a Adão (já caído), ainda dentro do Jardim do Éden, o que há de suceder depois do dilúvio: — então, fazendo menção de Abraão, vai avançando gradualmente até explicar quem é a "raça da mulher" prometida a Adão e a Eva em sua queda. Segue explicando sobre a encarnação, morte, ressurreição e ascensão do Redentor, e o estado da Igreja até sua segunda vinda. Adão, mui satisfeito e sumamente confortado por estas narrações e promessas, desce da colina com Miguel. Vai acordar Eva que tinha dormido durante todo esse tempo, — mas já disposta, por meio de sonhos agradáveis, à tranquilidade de ânimo e à submissão. Miguel, tomando-os pela mão, leva-os para fora do Paraíso: — a espada de fogo brande-se furibunda por detrás deles, e os querubins tomam seus postos para guardar o jardim."

... ...

Aqui Adão interrompeu o arcanjo:
"Celeste mensageiro, que iluminas
De meu turbado entendimento as sombras,
Tens-me gratos sucessos revelado,
Principalmente os que respeito dizem
A esse justo Abraão e à prole sua.
Eis a primeira vez que em mim contemplo
A vista clara, o coração tranquilo:
A minha sorte e a da progênie humana
Tinham minha alma em dúvidas perplexa;
Mas vejo agora o dia em que ditosas
Serão as gentes por bênção do Eterno,
Graça que eu não mereço, eu que insensato
Por vias proibidas quis meter-me

Na indagação de proibidas coisas.
Contudo, não entendo por que a gentes,
Com quem na terra Deus morar se digna,
São dadas tantas leis e tão diversas:
Muitas leis é sinal de muitos crimes;
E como pode residir o Eterno
Com gentes de tais crimes empestadas?"

"É certo" (diz Miguel) "que o crime entre elas
Existirá porque de ti nasceram:
Foram-lhes dadas leis para indicar-lhes
Sua depravação que, não obstante,
Contra as leis os pecados lhes promove.
Verão que as leis descobrem os pecados,
Porém que removê-los não conseguem;
E que não podem de per si os homens
Das leis cumprir as máximas profícuas,
Não podendo também por si salvar-se.
Das reses pouparão por isso o sangue
Como expiação de inútil valimento;
E entenderão que sangue mais precioso
É que expiar poderá culpas humanas,
Por pecadores padecendo o justo.
Acharão, se com fé a acreditarem,
Na retidão do justo um pleno auxílio
Com que às iras do Eterno satisfaçam,
E a doce paz alcancem da consciência,
Que as leis e os ritos aquietar não podem.
Foram portanto as leis aos homens dadas
Para os dispor a entrar, lá quando volva
O destinado círculo dos tempos,
Num pacto mais augusto, indo ensinados
Dentre as sombras dos símbolos confusas
Para o fulgor da nítida verdade;
Da carne, para o espírito eminente;
Da dura imposição de leis restritas,
Para a livre acepção de imensas graças;
Da obediência servil, fruto do medo,

Para a atenção filial que o amor inspira;
E das obras da lei, feitas por força,
Para obras a que a fé persuade e guia.
Muito de Deus será Moisés amado;
Mas, da lei sendo só simples ministro,
Não levará a Canaã seu povo.
Tal regalia gozará Josué,
Que *Jesus* os gentílicos nomeiam,
Havendo ele tomado o cargo e o nome
Do que há de suplantar a hostil serpente;
E, reduzindo ao bom caminho os homens
Do Mundo no deserto vagabundos,
Há de salvá-los no descanso empíreo.
Na prometida terra colocados
Por longo tempo morarão felizes;
Mas, quando pelos nacionais pecados
For a pública paz interrompida,
Inimigos o Eterno induz contra eles.
Contudo, vendo a penitência sua,
Protege-os, salva-os dando-lhes juízes
E logo reis que próvidos os mandem.
Grande em piedade, grande em valentia,
O rei segundo alcançará promessa
De que seu trono real durará sempre;
Hão de cantar as profecias todas
Que um filho nascerá da régia estirpe
De David (este o nome do monarca):
Hão de todos crer nele os povos do Orbe,
E *Prole da Mulher* hão de chamar-lhe:
Profetizado a ti, também tal dita
Tem Abraão, que reconhece nele
O redentor das gentes inegável;
Profetizado aos reis, que em série longa
O devem preceder, o último deles
Será, por ser eterno o seu reinado.
O filho de David que ao pai sucede,
Em sapiência e riquezas tão distinto,
A arca de Deus porá num templo augusto

Té ’li oculta em pavilhões errantes.
Seguem-se-lhe outros reis: do Mundo os fastos
Parte maus, parte bons, hão de escrevê-los;
Mas a lista dos maus será mais longa.
Hão de estes cometer enormes culpas
E entre elas a nefanda idolatria,
As quais, somadas coas dos povos, tanto
De Deus enfadarão as justas iras
Que em abandono os deixará, expondo
Seu reino, a corte sua, o excelso templo,
A arca divina, os utênsis sagrados,
À presa e opróbrio da cidade altiva,
Cujos muros e torre presunçosa
Tu mesmo viste em confusão deixados,
Por isso de Babel tomando o nome.
Setenta anos em duro cativeiro
Hão de ficar ali, que Deus o manda:
Recordando depois o pacto e a graça
Que jurara a David, tão permanentes
Como os dias do Céu, piedoso os livra
Dos reis influindo que sair os deixem.
Ei-los que da alta Babilônia partem:
Edificam de novo o sacro templo,
E por um tempo prosperar conseguem
Vivendo em mediania moderados.
Porém, crescendo em número e riquezas,
Fazem-se turbulentos: a discórdia
Teve entre as aras a explosão primeira;
E esses homens, a Deus e à paz votados,
Dão da carnage e da anarquia o exemplo.
Desacatando de David a prole,
Despojam-na do cetro, e desonrados
Em estrangeiras mãos o depositam.
Convinha assim, para nascer excluso
De seu jus o Messias verdadeiro.
Contudo, o nascimento lhe proclama
Clara estrela, no Céu não vista nunca,
E do Oriente conduz os sábios que instam

Em buscar do grão Rei o pobre albergue,
Para com reverência lhe ofertarem
De incenso e mirra, e de ouro, amplos tributos.
A zagais, que de noite alerta andavam,
Um anjo mostra onde recém-nascido
Achariam do Mundo o Rei supremo.
Ao vê-lo alegres correm, e de um coro
De anjos, formado em esquadrão brilhante,
Escutam este cântico solene:
— "Por Mãe teve uma virgem sacrossanta;
"É seu Pai o poder do Onipotente:
"Há de subir ao trono hereditário;
"A todo o Mundo seu império abrange;
"Os Céus inteiros enche a sua glória." —

Disse. Eis Adão, regado havendo dantes
Com puro pranto de aflição as faces,
Em pranto de alegria então se inunda,
E com palavras tais por fim a exala:

"Profeta dos mais prósperos sucessos,
Fixas tu minhas altas esperanças:
Agora às claras vejo, tendo ansioso
Té hoje em vão cansado o pensamento,
Por que o libertador da espécie humana
Seria *Prole da Mulher* chamado.
Salve, Mãe Virgem, puro amor do Eterno!
Terás origem nas entranhas minhas;
No teu ventre a terá de Deus o Filho:
Desta maneira Deus unes co'os homens.
Seu estrago total com dor terrível
Certo agora esperar deve a Serpente.
Onde e quando será essa batalha?
Com que ferida o vencedor augusto
Prostrará desse monstro as bravas iras?"

"Dessa batalha" (diz Miguel) "não julgues
Como de um duelo ou de locais feridas,

Nem que homem vai fazer-se o Filho Eterno
Para arruinar melhor o teu contrário.
Assim não pode ser Satã vencido:
A queda que sofreu da empírea altura
Foi o estrago maior que ter podia;
Mas não lhe impede que perverso te abra
A ferida de morte: o grande Nume,
Teu salvador, virá depois fechá-la,
Não de Satã destruindo a própria essência
Mas sim as obras com que tenha ervado
A ti e a toda a descendência tua.
Conseguirá seu fim, cumprindo exato
De Deus a lei sagrada que infringiste,
Dada sob pena de infalível morte, —
E sofrendo essa morte que lançaste
Sobre ti, sobre tua inteira prole,
Pela infanda infração que cometeste.
Eis o só modo de aplacar do Eterno
A tremenda justiça inabalável.
A lei se acinge a vítima divina
Por obediência e por amor levada;
Também só por amor fizera o mesmo.
Suportará teu áspero castigo;
Há de sacrificar-se generoso
A vida desonrada, a morte infame,
Dest'arte recobrando a vida a todos
Que em sua redenção acreditarem,
Não conseguida pelas obras deles
(Posto que à lei cingidas se executem),
Porém só pelos méritos imensos
Da vítima sagrada. Entre mil ódios
Tendo vivido, prendem-no ultrajado,
Julgam-no por blasfêmias e ignomínias,
Sentenciam-no à morte, e em cruz alçada
Mesmo os seus próprios nacionais o pregam.
Morre ele para dar aos outros vida:
Na sua mesma cruz pregar consegue
Teus imigos, a lei que te é contrária,

E as culpas todas da progênie humana:
Não mais hão de danar assim quem creia
Remido ser por este sacrifício.
Morre Deus, — porém vivo eis que ressurge:
Sobre ele a morte pouco tempo exerce
Usurpado poder: antes que aponte
A alva terceira, da manhã os lumes
Vê-lo-ão erguer-se da marmórea campa
Muito mais belo que a brilhante aurora.
Coa morte paga do homem o resgate:
Preciosa morte que dá sempre a vida
A quem, quando lhe é dada, a não despreza,
E abraça tão grandioso benefício
Com fé que de obras suas se acompanha!
Este ato divinal desfaz, anula
A sentença que à morte te condena,
Com que perderas para sempre a vida
Se morresses no grêmio do pecado;
Esmaga de Satã a altiva fronte;
Poderoso lhe oprime a enorme raiva,
Pondo o Pecado e a Morte em dura ruína
(Os braços principais do rei das trevas).
Eles os seus farpões na frente imunda
Hão de cravar-lhe com mais fundo estrago
Do que o da morte temporal ferindo
O vencedor e os que remiu seu sangue,
Nos quais a morte parecida ao sono
É doce entrada para a vida eterna.
Nem muito tempo se demora no Orbe,
Depois de ressurgido, o Nume-Filho:
Aos discípulos caros aparece
Que sempre em sua vida o acompanharam;
O encargo lhes impõe que aos povos todos
Ensinem tudo que aprenderam dele,
Assegurando-os que obterão de certo
A salvação se nela acreditarem
Recebendo o batismo de água pura, —
Cerimônia que os limpa do pecado,

Dispõem-nos para venturosa vida
E para desprezar da morte os golpes,
Resignação humilde lhe ofertando,
Mesmo aos do Redentor sendo igualados.
Hão de assim doutrinar os povos todos.
Desde esse dia a salvação pregada
Não será de Abraão somente aos filhos, —
Mas também dele aos que na fé viverem,
Seja qual for a terra que habitarem:
Serão desta maneira as nações todas
Na prole de Abraão abendiçoadas.
Ao Céu dos Céus então o Nume-Filho
Tem de subir nas asas da vitória,
Teu inimigo e o seu vencendo no éter:
Nas diáfanas regiões há de encontrar-se
Coa Serpente infernal, tirano delas;
E ali, mesmo através de seus domínios,
Há de envolta em cadeias arrastá-la,
Deixando-a logo confundida e inerme.
Entra dali pelos umbrais da glória
E toma, à destra do Imortal, o assento
Que, muito acima dos mais altos tronos,
Ocupara desde eras sem quantia.
Depois, lá quando no prefixo prazo
For dissolvida a máquina do Mundo,
Ele irá, de poder e glória cheio,
Justiçoso julgar vivos e mortos:
As culpas punirá da turba infida
E premiará a multidão dos justos,
Recebendo-os na dita sempiterna
Ou no Céu ou na Terra, que em tais tempos
A Terra tem de ser um Paraíso
Mais delicioso do que é este do Éden,
Com mais ditosos dias realçados.”

Disse, — e fez pausa, como demonstrando
Ser aqui a grande época do Mundo.

Maravilhado e cheio de alegria
Nosso primeiro pai assim lhe torna:

"Ó bondade sem fim, bondade imensa!
Tiras de tanto mal um bem tamanho!
De muito se avantaja este prodígio
Ao que na Criação primeiro obraste
Quando a luz dentre as trevas extraíste!
Não sei se me desonre ou se me ufane
Do meu pecado, ao ver que dele surge
Mais glória para Deus e o bem dos homens, —
Ao ver que ele mostrou no Onipotente
Dos homens em favor bondade suma,
E a graça muito superando as iras.

... ...

De Deus a espada à frente da coluna
Vem pelo éter brandindo acesa e fera,
Qual cometa, presságio de ruínas:
E logo com vapores abrasados,
Como os que reinam pela Líbia adusta,
Começou a queimar tão doce clima.

O arcanjo, que tal viu, toma apressado
Pela mão nossos pais que se demoram.
Do oriente até à porta assim os leva;
E, chegando à planície que se alonga
Fora do Éden, deixou-os e sumiu-se.

Olhando para trás então observam
Do Éden (há pouco seu ditoso asilo)
A porção oriental em flamas toda
Debaixo da ígnea espada, e à porta horríveis
Bastos espectros ferozmente armados.

De pena algumas lágrimas verteram,
Mas resignados logo as enxugaram.

Diante deles estava inteiro o Mundo
Para a seu gosto habitação tomarem,
E tinham por seu guia a Providência.

Dando-se as mãos os pais da humana prole,
Vagarosos lá vão com passo errante
Afastando-se do Éden solitários.

Sobre a Recente Chacina no Piemonte

Tradução de Oswaldino Marques

Vinga, ó Senhor! teus santos trucidados,
Cujos ossos se dispersam pelos frios montes dos Alpes;
Mesmo os que tua lei tão pura outrora conservaram,
Quando nossos pais adoravam reses e pedras,
Não olvides: em teu livro inscreve os seus lamentos,
Dos que eram tuas ovelhas, em seu antigo redil
Imoladas pelos sanguinários piemonteses
Que fizeram rolar mãe com infante rocha abaixo.
Seus gemidos, os vales redobraram para os montes, e estes
Para os céus. Semeia o sangue e cinza dos mártires
Sobre os campos italianos, onde ainda impera
O tríplice tirano, para que deles renasça
Uma centúria que, tendo aprendido tuas vias,
Breve possa expulsar a praga babilônica.

Sobre a sua cegueira

Tradução de Jorge de Sena

Quando medito em minha luz perdida,
Nesta tão vasta e mais sombria terra,
E que esse dom que só a Morte cerra
Inútil mora em mim, embora a vida

N'alma me seja ao Criador rendida
E a mais prestar-lhe a conta que não erra,
“A quem, negada a luz, a treva encerra,
Calcula Deus a quotidiana lida?”

Pergunto ansiosamente. E a Paciência
O murmurar me cala: “El' não precisa
Dos dons de um só em cada humana esfera.

Se El' convoca os seus fiéis, e com ardência
Que milhar's correm para onde Ele pisa.
Também O serve aquel' que fica e espera.”

Richard Crashaw
(Inglaterra 1613 – 1649)

Sobre o Corpo de Nosso Santo Senhor,
Despido e Ensanguentado

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Eles te deixaram nu, Senhor, cruelmente,
E esta veste, melhor te a tivessem poupado.
Contigo mesmo vestiram-te ricamente;
Abrindo purpúreo guarda-roupa em teu lado.
Ah! nunca um manto mais adequado haveria
Senão o de teu próprio sangue que escorria.

Andreas Gryphius
(Alemanha 1616 – 1664)

Sobre o nascimento de Jesus

Tradução de João Barrento

Oh, escura claridade, noite que é claro dia!
Oh, noite de mil sóis, onde uma luz nasceu,
Que Deus, a luz das luzes, para o mundo escolheu!
Noite que qualquer dia e noite desafia!

Oh, noite de alegria, em que dor e lamento,
Trevas e tudo o que este mundo enegrecia,
Terror, medo do inferno, para sempre se perdia!
Deixou de fulminar a terra o firmamento.

O criador do Tempo esta noite chegou
E a lei de tempo e carne p'ra Si aceitou,
E nossa carne e tempo deu à eternidade.

Noite turva de lágrimas, negrume do pecado,
Trevas da morte que esta noite fez passado!
Noite que é claro dia! Oh, escura claridade!

Henry Vaughan
(Inglaterra 1621 – 1695)

Foram-se Eles Todos Para o Mundo da Luz!

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Foram-se eles todos para o mundo da luz!
Fiquei sozinho, e ainda aqui peregrino;
Mas sua clara memória me anima: “Sus!”
E meu tristonho cismar ilumina.

A memória arde e brilha em meu peito anuviado,
Como estrelas sobre o bosque sombrio,
Ou como o monte, em fracos raios abraçado,
Depois que o sol declinou, fugidio.

E vejo-os caminhar em páramos de glória,
Cuja luz calca aos pés a do meu dia –
Dias que são, no seu melhor, pura vanglória,
Pálidos, baços, lumes em agonia.

Ó sagrada esperança! altíssima humilde,
Que alto sobes até o Paraíso,
Estes são teus caminhos e tu m’os mostraste
P’ra reacender meu amor indeciso.

Morte amada, formosa, que és joia dos justos,
Que brilhas só no âmago da terra,
Pudesse o homem entrever, p’ra além de seus sustos,
Esses mistérios que teu pó encerra!

Que o passarinho já alçou voo, não ignora
Quem encontrou esvaziado o ninho;
Mas em que fonte ou bosque ele canta agora,
Ninguém o sabe, nem eu o adivinho.

Mas como Anjos que em nossos sonhos esplendentes,
No que dormimos, a nossa alma incitam,
Assim, em nossos gastos temas, transcendentes
Pensamentos se infiltram e a glória espreitam.

Se acaso uma estrela é em sepulcro confinada,
Suas cativas chamas ardem à espera;
Mas quando se abre a mão que a tem enclausurada,
A estrela brilhará por toda a esfera.

Ó Pai da vida eterna e dos entes que são
As tuas glórias criadas, por piedade,
Resgata o que é Espírito teu da escravidão
Deste mundo de aqui p'ra Liberdade.

Dispersa a cerração que enodoa e empana
As lentes com que os espio a passar,
Ou arrebata-me daqui àquela montanha
Onde a olho nu os possa contemplar.

Paz

Tradução de Cecília Rego Pinheiro

Minha alma, há um País
Muito além das estrelas,
Onde permanece uma Sentinela alada
Muito hábil na guerra,
Lá, acima do ruído e do perigo,
A doce paz senta-se coroada de sorrisos,
E aquele que nasceu numa Manjedoura
Comanda Belos exércitos,
É ele o teu amigo misericordioso,
E (Ó minha Alma desperta!)
Em puro amor desceu
Para morrer aqui por amor a ti,
Se não podes alcançar outro lugar,
Ali cresce a flor da Paz,
A Rosa que nunca murchará,
Tua fortaleza e teu conforto;
Abandona então as tuas insensatas fileiras;
Pois mais nenhuma pode manter-te segura,
A não ser aquela que jamais mudará,
O teu Deus, a tua vida, a tua Cura.

Moliére
(França 1622 – 1673)

A Morte de Cristo

Tradução de Silvio de Almeida

Chegando-se a Jesus, quando este padecia,
em bem da humanidade, as ânsias do suplício,
atônita ficou a Morte, que temia
aplicar ao Senhor a lei do triste ofício.

Mas Jesus, com a fronte a descair, fazia
à cruel segadora um gesto que era indício
de que, não tendo já de Deus a regalia,
almejava apressar aquele sacrifício.

A Morte obedeceu então, e, de surpresa,
logo o sol desmaiou, tremeu a natureza,
qual se tudo do fim se fosse aproximando.

Tudo na terra e céu gemia e vacilava,
como que a pedra tinha um coração chorando;
só – coração de pedra! - o homem não chorava...

Jean Racine
(França 1639 – 1699)

Pranto de um Cristão

Tradução de Cláudio Veiga

Ó meu Deus, que combate cruel!
Em mim, dois homens a lutar:
Se um deles me manda te amar
Com grande amor sempre fiel,
A ti, meu Deus, o outro revel
Me faz tua lei desprezar.

Um, a este mundo sendo infesto,
Manda que, sempre ao céu ligado,
E pela graça sustentado,
Eu menospreze todo o resto;
E o outro com peso bem funesto
Me traz à terra sujeitado.

Ai! Comigo mesmo lutando,
Onde achar poderei a paz?
Quero, mas não cumpro jamais.
Quero, mas, ó crime nefando,
Não faço o bem que estou amando,
Só o mal que odeio, nada mais.

Ó graça, lume necessário,
Da íntima paz, me aponta o norte,
E sujeitando, suave e forte,
O pecador, que te é contrário,
Transforma em servo voluntário
Um pobre servo preso à morte.

Edward Taylor
(EUA 1642 – 1729)

Trabalhos Domésticos

Tradução de António Simões

Senhor, tua roda de fiar de mim faz,
A tua santa palavra seja a roca.
Como teus volantes meus afetos porás,
Minha alma como tua bobina coloca.
Como teus carretos tua conversa acomoda;
Depois, enrola o fio fiado em tua roda.

Faz de mim o teu tear, este fio lhe prende;
Faz bobinas girar com o Espírito Santo.
Tece tu próprio a trama. O fio é excelente.
E faz os teus ritos apisoar o pano.
Tinge-o depois, Senhor, com celestiais cores
De paradisíacas, luminosas flores.

Com ele, veste-me entendimento, vontade,
Afetos, juízo, consciência, memória,
Minhas palavras e ações; seu brilho há-de
Glorificar-te e encher-me de glória.
E minhas vestes mostrarão perante ti
Que pela glória roupas sagradas vesti.

Madame Guyon
(França 1648 – 1717)

Um Pássaro na Gaiola

1. Sou um passarinho, sem campos sem ar
Na minha gaiola sento-me a cantar
Para Quem aqui me aprisionou.
Bem satisfeito prisioneiro sou
E assim, meu Deus, quero te agradar.

2. Aqui, nada tendo para realizar,
Todo o longo dia só posso cantar.
As minhas asas Ele amarrou,
Mas o meu canto muito O agradou,
Inda se curva pra me escutar.

3. Tu tens paciência para me escutar,
E um coração pronto para a mim amar.
Gostas de ouvir meu rude louvor
Pois sabes que o amor, quão doce amor!
Inspira todo esse meu cantar.

4. Preso na gaiola não posso sair,
Mas minha prisão não pode me impedir
A liberdade do coração
Que sempre voa em Tua direção,
Minh´alma livre, a Ti vai se unir.

5. Oh! Que gozo imenso poder me elevar
Para as alturas e a Ti contemplar.
Tua vontade e desígnio amar
Minha alegria neles encontrar,
Livre, em teus braços me aconchegar.

John e Charles Wesley
(Inglaterra 1703 – 1791 / 1707 – 1788)

Tradução de José Tolentino Mendonça

Oh se também para mim se acendesse
em labareda o Divino
e galgasse os pensamentos

Oh, vem pelo meu grito
Oh, torna ardente minha súplica

Desce ao íntimo e aclara minh'alma
terrível fogo do fundidor
explora os confins da minha vida

Thomas Gray
(Inglaterra 1716 – 1771)

Elegia Escrita num Cemitério de Aldeia (trecho final)

... ...

Uma manhã, não o vi na sua colina;
E perto da árvore já não estava ali;
Noutra, nem no regato de água cristalina,
Nem na clareira ou no bosque eu mais o vi.

Depois, entre cânticos fúnebres, seus restos
Vimos pra igreja vir em lento cortejo.
Aproximai-vos pois e lede estes versos
Gravados em pedra sob um velho espinheiro.

Epitáfio

Jovem a quem abandonaram Sorte e Fama,
Aqui repousa a cabeça no seio da Terra.
Quem nasce humilde, o Saber não acompanha,
E a Melancolia fez dele sua presa.

Generoso, sincero coração o seu,
Que o Céu recompensou dando-lhe abrigo:
Ele, à Desgraça uma lágrima deu;
E do Céu teve o que queria: um amigo.

De suas virtudes não deveis falar mais,
Na atroz morada deixai os defeitos seus,
(Trementes de esperança, ali os encontrais),
No seio daquele que é seu Pai e seu Deus.

Mathias Claudius
(Alemanha 1740 - 1815)

Canção Noturna

Tradução de Wira Selanski

A lua cheia brilha,
Reluz a maravilha
Da abóbada estelar.
A mata cala, escura,
E a névoa sobe, pura,
Dos prados, claros de luas.

Tranquilo queda o mundo
Em sono tão profundo
Em seu celeste véu:
Parece a casa calma
E, angustiada, a alma
Encontra enfim a paz do céu.

Nós vemos, em verdade,
Lá no alto, só a metade
Do círculo lunar.
Há muitas coisas belas
E nós nos rimos delas
Por não podê-las enxergar.

Nós homens orgulhosos,
Risíveis e vaidosos
Sabemos tudo mal:
Fazemos baluartes,
Buscamos outras artes,
Perdendo a meta principal.

Salvai, Senhor, os seres
De efêmeros prazeres

E de vaidades vis,
Para que a criatura,
Tal qual criança pura
E alegre, torne-se feliz.

Dai-nos um dia a sorte
De suave e boa morte,
Abri-nos vossos céus!
E lá, na luz que nasce,
Mostrai-nos vossa face,
Ó nosso Mestre e nosso Deus!

Em santo nome, agora
Deitemos sem demora:
A fria brisa vem.
Poupai-nos de castigo,
E dai, Senhor, abrigo
E paz ao nosso irmão também.

Goethe
(Alemanha 1749 – 1832)

A Lenda da Ferradura

Tradução de Alberto Ramos

Quando ainda obscuro e desconhecido
Nosso Senhor andava na terra
e muitos discípulos o seguiam
que raras vezes o compreendiam,
amava doutrinar as massas
nas ruas amplas e nas praças,
pois à face dos céus a gente
fala melhor e mais livremente
Ali dos seus divinos lábios
fluíam os ensinamentos mais sábios;
pela parábola e pelo exemplo
faziam de cada mercado um templo.

Certa vez que, em paz e santidade,
com os seus chegava a uma cidade,
viu qualquer coisa luzir na estrada;
era um ferradura quebrada.
Disse a S.Pedro com brandura:
"Pedro, apanha essa ferradura!"
Porém S. Pedro no momento
Tinha ocupado o pensamento;
absorto em êxtase profundo,
sonhava-se o dominador do mundo,
rei, papa, ou tal que se pareça,
Aquilo enchia-lhe a cabeça!
E havia de dobrar a espinha
por uma coisa tão mesquinha!
Se fosse um cetro, uma coroa,
mas uma ferradura à-toa!...
E foi seguindo distraído,

como se não tivesse ouvido.

Curvou-se Cristo com doçura
celeste, angélica, humilde;
ergueu do chão a ferradura.
E quando entraram na cidade
vendeu-a em casa de um ferreiro.
Comprou cerejas com o dinheiro,
guardando-as à sua maneira
na manga, à falta de algibeira.

Dali saíram por outra porta.
Fora a campanha estava morta;
nem flor nem a sombra; ao longe, ao perto,
era o silêncio, era o deserto,
era a desolação; ardia,
torrava, o sol do meio dia.
Que não valia em tal secura
um simples gole de água pura!

Nosso Senhor caminha à frente.
Deixa cair discretamente,
Furtivamente, uma cereja
que Pedro apanha, salvo seja,
com cabriolas de maluco.
A frutinha era mesmo o suco.

Outra cereja no caminho
atira o mestre de mansinho,
que Pedro apanha vorazmente.
E assim por diante, não uma vez somente
fê-lo o Senhor dobrar a espinha
mas tantas vezes quantas cerejas tinha.

Durou a cena um bom pedaço.
Por fim, disse o Senhor com ar prazenteiro:
Pedro se fosses mais ligeiro
não tinhas tido este cansaço.

Quem cedo e a tempo ao pouco não se obriga,
tarde por muito menos se afadiga.

William Blake
(Inglaterra 1757 – 1827)

Ver num Grão de Areia um Mundo

Tradução de Luís Cardin

Ver num grão de areia um mundo
numa flor um céu profundo
ter na mão a infinidade
num minuto a eternidade...

O morcego que volita
pela noite, esse acredita;
mas a coruja que grita,
porque não crê anda aflita...

Olha a dor: é um tecido
com a alegria: um vestido
para a alma. Sob a dor
sempre a alegria anda à flor...

Cada lágrima chorada
Torna-se em criança alada...

Balir, uivar - que sei eu?
ondas a bater no céu...

Quem duvida do que vê,
Por mais que faça, não crê,
Olha o sol, se duvidava:
Logo, logo se apagava...

Deus é clarão na amargura
das almas da noite escura;
Veste o manto de Jesus
para as que vivem à luz.

O Cordeiro

Tradução de José Paulo Paes

Cordeirinho, quem te fez?
Sabes quem foi que te fez?
Quem te deu vida & nutriu
Pelo prado & pelo rio?
Quem te deu manto de lã
Tão alva, macia & louçã?
Quem te deu voz tão suave
Que alegra todos os vales?
Cordeirinho, quem te fez?
Sabes quem foi que te fez?

Cordeirinho, eu te direi,
Cordeirinho, eu te direi:
Pelo teu nome é que o chamam,
E Cordeiro ele diz chamar-se.
Ele que é paz & candidez;
E criancinha se fez:
Tu cordeiro & eu criança
Pelo nome dele nos chamam.
Cordeirinho, Deus te abençoe.
Cordeirinho, Deus te abençoe.

Friedrich Holderlin
(Alemanha 1770 – 1843)

Patmos ***(trecho)***

Tradução de José Paulo Paes

... ...
Embora seja acolhedora
Mesmo na sua
Morada mais pobre,
E, quando, náufrago
A chorar a pátria
Ou algum amigo morto,
Um forasteiro ali chega,
Ela se compraz em ouvi-lo, e seus filhos,
As vozes do bosque ardente,
Os sons de onde a areia cai e a superfície
Do rochedo racha-se, todos eles
Ouvem-no e amorosamente ecoam-lhe
Os lamentos. Foi assim que outrora
Cuidou ela do amado de Deus, o Vidente,
Que na sua ditosa juventude

Acompanhara inseparavelmente
O Filho do Altíssimo, pois
O senhor dos trovões amava a candura
Do discípulo, e o homem atento examinara
O semblante de Deus
Quando, no mistério da vinha, os dois
Sentavam-se juntos à hora da Ceia
E, na grandeza da alma, em calmo augúrio anunciou
O Senhor sua própria morte e o amor supremo, pois
Não teria então palavras de bondade
Bastantes nem para dissipar
O rancor que via no mundo.
Porque tudo é bom. E assim ele morreu. Muito haveria

Que dizer disso. E os amigos lhe viram o vitorioso
Olhar, o mais alegre, no fim ainda,

Porém se entristeceram
Ao cair da tarde, pasmos,
Esses homens que graves decisões
Traziam na alma, mas que sob o sol
Amavam viver e não queriam se afastar
Do semblante do Senhor
Nem da pátria que haviam gravado
Em si, como fogo em ferro: ao lado deles,
Ia a sombra do Amado.
Por isso Ele enviou-lhes
O Espírito, e eis que tremeu deveras
A casa, e a tormenta de Deus rolou,
Com seus trovões distantes, sobre
As áugures cabeças, ali onde os heróis
Da morte em cisma grave congregavam-se.
... ...

Juan Nicasio Gallego
(Espanha 1777 – 1853)

Judas

Quando o horror da traição sinistra e impía
Ao falso apóstolo ocupou a mente,
E da árvore fatídica pendente,
Em convulsões hediondas se estorcia;

Gozando a sua mísera agonia,
Fitava-o o demônio frente a frente,
Até que, já do fim impaciente,
Tomando-o pelos pés, o conseguia.

Mas quando viu cessar do descomposto
Semblante a convulsão trêmula e fera,
Do seu funesto fim sinal exposto,

Com sorriso infernal, que afável era,
Seus lábios pondo em seu horrendo rosto,
O beijo lhe volveu que a Cristo dera.

Achim Von Arnim
(Alemanha 1781 – 1831)

Oração

Tradução de Wira Selanski

Amor me dai, Senhor, que sorridente
Vos louve e proclame a toda a gente.
Dai-me saúde e ânimo na ação,
A mente firme e puro o coração.
Dai-me crianças dignas de criar,
Vedai ao inimigo o doce lar.
Depois vos peço um monte desta terra
Que algures o chão pátrio me reserva
E as asas, para o espírito em partida,
Que deixe o peso desta bela vida.

Marceline Desbordes-Valmore
(França 1786 - 1859)

A Coroa Desfolhada

Tradução de Jorge de Sena

Hei-de ir, hei-de ir levar a coroa desfolhada
ao jardim de meu pai, onde não morre flor.
Longamente abrirei minh'alma ajoelhada:
meu pai sabe segredos de vencer a dor.

E hei-de, hei-de dizer-lhe, ao menos com meu pranto:
"Olhai, como eu sofri…!". Meu pai fitar-me á,
e sob a vida gasta e o rosto sem encanto,
por ser, como é, meu pai, reconhecer-me-á.

E há-de dizer: "És tu, pobre alma desolada,
a terra foge então aos teus passos sem norte?
Sou Deus, minha querida, e o teu pavor é nada.
Eis o lar, eis meu seio, abriga-te da sorte."

Ó clemência! Ó doçura! Ó santa paz! Ó pai!
O pranto de tua filha é por ti ouvido!
Tenho-te já na esperança que a ti sobe e vai.
E porque tu possuis quanto me foi perdido.

A flor tu não desprezas, que foi bela um dia:
esse crime da terra é lá nos céus perdoado.
E não amaldiçoas quem mais se perdia
não por muito vender, mas por tudo ter dado.

Ludwig Uhland
(Alemanha 1787 – 1862)

À Morte de Uma Criança

Tradução de Wira Selanski

Tu vieste e foste tão de leve,
Na terra aqui visitador.
Passaste em tua vida breve
Da mão à mão do Criador.

Lorde Byron
(Inglaterra 1788 – 1824)

A Destruição de Senaqueribe

Como lobo no aprisco, os assírios atacaram,
Com legiões reluzentes, de púrpura e ouro,
O brilho de suas lanças, qual estrelas na água azul,
Quando ondas noturnas agitavam o mar da Galiléia.

Como as folhas na floresta, no início do verão,
O entardecer traz hostes com seus estandartes:
Como as folhas da floresta, nos ventos de outono,
No dia seguinte, os batalhões todos murcharam e caíram.

Pois o Anjo da Morte alçou voo poderoso,
E, enquanto passava, soprou no rosto do inimigo.
E fixos e frios se tornaram os olhos dos que dormiam,
E cessou para sempre o pulsar intenso do coração!

Prostrado no chão, o corcel com narinas dilatadas,
Pelas quais já não passa nenhum fôlego de orgulho.
Da boca, a espuma se espalha branca no relvado.
Gelada como a rebentação que se choca contra as rochas.

E o cavaleiro, retorcido e pálido,
Com orvalho na fronte, e ferrugem na armadura;
E as tendas, silenciosas, os pendões solitários,
As lanças caídas e a trombeta calada.

As viúvas de Assur pranteiam em alta voz,
Os ídolos jazem despedaçados no templo de Baal.
E o poder dos gentios, que nenhuma espada tocou,
Derreteu-se como a neve, com um olhar do Senhor!

Friedrich Rückert
(Alemanha 1788 – 1886)

Os Astros sobre Mim

Tradução de Wira Selanski

Os astros sobre mim caminham nas alturas;
Põe ao redor, Senhor, teus anjos das alturas!
Se devo, qual Jacó, dormir em pedra dura,
No sonho põe também a escada das alturas.

Alphonse de Lamartine
(França 1790 – 1869)

A Águia e o Sol

Tradução de Joaquim Serra

Nunca diga o menino: “Eu sou pequeno,
Não me presta o Senhor sua atenção;
Átomo inútil sou entre os maiores,
Eu me perco na imensa criação!”

Um dia disse ao sol águia altaneira:
“Por que brilhas até no vale escuro?
“Não basta doirar cumes altíssimos?
“Por que baixar a luz no lodo impuro?

“Não é digna de ti rasteira ervinha,
“Nem o inseto que à noite acostumou-se.”
Mas o sol respondeu: “Sobe comigo.”
E das aves o rei logo elevou-se.

Sobre as nuvens pairando divisava,
Como o vale, a montanha a se abater;
E quando ela subiu mais alto ainda
Viu na terra um só nível tudo ser!

“Repara, - disse o sol, - vale e montanha,
“É igual tudo aqui; vê teu engano;
“Eu não conheço grandes nem pequenos,
Semelha a gota dágua um oceano.

“Para todos eu sou fonte de vida,
“Amo o cedro e o caniço sem vigor;
“Dou alento ao leão e à formiga,
“Doiro o cimo do monte e a pobre flor!”

Assim bondoso Deus reparte as vistas
Com pequenos e grandes mutuamente:
Cantai preces, meninos, junto às aras
De quem é para todos pai clemente!

Theodor Körner
(Alemanha 1791 – 1813)

Oração Durante a Batalha

Tradução de Bernardo Taveira Júnior

Invoco-te, Senhor!
O fumo do canhão me cerca uivando,
De mim em torno o raio cai ruidando!...
Ó guia das batalhas, eu te invoco!
Vem guiar-me, Senhor!

Vem guiar-me, Senhor!
À glória me conduz, conduz-me à morte:
Confesso os teus preceitos – são meu norte.
Pai, à tua vontade vem guiar-me!
Confesso-te, Senhor!

Confesso-te, Senhor!
Do outono quer na aragem rumorosa,
Quer em meio à tormenta pavorosa,
Manancial de bens, eu te confesso.
Tua bênção, Senhor!

Tua bênção, Senhor!
Em tuas mãos entrego minha vida;
Dispõe dela – por ti foi-me cedida;
Ou vivo ou morto, dá-me a tua bênção.
Eu te louvo, Senhor!

Eu te louvo, Senhor!
Por transitórios bens não combatemos,
Sacratíssima causa defendemos;
Vencido ou vencedor, hei de louvar-te.
Confio em ti, Senhor!

Confio em ti, Senhor!
Quer da morte os trovões venham saudar-me,
Quer venha o ferro as veias retalhar-me,
Meu Deus e meu Senhor, em ti confio.
Invoco-te, Senhor!

Alfred de Vigny
(França 1797 – 1863)

Moisés

Tradução de Gilberto Bacelar

Sobre as tendas o sol, em languidos desmaios,
Derramava os clarões de seus últimos raios,
Esse fulvo esplendor que os ares incendeia,
Quando se deita, à tarde, em pleno mar de areia.
É um tapete dourado e purpúreo a campanha.
Moisés, homem de Deus, que escalava a montanha
Pedregosa do Nebo, estaca a contemplar
O horizonte que ostenta imponência sem par.
Descortina Fasgá, cercada de figueiras;
E depois, para além das serras altaneiras,
Galaad, Efraim e também Manassê,
Cujo rico torrão à direita ele vê;
E para o sul Judá, grande e sáfara, ostenta
A brancura da praia em que o mar arrebenta;
E num vale sombrio, adormecendo em paz,
Naftali se levanta em meio de olivais;
Nas planícies em flor eternamente calmas
Jericó se apresenta – a cidade das palmas;
As matas de Fagor em sua exuberância
Estendem-se a Segor, que se esbate à distancia.
Vê, por fim, Canaã – a terra prometida,
Em que a tumba jamais lhe será permitida.
Olhando-a, sobre o povo espalma a grande mão,
E retoma em seguida a penosa ascensão.
Na campina de Moab, imensa e descampada,
Concentrados ao pé da montanha sagrada,
Os filhos de Israel, em grande agitação,
Eram como o trigal ao sopro do tufão.
Ao romper da manhã, quando as gotas de orvalho
Reluzem quais rubis nas folhas do carvalho,

Profeta centenário, em que esplende o valor,
Moisés partira altivo em busca do Senhor,
Brilhava em sua fronte aquela chama estranha.
Quando atingiu, por fim, o cume da montanha,
Quando a nuvem de Deus, em raios coruscando,
Envolveu do profeta o vulto venerando,
Nos altares de pedra o incenso ardeu então;
E milhares de Hebreus curvados para o chão,
Entre as nuvens de incenso e à luz dum Sol dourado,
Desferiram num coro o cântico sagrado;
E o filho de Levi, surgindo dentre a massa,
Qual cedro sobranceiro ao vendaval que passa
Acompanhava na harpa aquela sinfonia
Sem par do Rei dos Reis, que para o céu subia.
Face a face com Deus, na nuvem que o encoberta
Moisés, numa explosão, lhe disse d'alma aberta
Aquilo que sentia: "Deixai-me repousar!
Até onde, Senhor, pretendeis me levar?
Poderoso vivi, na dor do isolamento:
Já não suporto mais tão longo sofrimento!
Afinal que fiz eu para ser vosso eleito?
Como chefe segui sempre o vosso preceito.
O povo já vislumbra a terra prometida:
Outro assuma a missão que me foi conferida,
Contendo de Israel o corcel que dispara:
Em suas mãos deporei meu livro e minha vara.
Graças a vós, Senhor, vejo tudo sem véu:
Os mistérios do mundo e os segredos do céu;
As cortinas da noite estraçalho-as, se quero;
As estrelas na esfera uma a uma enumero;
Se uma delas eu chamo, aparecendo fora,
Pressurosa responde: "Eis-me aqui, sem demora!"
Impondo minhas mãos das nuvens sobre o flanco,
A fúria dos tufões no nascedouro estanco;
Cidades sepultei encrespando os areais;
Montanhas abati soltando os vendavais;
Meu pé, que não se cansa, é vencedor do espaço;
A corrente do rio estaca quando eu passo;

O bramido do mar, quando eu falo, emudece;
Se o vosso povo sofre e de outras leis carece,
Levanto meu olhar, a graça me visita,
Enquanto a terra treme e o próprio Sol hesita.
Mesmo os anjos, eu creio, invejam o que fiz.
E no entanto, Senhor, não me sinto feliz.
Um triste isolamento o meu poder encerra:
Dai-me agora, Senhor, o silêncio da terra!

. . .

Confiado que me foi vosso fiel rebanho,
O povo disse logo: “A nós parece estranho!”
Mas, vendo em meu olhar a força dum mistério,
Curvou-se reverente ao meu fatal império.
A ilusão vi do amor e da amizade o fim;
As virgens, com pavor, vi fugirem de mim.
Envolvendo-me, então, na coluna da glória,
Prossegui, triste e só, na minha trajetória.
E de mim para mim eu disse: “Que me resta?
Onde um colo em que eu possa abrigar minha testa?
Minha mão apavora apertando outra mão;
Tenho o raio no olhar e na boca o trovão;
Quando os braços estendo em anseios de amor,
Vejo todos no chão, tomados de pavor.
A dor da solidão em meu peito se aferra:
Deixai-me adormecer no silêncio da terra!”

. . .

Sem olhar para o monte, amedrontada, inquieta,
A multidão, orando, aguardava o profeta.
A nuvem que encobria o cume, esbravejando,
Em raios explodia, em fúria coruscando.
A turba parecendo um rebanho de ovelhas
Fremia apavorada ao luzir das centelhas.
Quando o cimo clareou, Moisés já não se via.
Choram-no... E Josué, naquele mesmo dia,

À frente dos Hebreus, a cabeça pendida,
Em demanda marchou da Terra Prometida.

Heinrich Heine
(Alemanha 1797 – 1856)

Paz

Tradução de Roswitha Kempf

Alto no céu, pairava o sol
Rodeado de nuvens brancas.
O mar se calava,
E absorto em pensamentos me deitei ao lado do leme do barco,
Absorto em sonhos – e meio acordado,
E meio em sonhos – vi Cristo,
O salvador do mundo.
Em roupas brancas
Caminhava gigante
Sobre terra e mar.
A testa roçando o céu,
As mãos abertas em bênção
Sobre terra e mar.
E como coração no peito
Trazia o sol
E o rubro coração chamejante
Derramava seus raios de graça,
Sua luz acariciante
Iluminando e esquentando
Sobre terra e mar.

Sons do sino vogavam solenes
Para lá e para cá, como cisnes
Traziam o navio deslizante com cordéis de rosas
Graciosamente até a margem verde
Onde mora gente na altaneira cidade.
Ó milagre de paz! Quão tranquila a vila!
Repousa o ruído surdo
Do artesanato tagarela
E pelas ruas limpas, ressonantes

Passava gente vestida de branco
Carregando palmas.

E onde dois se encontravam,
Entreolhavam-se com profunda compreensão,
Estremecendo de amor e doce renúncia
Se beijavam na testa
E levantando a vista
Olhavam o Salvador com o coração de sol
Que irradiava alegre e conciliante
Seu rubro sangue sobre a terra
E três vezes bem aventurados, falavam:
Bendito seja Jesus Cristo!

Aleksandr Pushkin
(Rússia 1799 – 1837)

O Profeta

Tradução de Boris Schnaiderman e Nelson Ascher

Num ermo, eu de âmago sedento
já me arrastava e, frente a mim,
surgiu com seis asas ao vento,
na encruzilhada, um serafim;
ele me abriu, com dedos vagos
qual sono, os olhos que, pressagos,
tudo abarcaram com presteza
que nem olhar de águia surpresa;
ele tocou-me cada ouvido
e ambos se encheram de alarido:
ouvi mover-se o firmamento,
anjos cruzando o céu, rasteiras
criaturas sob o mar e o lento
crescer, no vale, das videiras.
Junto a meus lábios, rasgou minha
língua arrogante, que não tinha,
salvo enganar, qualquer intuito,
da boca fria onde, depois,
com mão sangrenta ele me pôs
um aguilhão de ofídio arguto.
Vibrando o gládio com porfia,
tirou-me o coração do peito
e colocou carvão que ardia
dentro do meu tórax desfeito.
Jazendo eu hirto no deserto,
o Senhor disse-me: "Olho aberto,
de pé, profeta e, com teu verbo,
cruzando as terras, os oceanos,
cheio do meu afã soberbo,
inflama os corações humanos!"

Vítor Hugo
(França 1802 – 1885)

A Consciência

Tradução de Mário Faccini

Caim, fugindo de Deus, carregando seus filhos,
lívido, desgrenhado, após mil empecilhos,
certa noite alcançou a paragem estranha
de uma enorme planície, ao pé de uma montanha.
A mulher fatigada e seus filhos exaustos
pararam a sorver o ar em largos haustos.
“É melhor que se durma aqui” – disse ele, então.
E, apenas, não dormiu o assassino do irmão
que, sob o jugo atroz de temores cruciantes,
viu surgirem no céu dois olhos vigilantes,
que o fitavam por entre a escuridão noturna.
“É demasiado perto!” – Acordou, com soturna
voz, filhos e mulher, já mortos de cansaço,
e a fuga continuou, sinistro, pelo espaço.
- Trinta vezes andou a vagar, noite e dia,
pálido, a estremecer quando um ruído ouvia,
sem sono, sem descanso, emudecido e triste,
até que viu, por fim, uma praia que existe
em longínquo país. “É seguro este abrigo.
Fiquemos” – disse -. “Aqui não pode haver perigo,
pois os confins do mundo alcançamos agora!”
E, ofegante, parou. Porém, na mesma hora,
idêntica visão viu no céu desenhada...
Um tremor sacudiu-lhe a carne amaldiçoada!
“Escondam-me!” – gritou; e, ao formidável brado,
o bando circundou o avô alucinado.
Esse disse a Jabel, cuja estirpe ainda agora
nomademente vai pelo deserto em fora:
“Estende deste lado o pano de uma tenda!”

E, enquanto procurava encontrar qualquer fenda
na muralha de lona, a meiga Tsila, linda
como a aurora, inquiriu-lhe: - "Ó meu avô, ainda
vês qualquer coisa agora?" E apontando coa mão,
respondeu-lhe Caim: - "Sim! Os olhos lá estão!"
Foi aí que Jubal, pai dos soldados, vendo
a angústia do infeliz, acalmou-o dizendo:
"É melhor se fazer uma muralha." E, assim,
um brônzeo muro ergueu-se em torno de Caim.
"Inda os vejo! Inda os vejo!" – este, porém, lhe disse...
Depois falou Enoc: - "E se alguém erigisse
um abrigo perfeito e dispusesse em volta
compacta multidão de torres como escolta?
Façamos uma forte e grande cidadela
e encerremos Caim conosco dentro dela!"
Então Tubalcaim, o ancestral dos ferreiros,
empregou nessa empresa os seus dias inteiros,
ao passo que os irmãos, pela planície em frente,
vigiavam. E, ao encontrar alguém, barbaramente
atacavam, com raiva os olhos lhe vazando;
levavam toda a noite o céu trevoso olhando,
e, assim que viam nele uma estrela brilhar,
lançavam-lhe uma seta, ansiosos de a cegar!
E a lona deu lugar a moles de granito
presas com nós de ferro. O recinto maldito
ficou sendo um primor de cidade infernal,
desenrolando a sombra, além, de um modo tal
que em derredor reinava uma noite infinita;
da rígida muralha a grossura inaudita
somente uma montanha a podia igualar;
na porta alguém gravou: "Vedado a Deus entrar."
A torre mais central, a mais fortificada,
foi que elegeu Caim para sua morada.
"Ó meu pai! – disse Tsila – Agora, certamente,
Te sentirás seguro!" E Caim, já descrente
e a tremer de pavor, respondeu: - "Maldição!
Ainda me persegue a maldita visão!...
Só me resta tentar o negro insulamento

de um tétrico sepulcro! O meu padecimento
há de acabar então! Nessa nova morada
ninguém mais me verá e não verei mais nada!"
- E ei-lo, então, encerrado em um fosso, por fim.
... Mas os olhos lá estão a interrogar Caim!...

Cristo perante o túmulo

Tradução de Victor Barros

Nesse tempo Jesus percorrendo a Judéia,
Na divina missão de bem e caridade,
Dava audição ao surdo, e ao leproso a cura,
E à possessa mulher a paz e sanidade.

Os padres espiavam-no e murmuravam já.
Quando Cristo voltava à santa Betânia,
Morrera na cidade um justo, que ele amava,
O adorado irmão de Marta e Maria.

Muito amava Jesus Maria, Marta e Lázaro;
Maria, a doce irmã sensível, amorosa,
Que banhara os pés nus do amoroso Mestre
Nos cheiros divinais da Arábia perfumosa.

Alguém veio e lhe disse: "é morto o vosso amigo."
Jesus era em caminho; e, seguido do povo,
Ia explicando a lei, os símbolos, os livros,
Como Elias e Jó, em um estilo novo.

"Quem me segue", dizia, "aos anjos é igual.
Quando um homem andou um dia inteiro ao sol,
Em caminho sem água, e sem habitação,
Blasfema, se não crê, à hora do arrebol;

"Se o homem crer em mim, que ore; e seguirá
Com força triplicada a marcha que intentou."
Então interrompeu-se e disse aos seus discípulos:
"Lázaro, o amigo, dorme; - eu despertá-lo vou."

Era em Jerusalém. Três dias são precisos
Para a Betânia ir, da terra onde o monarca,
O grande Salomão, o opulento e justo,
Zeloso pela lei havia posto a archa.

“Seguir-te-emos, Mestre”, o povo diz ao Cristo.
Depois Jesus partiu. Enquanto se conduz,
Muita vez no caminho, a sós e pensativo,
Sua túnica toma a cor branca da luz.

Quando Jesus chegou, foi Marta quem primeiro,
Lançando-se a seus pés, exclamou dolorosa:
“Se estivesses conosco, ele não morreria;
Mas, Mestre, ele morreu!” prossegue lacrimosa,

“É muito tarde já!” – “Que dizes tu, mulher?
Somente o ceifador é dono da seara.”
Marta, em segredo, vai participar a vinda
Do Mestre à sua irmã, que em casa se ficara.

“Por que choras, mulher?” diz Jesus Cristo vendo
De joelho a seus pés, a soluçar, Maria.
“Só tu és grande, ó Mestre, és tu somente forte;
Se estivesses conosco, ele não morreria.”

“Eu sou a vida e a luz”, tornou ainda o Cristo;
“Feliz o que me segue as pegadas e a fé;
O crente viverá embora no sepulcro.”
- Achava-se presente o céptico Tomé.

Aos judeus, a correr em ondas para vê-lo,
O senhor perguntou, de Pedro e João seguido:
“Onde o pusestes vós?” E eles responderam:
“Ali...” designando, um dedo ao ar erguido,

Um campo, ao pé de um bosque, ao lado de um regato,
Que sobre pedras corre, onde a tumba estava.
Então Jesus chorou, e a multidão imensa
Se pôs a exclamar: “Vejam como o amava!

“Ele, que vence, diz-se, e submete o demo,
Se fosse o próprio Deus, como nos fazem crer,

Ah! se ele fosse a luz, se fosse a própria vida,
Teria um seu amigo assim visto morrer?”

E Marta conduziu Jesus à sepultura,
Cuja entrada guardava imensa e rude lousa.
“Eu creio em vós, Senhor, como em João e Pedro,
Mas quatro dias há que ele aqui repousa...”

“Não prossigas, mulher! Aqui neste lugar
Tu vai ver, se tu crês, de Deus a glória nova.”
Jesus continuou: “Levantem esta pedra.”
Tirada a pedra, viu-se o interior da cova.

Erguendo o olhar ao céu, na negra sepultura,
Onde o morto jazia, o Cristo penetrou;
(Assim o seu tesouro o avarento oculta).
E depois, se inclinando, em voz alta clamou:

“Lázaro!”
E o morto ergueu-se ao longo da muralha,
Ainda tendo os pés presos pela mortalha.
Vendo todos, então, o homem ressurgir,
Diz Jesus: “Desligai-o e que ele possa ir.”
A multidão, que viu, acreditou em Cristo;
Ora, os padres, conforme está dos livros visto,
Junto ao Pretor de Roma inquietados vêm;
Sabendo que por Cristo um morto a vida tem,
Que o povo vira abrir-se o mortuário valo,
Disseram entre si: “É tempo de matá-lo.”

A ponte

Tradução de Múcio Teixeira

Eu via só das trevas a cegueira;
Um abismo sem porto e sem barreira
Abriu-se em torno a mim;
E nada ali por perto se movia...
Perdido, o meu espírito sentia
O caos ou cousa assim.

Deus no fundo invisível flutuava...
Era uma luz confusa que oscilava
Na densa escuridão...
Eu disse, então, comigo: "É impossível
Transpor esse vazio inacessível,
Sem bordas e sem chão!

"Sobre nuvens de fumo há quem levante
Uma ponte fantástica, gigante,
Que nos conduza a Deus?...
Fora loucura imaginar tal cousa!..."
Um vulto estranho surge e os braços pousa
Por sobre os ombros meus.

Vi, talvez, o fantasma silencioso
Da Tristeza: - seu rosto era formoso,
Sereno e virginal;
Tinha mãos de criança, e sua essência
Lembrava o lírio, que resguarda a olência
Na alvura sem igual.

Erguendo para o Céu as mãos unidas,
Ajoelhou e disse-me: - "Duvidas?
Mas não queres, então,
Subir por esta ponte – por que desces?"
- Quem és tu? Quem és tu? – "Não me conheces?...
Eu chamo-me – a Oração!"

Eduard Mörike
(Alemanha 1804 – 1875)

A um Quadro Antigo

Tradução de Wira Selanski

Numa paisagem estival,
Junto ao riacho, ao caniçal,
Vede o Menino Sem-Pecado
Brincar no colo tão amado;
E na floresta já reluz,
Ai, verdejando, sua cruz.

Prece

Tradução de Wira Selanski

Mestre! Dá-me o quinhão
Ameno ou amargo:
Recebo sem embargo
O dom de Tua mão!

Não me acumules
Só de alegria
Ou só de pesar!
Mas queiras me dar
De ambos a meia fatia.

Elizabeth Barret Browning
(Inglaterra 1806-1861)

Substituição

Tradução de Alexandre Herculano de Carvalho

Se uma adorada voz, que fora em vossa vida,
suavidade e som, de repente se esvai,
e se logo um silêncio impenetrável cai,
qual súbito mal-estar ou dor desconhecida,

- que esperança há? Que auxílio? E que música ouvida,
o silêncio destrói? Nem da amizade o ai -
nem da razão sutil a conta; não se vai
ao som de violino ou de flauta gemida;

nem canções de poeta e nem de rouxinóis,
a voz que vai subindo através dos ciprestes
até à clara lua; e medo lhe não causa

das esferas, o canto - ou dos anjos, nos sóis,
a voz que sobe a Deus; ó não, nenhuma destas!
Fala só Tu, ó Cristo, e preenche esta pausa.

Henry Wadsworth Longfellow
(EUA 1807 – 1882)

Um Salmo à Vida

Tradução de Cunha e Silva Filho

Não me faleis, em enlutados versos,
Que um sonho vazio seja a vida!
Pois morta é a alma que adormece
E as aparências enganosas são.

Genuína, a vida! Vida, coisa séria!
O fim último o túmulo não é;
"Sois pó e ao pó retornais",
Assertiva não condizente à alma.

Nem só de alegrias ou de tristezas
Se traçam nossos destinos
Mas de atos cumpridos a fim de que cada amanhã
Um passo melhor do que hoje seja.

Longa é a tarefa e fugaz é o Tempo,
Nosso corações, posto fortes e valentes,
Como tambores surdos ainda tocam
Marchas fúnebres a caminho do túmulo.

Que no amplo campo de batalhas do mundo
No bivaque da vida,
Não sejais gado inerte e submisso!
Um herói sede na luta!

Ainda que promissor, no Futuro não confieis!
Deixai que o Passado morto os que se foram sepulte!
Agi – no Presente em vida, agi!
Com o coração aberto e com Deus no Alto!

Recordar nos fazem todos os grandes homens
Que podemos tornar sublimes nossas vidas;
E, na despedida, deixar devemos
Nas areias do tempo nossas marcas –

Marcas que, quiçá, um outro ser,
Da vida velejando sobre o mar solene,
Um irmão, náufrago à deriva,
Avistando-as, a esperança há de reaver.

Em alerta e em ação permaneçamos sempre.
Com o coração a qualquer situação pronto
Alcançar procurando, perseguindo sempre,
A lutar e a esperar aprendei.

Giuseppe Giusti
(Itália 1809 - 1850)

A Fé em Deus

Tradução de C. Tavares Bastos

Quase ao peso do corpo indiferente,
absorta em Quem, perdoando, a dor acalma,
verga-se sobre os joelhos suavemente,
apoiando-se numa e noutra palma.

Dolorosa exaustão, celeste calma,
vê-se difusa no seu todo... A mente,
porém, volvida para Deus somente,
refulge ao sempiterno raio d'alma.

Como que diz: se todo o bem me engana
e se, ao vislumbre de melhor estado,
sinto fugir-me a vida desumana.

Senhor, confiante, ao seu regaço ameno
recorre o meu espírito, ancorado
num grande afeto que não é terreno.

Emily Dickinson
(EUA 1830 – 1886)

Nunca Vi Um Campo de Urzes

Tradução de Manuel Bandeira

Nunca vi um campo de urzes.
Também nunca vi o mar.
No entanto sei a urze como é,
Posso a onda imaginar.

Nunca estive no Céu,
Nem vi Deus. Todavia
Conheço o sítio, como se
Tivesse em mãos um guia.

O Amor - é anterior à Vida... (917)

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

O amor é anterior à vida,
À morte posterior,
Da criação o nascente, e
Do respirar, o expoente.

Há uma zona de plácidos anos

Tradução de Ivo Bender

Há uma zona de plácidos anos
E que nenhum solstício embaraça;
Seu sol produz um meio-dia perpétuo
E suas estações perfeitas aguardam.

Lá, o verão em verões se desdobra,
Até que séculos de junho acabem
Junto a séculos de agosto
E a consciência seja sempre plena tarde.

Paul Heyse
(Alemanha 1830 – 1914)

Vida Nova

Tradução de Wira Selanski

Tocou-te o amor silente –
Caminhas em nuvem dourada,
guiado por Deus pela estrada,
no vão alarido de gente.

Como perdido, sem jeito
fazes correr teus olhares,
concedes aos outros prazeres,
com um só desejo no peito.

Procuras em vão ocultar
- alma encantada e contida –
que a própria coroa da vida
vem tua fronte ornar.

José-Maria de Heredia
(Cuba/França 1842 - 1905)

Epifania

Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos

Então, Gaspar, Melquior, Baltazar, Reis do Oriente,
Cofres de ouro, de prata e esmalte carregando,
E à frente do cortejo os camelos guiando,
Como em quadros de antanho, avançam lentamente.

Trazem de longe terra um preito reverente
Aos pés do Salvador que, por nós se encarnando,
Livrou a criação do nativo desmando;
Seus floridos mantéus leva um negro servente.

No portal do presepe, onde José vigia,
Para saudar Jesus que os vê com alegria,
A coroa depõem da fronte com prazer.

Desse modo, reinando Augusto Imperador,
Lá se vão, ouro, mirra e incenso oferecer
Os Reis Magos Gaspar, Baltazar, Melquior.

Gerard Manley Hopkins
(Inglaterra 1844 – 1889)

Lanterna externa

Tradução de Augusto de Campos

Uma lanterna move-se na noite escura,
Que às vezes nos apraz olhar. Quem anda
Ali? – medito. De onde, para onde o manda
Dentro da escuridão essa luz insegura?

Homens passam por mim, cuja beleza pura
Em molde ou mente ou mais um dom maior demanda.
Chovem em nosso ar pesado a sua branda
Luz, até que distância ou morte os desfigura.

Morte ou distância vêm. Por mais que para vê-los
Volteie a vista, é em vão: eu perco o que persigo.
Longe do meu olhar, longe dos meus desvelos

Cristo vela. E o olhar de Cristo, em paz ou perigo,
Os vê, coração quer, amor provê, pé ante pé, com suaves zelos:
Resgate e redenção, primeiro, íntimo e último amigo.

A grandeza de Deus

Tradução de Augusto de Campos

A grandeza de Deus o mundo inteiro a admira.
Em ouro ou ouropel faísca o seu fulgor;
Grandiosa em cada grão, cada limo em óleo amor-
Tecido. Mas por que não temem sua ira?
Gerações vêm e vão; tudo o que gera, gira
E gora em mercancia; em barro, em borra de labor;
E ao homem mancha o suor, o sujo, a sujeição; sem cor
O solo agora é; nem mais, solado, o pé o sentira.

E ainda assim a natureza não se curva;
Um límpido frescor do ser das coisas vaza;
E quando a última luz o torvo Oeste turva
Ah, a aurora, ao fim da fímbria oriental, abrasa –
Porque o Espírito Santo sobre a curva
Terra com alma ardente abre ah! a asa alva.

Paul Verlaine
(França 1844 – 1896)

Parábolas

Tradução de Edmundo Costa

Sê bendito, meu Deus, que a fé cristã me deste,
nesta quadra feroz de sombra e de rancor.
Dá-me a força, porém, dá-me a audácia celeste
de te ser sempre fiel, tal como um cão, Senhor,

de ser teu cordeiro eleito, que se apreste
- seguindo a ovelha mansa e atendendo ao pastor -
a imolar sua vida e a lã de que se veste,
quando queira o zagal daqueles bens dispor;

o peixe que a Jesus de símbolo servia;
o jumento plebeu, que Ele um dia montou,
e o porco vil que do meu corpo esconjurou.

Pois, nestes tempos maus, de luta e hipocrisia,
o animal, no cumprir seu humilde mister,
é mais puro e melhor do que o homem e a mulher.

Erik Axel Karlfeldt
(Suécia 1864 – 1931)

Éden

Tradução de Ivo Barroso

I

É de manhã, no Éden,
o jovem jardim da beatitude.
Os melros fazem seu ninho
junto à marta do salgueiro.
O vento brinca, dança o bezerro;
lento e leve,
coloca os pés
entre as bocas-de-leão.
O filhote do pombo, confortavelmente,
viaja nas costas do gavião.

Branca e nua, a dona do lugar
caminha entre as flores das platibandas;
as ervilhas florescem entre os sabugueiros,
os feijões ao lado das papoulas.
O leitão desperta, mas dentro do chiqueiro
lança um logo olhar,
depois em seu canto,
entre a erva-cidreira e a salva,
bufa com seu pálido focinho
sobre a rosa vermelha embalsamada de orvalho.

Adão passeia sonhando colheitas
sob as ameixeiras amarelas.
O cavalo sem freio e sem rédeas
corre livremente entre os trigais
que cresceram sem plantio.
Maçã à mão, Eva faz um sinal –

onde quer que vá, também vai a primavera.
Um halo róseo flutua em torno de seus seios.
Esta é a manhã que não termina nunca,
aqui é o Éden, eis o Levante.

II

Eva sente vergonha, sob um sol muito vivo;
improvisa uma veste com folhas de figueira.
De calções verdes, Adão faz um esgar.
Sofre de cólica e também de remorsos.
A serpente na árvore se diverte com o acanhamento,
a cauda balança as folhas da macieira.
O anjo, vestido de amarelo flamejante,
segura uma acha imensa.

A paz rompeu-se, a queda aconteceu,
um cadeado balança na porta do Paraíso.
Adão vai ter de suar a fronte
e Eva dará à luz entre padecimentos.
Será preciso bater o grão no celeiro das granjas;
a clava de Caim, certeira, golpeará.
Os homens irão para longe,
esquecendo seu lar como uma lenda.
O dia é tórrido, a manhã terminou.
A noite trará o frescor, eis o Poente.

Miguel de Unamuno
(Espanha 1864 - 1936)

Oração

Tradução de José Bento

Tu que te calas, ó Cristo!, para ouvir-nos,
ouve dos nossos peitos os soluços;
acolhe nossas queixas, os gemidos
deste vale de lágrimas. Clamamos
a Ti, Jesus Cristo, da caverna
do nosso abismo de miséria humana,
e Tu, da humanidade o branco cimo,
dá-nos as águas de tuas neves. Águia
branca que o céu abarcas em teu voo,
pedimos-te o teu sangue; a Ti, a vinha,
o vinho que consola ao embriagar-nos;
a Ti, Lua de Deus, o doce lume
que na noite nos afirma que o sol vive
e nos espera; a Ti, coluna forte,
esteio onde pousar; ó Hóstia Santa,
pedimos-te o pão da nossa viagem,
como esmola, por Deus; suplicamos-te
a Ti, Cordeiro do Senhor que lavas
os pecados do mundo, o velocino
do ouro de teu sangue; pedimos-te
a Ti, a rosa do sarçal bravio,
a luz que não se gasta, essa que mostra
como Deus é quem é; a Ti, que a ânfora
do divino licor, que o néctar ponhas
de eternidade em nossos corações.
Pedimos-te, Senhor, que nossas vidas
teças de Deus na túnica celeste,
sobre o tear da vida eterna. Deixa-nos
nossa suada fé, que é frágil ninho
de aladas esperanças que gorgeiam

cantos de vida eterna entre teus braços,
as asas do Espírito que flutua
sobre a face das águas tenebrosas,
acolher à sombra de tua fronte.
Vem e vê, Senhor: meio seio fede;
vê como eu, a quem amas, adoeço;
tu és a ressurreição, Tu és a vida:
Chama-me a Ti, teu amigo, como a Lázaro!
Leva-nos Tu, o espelho, p'ra podermos
ver frente a frente o teu Sol e conhecê-lo
tal como Ele, por sua parte, nos conhece;
com nossos olhos-terra a ver seu lume
e como um companheiro cara a cara
como a Moisés nos fale, e boca a boca.
Traz-nos o reino de teu Pai, oh Cristo,
que é o reino de Deus, reino do Homem!
Dá-nos vida, Jesus, que é labareda
que alenta e ilumina e a ser sustento,
num vaso encarcerado, se sujeita;
vida que é chama, que no tempo vive
e em ondas, como o rio, se sucede.
Nós, os homens, morremos justamente;
mas Tu, sem o merecer, também morreste
de puro amor, cordeiro imaculado,
e estando em teu reino, não te esqueças
de nós. Que nunca, qual ao vento
o fumo da madeira, nos percamos
sem um lugar, errantes. Mas recolhe-nos
e com tuas mãos conduz as nossas almas
ao silo de teu Pai, e ali aguardem
que Ele do Universo faça pão,
levedado por teu corpo, e alimente
suas eternidades derradeiras!
Misérrimos, Senhor, nós avançamos,
a alma em farrapos andrajosos,
como cisco nas eiras – remoinho
quando sobre ele sopram as rajadas –
apinhados por uma tromba tormentosa

de crescentes negruras; faz que brilhe
tua brancura, caiação da abóbada
da infinita casa de teu Pai
- lar de eternidade – no caminho
da nossa marcha e esperança forte
sobre nós, enquanto Deus houver!
De pé e com os braços bem abertos
e estendida a dextra a não secar,
faz-nos cruzar a vida pedregosa
- encosta do Calvário – sustentados
do dever pelos cravos, e morramos
como Tu, de pé, os braços bem abertos,
e como Tu, ascendamos à glória
de pé, para que Deus de pé nos fale
e com os braços estendidos. Deixa,
Senhor, quando ao fim for obrigado
a sair desta noite tenebrosa
em que a sonhar o coração se embota,
que eu entre no claro dia que não finda,
meus olhos fixos em teu alvo corpo,
Filho do Homem, Humanidade inteira,
na incriada luz que nunca morre;
meus olhos fixos em teus olhos, Cristo,
meu olhar afogado em Ti, Senhor!

Paul Claudel
(França 1868 – 1955)

A Santa Face

Tradução de Cláudio Veiga

Certa imagem não poderias apagar de teu coração,
E esta imagem é precisamente aquela gravada no pano de Verônica.
É uma face fina e longa, contornando-lhe o queixo três tufos de barba.
Sua expressão é tão severa que intimida, e tão santa
Que o velho pecado, em nós organizado,
Estremece em sua raiz original, e a dor que ela exprime é tão profunda
Que, surpresos, ficamos parecendo com os filhos que, sem
Compreender, veem as lágrimas do pai: *ele* está chorando!
Em vão, bem que desejarias, ó Ivors, desfraldar diante desses olhos
A glória e o esplendor do mundo.
Esses olhos que, levantando-se, criaram, num relance, o Universo,
Estão baixos agora e deles descem lágrimas severas;
Sua fronte está suando gotas de sangue.
Mas, considera, ó meu filho, a boca de teu Deus, a boca , ó meu filho, do Verbo.
Que amargor está sentindo, que palavra visceralmente inefável está saboreando.
Pois estes lábios, no canto direito, se entreabrem num sorriso atroz.
Como chora com todo o seu ser, deixando a saliva escapar, igual a uma criança!
Pão não haverá para nós, ó meu filho, enquanto existir esta dor a consolar.
Eis a dor do filho do Homem que desejou provar e assumir o nosso crime.
Eis a dor do Filho de Deus,

Não poder apresentar ao Pai o homem todo no mistério da Ostensão.

W. B. Yeats
(Irlanda 1865 – 1939)

A Segunda Vinda

Tradução de Paulo Azevedo Chaves

Girando e girando em círculos que se ampliam,
O falcão não pode ouvir os comandos do falcoeiro;
As coisas se despedaçam; o centro se desloca;
A anarquia está à solta no mundo,
A maré tinta de sangue está à solta e por toda parte
A cerimônia da inocência está sendo afogada;
Aos melhores falta qualquer convicção
Enquanto os piores estão plenos de ardor.

Certamente alguma revelação está por acontecer,
Certamente a Segunda Vinda está por acontecer.
A Segunda Vinda! Mal essas palavras são proferidas
Quando uma vasta imagem que sai do *Spiritus Mundi*
Perturba minha vista: em algum lugar nas areias do deserto
Uma forma com corpo de leão e cabeça de homem,
De olhar vazio e impiedoso como o sol,
Move as coxas lentas, enquanto à sua volta
Circulam as sombras de pássaros irados do deserto.
A escuridão baixa novamente, mas agora eu sei
Que vinte séculos de um sono pétreo
Viraram pesadelo ao embalo de um berço
E que besta rude, sua hora enfim chegada,
Arrasta-se rumo a Belém para nascer?

Silvano do Monte Athos
(Rússia 1866 – 1953)

Tradução de José Tolentino Mendonça

Amor ardente de Deus, não me abandones
Quando te afastas, por pouco que seja
pensamentos obscuros assaltam
a paz das moradas

Amargas lágrimas são o choro
prolongado de minha alma

Rubén Darío
(Nicarágua 1867 – 1916)

SPES

Tradução de Sammis Reachers

Jesus, incomparável perdoador de injúrias,
Ouça-me; semeador de trigo, dá-me o terno
pão de tuas hóstias; dá-me, contra o cruel inferno,
uma graça purificadora de iras e luxúrias.

Diga-me que este horror terrível da agonia
Que me obceca, é não mais que minha culpa nefanda,
Que ao morrer encontrarei a luz de um novo dia
E que então ouvirei meu "Levanta-te e anda!"

Francis Jammes
(França 1868 – 1938)

Prece Para Ir ao Paraíso com os Burros

Tradução de Modesto de Abreu

Meu Deus, quando eu tiver de ir para Vós, fazei
que seja por um dia em que a campina em festa
levante pó. Tal qual eu fiz na terra, quero
um caminho escolher para eu ir, a meu gosto,
ao Paraíso, onde há estrelas noite e dia.
Tomarei meu bastão e, pela estrada larga,
seguirei, e direi aos Burros, meus amigos:
Francis Jammes eu sou, e vou-me ao Paraíso,
pois que não há inferno em terras do Bom Deus.
Dir-lhes-ei: vinde cá, amigos do azul céu,
queridos animais que, num bater de orelhas,
desviais as moscas, as pancadas e as abelhas.
Quero diante de Vós surgir por entre as bestas
que eu amo ainda mais porque baixam a fronte
humildemente, os pés juntando quando empacam
numa humilde atitude, a inspirar-vos piedade.
Cercar-me-ão, ao chegar, seus milhares de orelhas;
seguir-me-ão os que carregaram jacás,
os que puxaram carroções de saltimbancos,
os que levaram lataria e espanadores,
ou trouxeram barris bojudos nos costados,
burras prenhes tais quais uns odres, se arrastando,
ou aqueles que vão calçando pantalonas
com chagas roxas purulentas a atrair
a mosqueira teimosa ajuntada ao redor.
Meu Deus, fazei com que eu Vos chegue com os asnos.
Fazei, meu Deus, que em paz os anjos nos conduzam
a regatos nos quais sobrenadem cerejas
lisas tais quais a carne em flor das raparigas,
e fazei que, ao beirar esse pouso das almas,

nas águas ao mirar-me, eu me veja asniforme,
fitando a minha humilde e sublime pobreza
na pura limpidez do Vosso eterno amor.

Amado Nervo
(México 1870 – 1919)

Oh Cristo!

Tradução de Sammis Reachers

Já não há dor humana que não seja minha dor;
Já nenhum olho chora, já nenhuma alma se angustia
Sem que eu me angustie e chore;
Já meu coração é lâmpada fiel de todas as vigílias,
Oh Cristo!

Em vão busco nos profundos esconderijos de meu ser
Para encontrar algum ódio: ninguém pode já me machucar
Senão de piedade e amor. Todos são eu, eu sou todos,
Oh Cristo!

Que importam males ou bens! Para mim tudo está bem.
A roseira não tem espinhos: para mim dá apenas rosas.
Rosas de Paixão? Que importa! Rosas de celeste essência,
Púrpuras como o sangue que verteste por nós,
Oh Cristo!

Charles Péguy
(França 1873 – 1914)

A Esperança

Tradução de Guilherme de Almeida

A crença de que eu gosto mais, diz Deus, é a esperança.

A fé, isso não me espanta.
Isso não é espantoso.
Eu resplandeço de tal maneira na minha criação.
No sol e na lua e nas estrelas.
Em todas as minhas criaturas.
Nos astros do firmamento e nos peixes do mar.
No universo das minhas criaturas.
Sobre a face da terra e sobre a face das águas.
No movimento dos astros que estão no céu.
No vento que sopra sobre o mar e no vento que sopra
no vale.
No calmo vale.
No tão quieto vale.
Nas plantas e nos animais e nos animais das florestas.
E no homem.
Minha criatura.
Nos povos e nos homens e nos reis e nos povos.
No homem e na mulher sua companheira.
E principalmente nas crianças.
Minhas criaturas.
No olhar e na voz das crianças.
Porque as crianças são mais minhas criaturas.
Do que os homens.
Elas não foram ainda desfeitas pela vida.
Da terra.
E entre todos elas são meus servidores.
Antes de todos.
E a voz das crianças é mais pura do que a voz

dos ventos na calma do vale.
No vale tão quieto.
E o olhar das crianças é mais puro do que o azul do
céu, do que o leitoso do céu, e do que um raio
de estrela na calma noite.
Ora eu resplandeço de tal maneira na minha criação.
Na face da montanha e na face da planície.
No pão e no vinho e no homem que lavra e no homem
que semeia e na messe e na vindima.
Na luz e nas trevas.
E no coração do homem que é o que há de mais
profundo no mundo.
Criado.
Tão profundo que é impenetrável a todo olhar.
Exceto ao meu olhar.
Na tempestade que faz cabriolar as ondas e na
tempestade que faz cabriolar as folhas.
Das árvores da floresta.
E ao contrário na calma de uma bela tarde.
Na areia do mar e nas estrelas que são uma areia
no céu.
Na pedra do limiar e na pedra da lareira e na pedra
do altar.
Na oração e nos sacramentos.
Nas casas dos homens e na igreja que é minha casa
sobre a terra.
Na águia minha criatura que voa sobre os píncaros.
A águia real que tem pelo menos dois metros de
envergadura e talvez três metros.
E na formiga minha criatura que rasteja e que armazena
um pouquinho.
Na terra.
Na formiga meu servidor.
E até na serpente.
Na formiga minha serva, minha ínfima serva, que
armazena a custo, a parcimoniosa.
Que trabalha como uma desgraçada e que não tem
mesmo folga e que não tem mesmo descanso.

A não ser a morte e o longo sono de inverno.

Eu resplandeço de tal maneira em toda a minha criação.
....

A caridade, diz Deus, isso não me espanta.
Isso não é espantoso.
Essas pobres criaturas são tão infelizes que a não ser
que tivessem um coração de pedra, como não
haveriam de ter caridade umas para com as outras.
Como não haveriam de ter caridade para com seus irmãos.
Como é que eles não haviam de tirar o pão da boca,
o pão de cada dia, para dá-lo a desgraçadas
crianças que passam.
E meu filho teve para com eles uma tal caridade.
Meu filho irmão deles.
Uma tão grande caridade.

Mas a esperança, diz Deus, eis o que me espanta.
A mim mesmo.
Isso é espantoso.
Que essas pobres crianças vejam como tudo isso acontece
e acreditem que amanhã vai ser melhor.
Que vejam como isso acontece hoje e acreditem que vai
ser melhor amanhã cedo.
Isso é espantoso e é mesmo a maior maravilha da nossa
graça.
E eu mesmo me espanto com isso.
E é preciso que de fato minha graça seja de uma força
incrível.
E que ela escorra de uma fonte e como um rio
inesgotável.
Desde aquela primeira vez que ela escorreu e escorre
sempre desde então.
Na minha criação natural e sobrenatural.
Na minha criação espiritual e carnal e ainda espiritual.
Na minha criação eterna e temporal e ainda eterna.
Mortal e imortal.

E aquela vez, ó aquela vez, desde aquela vez que
ela escorreu, como um rio de sangue, do flanco
trespassado de meu filho.
Qual não deve ser a minha graça e a força da minha
graça para que essa pequena esperança, vacilante
ao sopro do pecado, trêmula a todos os ventos,
ansiosa ao menor sopro,
seja tão invariável, mantenha-se tão fiel, tão reta,
tão pura; e invencível, e imortal, e impossível
de apagar-se; que essa pequena flama do
santuário.
Que queima eternamente na lâmpada fiel.
Uma chama tiritante atravessou a espessura dos mundos.
Uma chama vacilante atravessou a espessura dos tempos.
Uma chama ansiosa atravessou a espessura das noites.
Desde aquela primeira vez que a minha graça escorreu
para a criação do mundo.
Desde então que a minha graça escorre sempre para a
conservação do mundo.
Desde aquela vez que o sangue do meu filho escorreu
para a salvação do mundo.
Uma chama impossível de se alcançar, impossível de se
apagar ao sopro da morte.

O que me espanta, diz Deus, é a esperança.
Eu fico pasmo.
Essa pequena esperança que parece uma cousa de nada.
Essa pequena esperança.
Imortal.
Porque as minhas três virtudes, diz Deus.
As três virtudes minhas criaturas.
Minhas filhas minhas crianças.
Elas próprias são como as minhas outras criaturas.
Da raça dos homens.
A Fé é uma Esposa fiel.
A Caridade é uma Mãe.
Uma mãe ardente, cheia de coração.
Ou uma irmã mais velha que é como uma mãe.

A Esperança é uma meninazinha de nada.
Que veio ao mundo no dia de Natal do ano passado.
Que brinca ainda com o boneco de neve.
Com seus pinheirinhos de madeira da Alemanha cobertos de geada pintada.
E com seu boi e seu jumento de madeira da Alemanha.
Pintados.
E com seu presépio cheio de palha que os animais não comem.
Porque elas são de madeira.
Entretanto é essa meninazinha que atravessará os mundos.
Essa meninazinha de nada.
Ela só, levando os outros, que atravessará os mundos volvidos.

Gertrud Von Le Fort
(Alemanha 1876 – 1971)

Voz do Salvador

Tradução de Mansueto Kohnen

Eu, porém, Eu sozinho não levanto queixa alguma, e o que a mim
foi feito,
não encontra tribunal em lugar algum.
Pois, onde está o poderoso que poderia defender Minha causa?
Onde o forte que Me poderia satisfazer?
Não há vida para ouvir-Me e a força de nenhuma vida pode
acabar
Meu sofrimento!
A dor de todo homem tem sua hora e a desgraça de cada povo seu
pôr-de-sol.
Porém Minhas dores desconhecem arrebol e Minha queixa vive
em todos os povos da terra.
Fui Eu quem verteu sangue em todos os seus combates, fui
mortalmente
ferido em todos os campos de batalha.
Fui o prisioneiro esfomeado e fui o desaparecido que arruinou
em noite e horror.
Fui o asfixiado nas câmaras venenosas do crime. Fui o
martirizado
cujo grito não quebrou coração algum.
Fui o aterrado nas adegas das cidades incendiadas, fui o errante
perdido
no meio das florestas de chamas.
Foi Minha casa que se roubou ao expatriado, foi Minha
vestimenta
que se arrancou de seu ombro.
Foi Meu filho que estarreceu no peito da mãe.
Em todos os tempos fui Eu o renegado e em todas as horas
fui o atraiçoado.
Serei sempre traído ao renovar-se o canto do galo.

Porque, repara: Eu sou uma voz mansa no meio dos vales
selváticos
de vosso ódio.
Sou uma voz misericordiosa nos abismos gélidos de vossa ira.
Sou uma voz celestial ainda na porta do inferno.
Sou Amor não amargurado, sou Amor inexorável, sou Amor
suplicante!
Re-amai a Mim, amai-vos todos e - silenciai!

Hinos à Igreja
(Fragmento)

Tradução de Wira Selanski

Pois por toda a parte na terra sopra o vento do abandono:
escuta, como algo chora na ante-sala do mundo!
Por toda a parte há um e nunca dois!
Por toda a parte há um grito no calabouço
e uma mão atrás da porta murada;
Por toda a parte há um sepultado vivo.
Nossas mães choram e nossos amados emudecem,
ninguém é capaz de ajudar ao outro:
todos são solitários!
Eles se comunicam de silêncio em silêncio;
eles se beijam de solidão em solidão;
eles se amam mil dores afastados de suas almas.
Pois toda a presença do homem é como flores que murcham nos túmulos,
e todo o consolo é como uma voz de fora. –
Porém tu és como uma voz no meio da alma.

Oscar Lubcz Milosz
(França-Lituânia, 1877 – 1939)

Poetas de Deus...

Tradução de Cláudio Veiga

Os poetas de Deus viam o mundo dos arquétipos e o descreviam piedosamente por meio dos termos precisos e luminosos da linguagem do conhecimento.
O declínio da fé se manifesta no mundo da ciência e da arte por um obscurecimento da linguagem.
Os poetas da natureza cantam a formosura imperfeita do mundo sensível segundo o antigo modo sagrado.
No entanto, impressionados pela discordância secreta entre o modo de expressão e o assunto,
E incapazes de se elevarem até o único lugar situado, quer dizer Patmos, terra da visão dos arquétipos,
Imaginaram, na noite de sua ignorância, um mundo intermediário, flutuante e estéril, o mundo dos símbolos.

Juan Ramón Jiménez
(Espanha 1881 – 1958)

Deus do Amor

Tradução de Manuel Bandeira

O que quiserdes, Senhor,
E seja o que bem queirais.
Se quiserdes que entre as rosas
Eu ria até os matinais
Deslumbramentos da vida,
Que seja o que bem queirais.

Se quiserdes que entre as rosas
Eu sangre até as abismais
Sombras, ai! da noite eterna,
Que seja o que bem queirais.

Graças se quereis que eu veja,
E graças se me cegais;
Graças por tudo e por nada,
E seja o que bem queirais.

O que quiserdes, Senhor,
E seja o que bem queirais.

Jules Supervielle
(França/Uruguai 1884 – 1960)

Deus Pensa no Homem

Tradução de Renato Suttana

Não sei como exatamente
Mas terá o meu semblante,
Eu que sou todos os mundos
Com cada um de seus instantes.
Vou separá-lo do resto
E isolá-lo entre meus braços;
Quero adotar os seus gestos
Antes que seja o que será.
Já posso vê-lo à janela
De uma casa que ainda não há.
Tateio-o, toco-o com os dedos,
Dou-lhe forma sem querer,
Dou-o a mim, tiro-o de mim,
Pois tenho pressa de o ver!
Observo-o tanto, retardo-o
Por melhor o conceber!
Às vezes, informe, saltas,
Te afastas e entras na noite
Ou, crescido, tu me escalas
E te tornas um gigante.
Eu que a todo olhar me finto
Quero-te ao longe visível,
Eu que sou silêncio infindo
Te ensinarei a palavra,
Eu que não posso pousar
Quero-te firme sobre os pés,
Eu que estou em toda parte
Quero-te num só lugar,
Eu que estou em minha lenda
Sozinho como um cordeiro

Perdido na mata horrenda,
Eu que não como nem bebo
Quero-te à mesa assentado
Com tua esposa ao teu lado,
Eu que sou supremo sempre
E desconheço o cansaço,
Eu que de mim nada faço,
Pois que não posso terminar –
Quero que sejas perecível,
Serás mortal, meu menino,
E eu te embalarei no berço
Da terra, onde árvores cresçam.

D. H. Lawrence
(Inglaterra 1885 – 1930)

PAX

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Tudo que importa é estar em paz com o Deus vivo,
ser uma criatura na morada do Deus da vida.

Como um gato dormindo na cadeira
em paz, tão em paz,
de bem com o dono da casa, com a dona,
em casa, à vontade, na casa dos vivos,
dormindo junto à lareira, bocejando ao pé do fogo.

Dormindo junto à lareira do mundo vivo,
bocejando no lar ao pé do fogo da vida,
sentindo a presença do Deus vivo
como uma imensa segurança,
profunda calma no coração,
uma presença,
como a do dono da casa sentado à mesa
na plenitude de seu ser,
na morada da vida.

As Mãos de Deus

Tradução de Aíla de Oliveira Gomes

Coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivo.
Mas muito mais terrível ainda é delas cair.

Não foi pelo conhecimento que Lúcifer caiu?
Ah! tende piedade dele, piedade dessa queda!

Livra-me, Deus, de cair no conhecimento profano
de mim mesmo, como eu sou sem Deus.
Que eu nunca o saiba, meu Deus,
nunca me deixes saber o que eu sou, ou seria,
se caísse de tuas mãos – as mãos do Deus vivo.

Aquele pavoroso e estonteante e infindável afundar, afundar
pelos lentos patamares depravantes do saber desintegrador,
quando o ego já caiu das mãos de Deus
e afunda, fervilhando, submergindo, corrompido
e afundando ainda, de profundeza em profundeza da consciência desintegradora,]
afundando na ruína sem fim – o pavoroso catabolismo para o fundo do abismo!]
É assim a alma caída das mãos de Deus!

Livra-me disso, ó Deus!
Que eu nunca me conheça separado do Deus vivo!

Joyce Kilmer
(EUA 1886 – 1918)

Árvores

Tradução de Olegário Mariano

Sei que nunca verei um poema mais belo e ardente,
do que uma árvore; uma árvore que encerra
uma boca faminta, aberta eternamente
ao hálito sutil e flutuante da Terra.
Voltada para Deus todo dia, ela esquece
os braços a pender de folhas, numa prece.
Uma árvore, que ao vir do estio morno, esconde
Um ninho de sabiás nos cabelos da fronde.
A neve põe sobre ela o seu níveo diadema
E a chuva vive na mais doce intimidade
Do tronco, a se embalar nos galhos seus;
Qualquer néscio como eu sabe fazer um poema.
Mas quem pode fazer uma árvore? - Só Deus.

Pierre Jean Jouve
(França 1887 – 1976)

Encarnação

Tradução de Jorge de Sena

Tanto fiz que apareces longinquamente
sobre a carne mesma da vida
no terrível estrume dos prazeres
na mecânica dos demônios da revolta
na razão tão lógica dos mortos.
Apareces com teu sudário de dor
com o teu riso
com o teu perdão para o nosso ruído infame
de intestino de lágrimas.

T.S. Eliot
(EUA/Inglaterra 1888 – 1965)

Um Cântico para Simeão

Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos

Senhor, os jacintos romanos estão florindo nos vasos
e o sol de inverno se roja nos montes de neve:
fez alto a rude quadra.
Minha vida é luz, aguardando o sopro da morte,
como se fosse uma pena no dorso de minha mão.
A poeira nos raios de sol e a memória nos cantos
esperam pelo vento que esfria em direção à terra morta.

Concede-nos tua paz.
Muitos anos caminhei nesta cidade,
guardei a fé e o jejum, poupei para os pobres,
dei e recebi honra e sossego
jamais foi alguém repelido de minha porta.
Quem lembrará minha casa, em que hão de viver os
filhos de meus filhos,
quando tiver chegado o tempo da tristeza?
Eles buscarão a trilha do cabrito, e a toca da raposa,
fugindo dos rostos estranhos e das espadas forasteiras.
Antes do tempo das cordas e dos açoites e dos lamentos
concede-nos tua paz.
Antes das estações na montanha da desolação,
antes da hora certa da tristeza materna,
agora, nesta quadra em que está nascendo o fim,
conceda o Infante, o Verbo que ainda não fala nem é falado
a consolação de Israel
a alguém que tem oitenta anos e não tem amanhã.

Segundo tua palavra.

Eles Te hão de exaltar e sofrer em cada geração
com glória e escárnio,
luz sobre luz subindo a escada dos santos.
Não para mim o martírio, o êxtase do pensamento e da prece
não para mim a última visão.
Concede-me tua paz.
(E uma espada há de rasgar teu coração,
o teu também).
Estou fatigado de minha vida e da vida dos que virão depois de
mim,
estou morrendo em minha morte e na morte dos que virão
depois de mim.
Deixa teu servo partir,
após ter visto tua salvação.

Gabriela Mistral
(Chile 1889 – 1957)

A Alegria de Servir

Toda a Natureza é um desejo de serviço.
Serve a nuvem, serve o vento, servem os vales.
Onde haja uma árvore que plantar, planta-a tu;
Onde haja um erro que emendar, emenda-o tu;
Onde haja um esforço que todos evitam, aceita-o tu.

Sê aquele que afasta a pedra do caminho,
O ódio dos corações e as dificuldades de um problema.
Existe a alegria de ser são, e a alegria de ser justo,
Mas existe sobretudo, a formosa a imensa alegria de servir.
Como seria triste o mundo se tudo já estivesse feito,
Se não houvesse um roseiral que plantar, uma empresa que iniciar!
Que não te atraiam somente os trabalhos fáceis.

É tão belo fazer a tarefa a que outros se esquivam!
Mas não caias no erro de que só se conquistam méritos
Com os grandes trabalhos;
Há pequenos serviços que são imensos serviços:
Adornar a mesa, arrumar os bancos, espanar o pó.
Aquele é o que critica, este é o que destrói;
Sê tu o que serve.

O serviço não é tarefa só de seres inferiores.
Deus, que dá o fruto e a luz, serve.
Poder-se-ia chamá-lo assim: Aquele que serve.
E Ele, que tem os olhos em nossas mãos, nos pergunta todo dia:
"Serviste hoje? A quem? A árvore, a teu amigo, a tua mãe?"

O Carro do Céu

Tradução de Henriqueta Lisboa

Deita para trás a fronte,
filho, e recebe as estrelas.
Súbito, ao primeiro olhar,
elas te apunhalam e gelam.
E depois o céu tonteia
como berço que se embalança.
E tu te dás perdidamente
como cousa que levam e levam...

Deus baixa para tomar-nos
em sua vívida poeira.
No céu estrelado tomba
como uma solta cachoeira.
Baixa no Carro do Céu,
vai chegar e nunca chega.

Ele vem incessantemente
e a meio andar se refreia.
Por amor e medo de amor
de que nos fere ou que nos cega.
Enquanto vem somos felizes
e choramos quando regressa.

Um dia o carro não para,
já desce, já se aproxima,
e sentes que toca teu peito
a roda viva, a roda fresca.

Então, filho, sobes sem medo,
à roda, de um único salto,
cantando e chorando de gozo
com que te toma e te arrebata.

Ugo Betti
(Itália 1892 – 1953)

Pecado Original

Tradução de Hermínia Ferreira

A luz sobre os calmos mares
lentamente difundiu-se;
Dormiam como cerradas folhas
os continentes solitários.
E adiantaram-se as duas criaturas
por dentro do silêncio e da frescura,

Aos seus passos, como uma pomba
desaninhada o eco elevou-se, depois emudeceu.
Timidamente abriram a ramagem...
espiaram a cava sombra das águas...
e naquela sombra avistaram dois rostos
que subiam fremendo
por entre os céus revoltos

Então, com grande pasmo e medo,
olharam-se, tocaram-se,
nus estavam, entre o céu e as rochas
e arripiavam-se, como ao vento,
Dentro dos torsos de argila
Inchava-se uma ignota
tristeza, com o mugir da onda...
Depois caíram. E gravaram a lama
com indelével cunho.

César Vallejo
(Peru 1892 - 1938)

Tradução de Thiago de Mello

Para Alejandro Gamboa

O café da manhã... Úmida terra
de cemitério sabe a sangue amado.
Cidade de inverno... Travessia áspera
de uma carreta que arrastar parece
a emoção de um jejum encadeada!

Vontade de bater em cada porta
e perguntar por não sei quem; e logo
ir ver os pobres e, chorando em calma,
dar pedacinhos de pão fresco a todos.
E saquear os vinhedos dos ricos
com as duas mãos santas
que, a um golpe de luz,
voaram despregadas lá da cruz.

Pestana matinal, não vos erguei.
O pão nosso nos dai de cada dia,
Senhor!
Todos os meus ossos são alheios;
eu os roubei, talvez.

Me dei o que já estava porventura
destinado a outrem;
e penso que, não tivesse eu nascido,
caberia a outro pobre este café.
Eu sou um mau ladrão... Para onde irei!

E nesta hora tão fria, quando a terra
a humano pó transcende e que é tão triste,
eu quisera bater em cada porta

e suplicar, a não sei quem, perdão
e lhe assar pedacinhos de pão fresco
Aqui no forno do meu coração.

Jorge Guillén
(Espanha 1893 - 1984)

Sexta-feira Santa

Tradução de José Bento

"Este cálice afasta-o de mim.
Mas se é necessário..."
E o cálice, de amargura necessária,
Foi levado à boca, foi bebido.
A boca, todo o corpo,
A alma do mais puro
Aceitaram o mal sem resistência.

E o mal era injustiça,
Dor,
- Uma dor infligida
com mentira –
E sangue derramado.
Tudo era necessário
Para assumir aquele atroz ser homem.
Era o Filho do Homem.
Filho com seus conflitos e angústias
Porque o Pai está longe ou invisível,
E deixa-o ser homem, criatura
De aflição e júbilo,
De sexta-feira e sábado
Sobre encostas e encostas.
Porque o abandonaste se é teu Filho?
E os céus enevoam-se,
E a terra comove-se,
Há um fragor indignado:
Tudo vê a injustiça. Necessária?
Também sofrem os justos que condenam
O mal
E repelem sua ajuda.

Mas o Filho do Homem, sim, deseja-a.
É ele
Quem ali deve, sobre os ombros humanos,
Carregar todo o peso de ser homem,
Entre os perversos, cúmplices,
Frente aos justos que ao horror se negam.

Culminação de crise,
À plenitude erguida.
Esta vida suprema exige morte.
Há-de morrer o Filho.
Tem que ser o homem mais humano.
Também
Os minutos serenos decorreram.
Houve dias formosos com parábolas.
Hoje é sexta-feira com sangue:
Sangue que à verdade desemboca.
E então...
Gemido clamoroso de final.
Um centurião já entende.
Choram as três Marias. Homem sacro.
A Cruz.

Lucian Blaga
(Romênia 1895 – 1961)

As Lágrimas

Tradução de Luciano Maia

Quando, afugentado do ninho da eternidade,
o primeiro homem
caminhava perplexo por bosques e por campos,
atormentavam-no e surpreendiam-no
a luz, a claridade, as nuvens – e de cada flor
flechava-o com uma lembrança o paraíso –
E o primeiro homem, errante, não sabia chorar.
Uma vez, massacrado pelo azul sereníssimo
da primavera,
com alma de menino o primeiro homem
caiu com o rosto no pó da terra:
“- Senhor, tira-me a visão,
ou, se preferes, cobre-me os olhos
com uma mortalha,
para que não mais veja
nem flores, nem céu, nem os sorrisos de Eva,
pois, como vês, a sua luz me dói.”
E então o Piedoso, num instante de compaixão,
deu-lhe – as lágrimas.

Marià Manent
(Espanha 1898 - 1988)

Louvação do Barro

Tradução de João Cabral de Melo Neto

Cantarei o barro, porque nele esteve a vida
e este sangue que ferve em nosso corpo.
Meus olhos de barro pressentem o repouso
e o clarão imortal de uma outra vida.

Cantarei o barro porque foi amassada
a nossa carne do barro inconsistente
e na argila curtida e inanimada
o sopro de Deus entrou como a semente.

Dietrich Bonhoeffer
(Alemanha 1906 – 1945)

Quem Sou?

Quem sou?
Frequentemente me dizem que
saí do confinamento de minha cela
tranquilo, alegre e firme
como um senhor de sua mansão de campo.
Quem sou?
Frequentemente me dizem
que costumo falar com os guardiões da prisão confiada,
livre e claramente, como se eu desse as ordens.
Quem sou?
Também me dizem
que superei os dias de infortúnio
orgulhosa e amavelmente, sorrindo,
como quem está habituado a triunfar.
Sou, na verdade, tudo o que os demais dizem de mim?
Ou sou somente o que eu sei de mim mesmo?
Inquieto, ansioso e enfermo, como uma ave enjaulada,
pugnado por respirar, como se me afogasse,
sedento de cores, flores, canto de pássaros,
faminto de palavras bondosas, de amabilidade,
com a expectativa de grandes feitos,
temendo, impotente, pela sorte de amigos distantes,
cansado e vazio de orar, de pensar, de fazer,
exausto e disposto a dizer adeus a tudo.
Quem sou? Esse ou aquele?
Um agora e outro depois?
Ou ambos de uma vez?
Hipócrita perante os demais
e, diante de mim mesmo, um débil acabado?
Ou há, dentro de mim, algo como um exército derrotado
que foge desordenadamente da vitória já alcançada?

Quem sou?
Escarnecem de mim essas solitárias perguntas minhas;
seja o que for,
Tu o sabes, ó Deus: sou Teu!

W. H. Auden
(Inglaterra-EUA, 1907 – 1973)

Lutero

Tradução de José Paulo Paes

Consciência pronta a ouvir o ronco do trovão,
Viu o Diabo no vento, todo atarefado
Entrar em campanários, passar sob o vão
Da porta de freiras e doutos em pecado.

O desastre, de que modo evitá-lo, como
Aparar o espinheiro dos enganos do homem?
Carne, um cão silente a morder o seu dono;
Mundo, um lago mudo que os filhos seus consome.

O estopim do Juízo queimava em sua mente:
"Fumiga esta colméia de abelhas, Senhor:
Tudo – obras, Sociedades, Grandes Homens – mente.
O Justo viverá pela fé..." gritou, temente.

E quem, homem e mulher do mundo, o temor
Ou zelo nunca atormentou, ficou contente.

Leopoldo Panero
(Espanha 1909 - 1962)

Tu Que Andas Sobre a Neve

Tradução de José Bento

Agora que a noite é puríssima e não há ninguém mais que Tu,
diz-me quem és.
Diz-me quem és e que água tão límpida treme na minha alma;
diz-me quem sou também;
diz-me quem és e porque me visitas,
porque desces até mim, que estou tão precisado,
e porque Te afastas sem me dizer Teu nome,
agora que a noite é tão pura e não há ninguém mais que Tu.

Agora que sinto o coração como árvore derrubada no bosque,
e o machado nele ainda cravado,
ainda o machado e o golpe na minha alma,
e a seiva cortada na minha alma,
Tu que andas sobre a neve.

Agora que ergo o coração, e o ergo
voltado para Ti o meu amor,
e o ergo
como arrancando minhas raízes todas,
onde o peso da Tua Cruz se sente ainda.

Agora que o assombro me levanta desde a planta dos pés,
e ergo para Ti meus olhos,
Senhor,
diz-me quem és,
ilumina quem és,
diz-me quem sou também,
e porquê a tristeza de ser homem, Tu que andas sobre a neve.
Tu que ao tocar as estrelas as fazes empalidecer de formosura;
Tu que moves o mundo tão suavemente que parece que se me vai

derramar o coração;
Tu que habitas numa cabana do bosque onde cresce a Tua cruz;
Tu que vives nessa solidão que se escuta na alma como um voo diáfano;
agora que a noite é tão pura,
e que não há mais ninguém que Tu,
diz-me quem és.

Agora que sinto a memória como um espelho partido e a boca cheia de asas.
Agora que se me põe de pé,
sem o ouvir,
o coração.
Agora que sem o ouvir me levanta e treme
o meu ser em liberdade,
e angústia escurece minhas pálpebras,
e que brota minha vida, e Te chamo como nunca,
sustém-me em Tuas mãos,
sustém-me na treva do Teu nome,
Sustém-me em minha tristeza e em minha alma, Tu que andas sobre a neve.

Luis Rosales
(Espanha 1910 – 1992)

Do pastor cego que abriu seus olhos a nova vida

Tradução de Odylo Costa, filho

Senti dizer Belém! e um inseguro
empurrão me arrastou; por um momento
não pude respirar; pálido e lento
palpei de novo o muro, e atrás do muro

por um chifre rocei súbito e duro
e fiquei pasmo; após senti violento
tremor de carne e lábios, movimento
alegre das pessoas e obscuro

doce medo a voltar; fui avançando
e resvalei na palha; já caído
um menino toquei, a quem queria

lhe pedir para ver; me achei olhando,
sentindo-me nascer, recém-nascido
junto ao rosto de Deus que me sorria.

Melissanthi
(Grécia 1910 – 1991)

O Caminho de Volta

Tradução de José Paulo Paes

IV

Se eu não houvesse fugido nunca
para tão longe de ti
não teria conhecido, agora,
a alegria tão intensa da volta.
Se eu não houvesse chorado e sofrido tanto
não teria o lugar que ora ocupo em Teu coração.
Se, ao longo dos séculos de minhas andanças,
eu não me houvesse perdido
e padecido tanto
não estaria aos Teus pés com tamanha
gratidão agora.
Eu não teria conhecido
Tua infinita bondade
se não Te houvesse renegado com tanta insensatez.

Se do Teu lado não me houvesse apartado tanto
eu Teu filho pródigo;
se eu não Te houvesse renegado
não molharia agora as Tuas mãos com lágrimas amargas
e não seria o Teu perdão assim tão doce.
Nos meus infindos extravios quanto não tenho eu chorado
e quantas vezes não gritei por Ti.
Oh quanta fadiga não me custou chegar
a Teus pés e ali sentar-me
para descansar.

Abre-me Teu infinito coração
Oh! Senhor.

Czeslaw Milosz
(Polônia 1911 – 2004)

Leituras

Me perguntaste sobre a vantagem de ler os Evangelhos em grego.
Te respondo que convém percorrermos
Com o dedo letras mais duráveis que as gravadas em pedra,
E pronunciando devagar esses sons
Conhecermos a verdadeira dignidade da fala.
Forçado pela atenção, aquele tempo será
Como o tempo de ontem, apesar das caras de César
Serem hoje outras nas moedas. Tal éon perdura,
Medo e desejo são iguais, azeite, vinho
E pão dizem o mesmo. Também a multidão volúvel
Ávida por milagres como outrora. Até os costumes,
As festas de bodas, os remédios e os lamentos lúgubres
Diferem só na aparência. Por exemplo, naquele tempo
Também houve muitos chamados no texto
Daimonizomenoi, isto é, os que endemoninham
Ou endemoninhados (porque "possessos"
Os denomina nossa língua por fantasia do dicionário).
Espasmos, espuma na boca e ranger de dentes
Não passavam então por sintomas de talento.
Os endemoninhados não dispunham de revistas nem de *écrans*,
Raramente mexiam com arte e literatura.
Mesmo assim a parábola sobre eles continua vigente:
O espírito que os domina pode entrar nos porcos,
Que desesperados pelo choque repentino
Entre as duas naturezas, a deles e a de Lúcifer,
Atiram-se na água e se afogam. E tudo se repete sem parar.
Assim, em cada página, o leitor persistente
Enxerga os vinte séculos como vinte dias
De um éon que certa vez teve o seu fim.

Francisco Matos Paoli
(Porto Rico 1915 – 2000)

Parábola

Tradução de Thiago de Mello

Fundamos uma casa
sobre uma rocha dura.
Cantos, árvores, céu,
serão sua arquitetura.

De crianças, com a alma
e o silêncio também.
Ergamos uma casa
que não saiba cair.

Que no vento se talhe
a ilha de coral.
Façamos uma casa
que dure a eternidade

Uma única morada
com o campo e o céu.
Uma pátria, uma pátria
e dentro dela, Deus.

Denise Levertov
(Inglaterra/EUA 1923 – 1997)

A Queixa de Adão

Tradução de Rui Vasconcelos

Alguns,
não importa o que lhes é dado,
ainda querem a lua.
O pão, o sal,
carne branca ou vermelha,
ainda dão fome.
O leito nupcial
E o berço
ainda cruzam braços.
Recebem terras,
seu próprio chão sob os pés,
e ainda tomam estradas.
E água: escava-se poço mais fundo,
não é fundo bastante
para beber a lua.

Carlos Bousoño
(Espanha 1923 -)

A Tarde da Ascensão do Senhor

Tradução de José Bento

Era a luz sobre essa tarde,
última tarde, triste e plena.
Lembro-me bem. Tu ascendias.
Era a luz triste e serena.

Subias doce e amoroso
como enviado da tarde leda,
e a luz serenavas, como um monte
pode serenar a tarde imensa.

O mundo todo era um murmúrio;
suave dor, gemido era.
Ias entre os ventos, delicado,
sob essa primavera.

Lembro-me bem. Uma voz disse:
“Foi claridade sobre a terra.”
E o silêncio invadiu o ar
iluminado de tristeza.

Da terra um menino contemplava
apagar-se no céu tua presença.
Depois olhou os campos, o crepúsculo.
Passava uma ave. Tarde lenta.

Jaime García Terrés
(México 1924 -1996)

As Trevas de Job

Tradução de José Bento

Olhai a vassalagem vã. Meia morte
cobriu meus olhos. Meu corpo desmorona-se todo,
ferida após ferida. Irão calar-se as fúrias?
Hei-de esquecer em paz o eco de meus jovens
trabalhos, a profunda nostalgia dos sulcos
abertos e semeados com avidez febril?
Minha culpa, - onde está? Memória, lembra-te da coragem!
Sempre viva a pegada da vida, bater-me-ei mil vezes.
Subam palavras como incêndios para lá das nuvens.
Bem frágil e cego,
não
deixarei que me arranquem a inocência.
Manterei firmemente a justiça,
e não a negarei.
Bildad, Sofar, Eliú:
mal fingirão tais bocas razões contrárias.
Tendes as entranhas murchas, árido o coração,
mesquinho o pensamento. Incômoda virtude!
Aconselhais paciência lá na branda lonjura
dos templos. Julgais dores e misérias recônditas.
Insensatos! Pretende a piedosa mentira
desenraizar os gritos de combate,
única força que entesoura minha grave aflição.

Fácil é o conselho: a compreensão difícil
para o plácido pastor de vaidades.
Lume contra lume quero eu, porque estou a queimar-me
rente ao chão, arrasado, sob céus em chamas;
porque ainda me rebelam fiéis costumes de batalha:
não cubras, oh terra, meu sangue; não cesse o meu clamor!

Ernesto Cardenal
(Nicarágua 1925 -)

Salmo 21

Tradução de Thiago de Mello

Meu Deus meu Deus por que me abandonaste?
Sou uma caricatura de homem
o desprezo do povo
Riem de mim em todos os jornais

Rodeiam-me os tanques blindados
estou sendo apontado pelas metralhadoras
e encerrado em cercas de arame farpado
as cercas eletrificadas
Todo dia me fazem chamada
Tatuaram-me um número
Fotografaram-me dentro da cerca
e é possível contar meus ossos
como numa radiografia
Levaram-me todos os documentos de identidade
Conduziram-me nu ante a câmara de gás
e se compartiram minhas roupas e meus sapatos
Grito pedindo morfina e ninguém me ouve
grito sob a camisa de força
grito a noite inteira no asilo de doidos
na sala dos doentes incuráveis
no corredor dos enfermos contagiosos
no asilo de velhos
agonizo banhado de suor na clínica do psiquiatra
afogo-me na câmara de oxigênio
choro na delegacia
no pátio da prisão
no quarto de torturas
no orfanato
estou contaminado de radioatividade

e ninguém se aproxima para não se contagiar

Mas eu poderei falar de Ti aos meus irmãos
Eu Te elevarei na reunião de nosso povo
Ecoarão os meus hinos no meio de um grande povo
Os pobres terão um banquete
O nosso povo celebrará uma grande festa
O povo novo que vai nascer

Cantarei, Senhor, Tuas Maravilhas
Salmo 9

Tradução de Thiago de Mello

Cantarei,Senhor, tuas maravilhas
Te cantarei salmos
Porque foram derrotadas suas Forças Armadas
Os poderosos caíram do poder

Tiraram os seus retratos e suas estátuas
E suas placas de bronze
Apagaste os seus nomes para sempre jamais
Os seus nomes já não aparecem nos jornais
E somente os conhecerão os especialistas em história
Tiraram os seus nomes das praças e das ruas
(colocados por eles mesmos)
Destruíste o seu Partido
Mas tu tens um governo eterno
Um governo de JUSTIÇA
Para governar os governos da terra
Todos os povos
E tu és o defensor dos pobres

Porque tu recordaste seus assassinatos
E não te esqueces do clamor dos pobres
Contempla-me, Senhor, no campo de concentração
Corta as cercas de arame!
Livra-me das portas da morte
Para poder cantar-te salmos nas portas de Sião
E celebrar em Sião o dia V

Serão derrotados com as suas próprias armas
E liquidados por sua própria política
Como purgaram a outros
Purgados também serão

O Senhor destruirá todas as suas táticas

E eles estarão embalsamados em seus Mausoléus
Levanta-te, Senhor
Que não prevaleça o homem cheio de condecorações
Porque não poderão estar sempre esquecidos os explorados
A esperança dos pobres não falhará sempre

Ó Senhor
Lança sobre eles os seus sistemas de terror
Saibam eles que são homens e não Deuses!

Até quando, Senhor, estarás escondido?
Os ateus dizem que não existes
Até quando triunfarão os ditadores?
Até quando falarão as suas estações de rádio?
Eles celebram festas todas as noites
E nós ficamos olhando as luzes de suas festas
Eles estão nos seus banquetes
Nós estamos na prisão

Deus para eles é uma palavra abstrata
A JUSTIÇA é um slogan

Suas declarações à Imprensa são falsidade e engano
Suas palavras uma arma de propaganda
Um instrumento de opressão
Suas redes de espionagem nos cercam
Suas metralhadoras estão apontadas contra nós
Levanta-te Senhor
Não te esqueças dos explorados
Porque eles consideram-se impunes
Tu vês
Porque olhas nossas prisões
A ti se confiam os perseguidos
A ti o filho órfão se entrega
Os orfãozinhos dos nossos assassinados
Enfraquece, Senhor, a sua guarda secreta
E seus Conselhos de Guerra
Que sua força militar não possa ser achada

Porque és tu quem governas pelos séculos eternos
E ouves a oração dos humildes
E o pranto dos órfãos
E defendes os despojados
Os explorados

Para que eles não se ensoberbeçam
Os de cima
Os que detêm o poder

Maria Victoria Atencia
(Espanha 1931 -)

Marta & Maria

Tradução de José Bento

Meu amor, uma coisa ser-me-á imprescindível
para estar reclinada a teu lado no chão:
que meus olhos te fitem, tua graça me encha;
teu olhar cumule meu peito de ternura
e toda perturbada não encontre outra razão
de morte que tua ausência.

Mas que será de mim quando te fores embora?
De pouco ou nada servem, fora de teus motivos,
a casa e seus trabalhos, a cozinha e o horto.
Tu és todo o meu ócio:
que importa minha irmã ou os outros murmurem,
se tu vens defender-me, porque só amor conta.

BIBLIOGRAFIA

Alcázar, Baltazar de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.1 – Renascimento*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Aldana, Francisco de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.1 – Renascimento*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Alighieri, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. 2003, edição digitalizada eBooks Brasil (a partir de edição impressa de Atena Editora, São Paulo, 1955), in http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/divinacomedia.html

Arnim, Achim Von. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

Atencia, Maria Victoria. *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea.* Org. e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985

Athos, Silvano do Monte. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Auden, W. H. *Poemas.* Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cia das Letras, 1986

Ávila, Teresa de. Blog Castelo Interior -ihttp://castelointerior.wordpress.com/poesias-santa-teresa-de-jesus/
__. *POETAS DO SÉCULO DE OURO ESPAÑOL: POETAS DEL SIGLO DE ORO ESPAÑOL* / Seleção e tradução de Anderson Braga Horta; Fernando Mendes Vianna e José Jeronymo Rivera; estudo introdutório de Manuel Morillo Caballero. Brasília: Thesaurus, 2000

Ávito. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Bálint, Balassi. *Antologia da Poesia Húngara*. Seleção e tradução de Ernesto Rodrigues. Lisboa: Âncora Editora, 2002

Barca, Calderón de La. *Seleta Cristã*. Org. Odilo Costa, Filho. Rio de Janeiro: Livraria Catholica, 1932

Betti, Ugo. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Blaga, Lucian. *Mihai Eminescu e Lucian Blaga – Dois Poetas do Espaço Miorítico*. Tradução de Luciano Maia. Fortaleza: Edições UFC, 1998

Blake, William. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001
__. *Gaveta de Tradutor*. José Paulo Paes. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996

Bocángel, Gabriel. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.2 – Barroco*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Bonhoeffer, Dietrich. Blog Poesia Evangélica **-** http://poesiaevanglica.blogspot.com.br/2007/04/um-poema-de-dietrich-bonhoeffer.html

Bousoño, Carlos. *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea.* Org. e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985

Browning, Elisabeth Barret. Site *A Voz da Poesia* - http://www.avozdapoesia.com.br/elizabethbarrettbrowning/obra.php

Buonarroti, Michelangelo. Ivo Barroso: *O Torso e o Gato*. Rio de Janeiro: Record, 1991

Byron, Lorde. in http://seconheceresaverdade.blogspot.com.br/2011/12/destruicao-de-senaqueribe.html

Cardenal, Ernesto. *Salmos*. Tradução de Thiago de Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

Cervantes, Miguel de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.1 – Renascimento*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Claudel, Paul. *Antologia da Poesia Francesa (do século IX ao século XX)*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Claudius, Mathias. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

Collona, Vittoria. Pedro Garcez Girardi: *Uma voz feminina na poesia do Renascimento*. Mirandum (USP), v. 8, p. 91-96, 1999

Corneille, Pierre. *Antologia da Poesia Francesa (do século IX ao século XX)*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Crashaw, Richard. *Poesia Metafísica: uma antologia*. Seleção e tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

Cruz, João da. Blog Documentos da Igreja - http://documentosocdsigreja.blogspot.com/2009/09/poemas-maiores-de-sao-joao-da-cruz.html

Darío, Rubén. *Cantos de Vida y Esperanza*. Edição digital in http://pt.scribd.com/doc/2985077/Cantos-de-vida-y-esperanza-Ruben-Dario-en-espanol

d'Aubigné, Agrippa. *Antologia da Poesia Francesa (do século IX ao século XX)*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Desbordes-Valmore, Marceline. *Poesia de 26 Séculos - De Arquíloco a Nietzsche*. Organização e tradução de Jorge de Sena. Lisboa: Editora Asa, 2001

Dickinson, Emily. *O Livro de Ouro da Poesia dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D
__. *Uma Centena de Poemas*. Tradução Aíla de Oliveira Gomes, T.A.Queiroz Ed/Usp, 1985
__. *Poemas Escolhidos*. Seleção e trad. de Ivo Bender. Porto Alegre: L&PM, 2007

Donne, John. *Sonetos de Meditação*. Tradução de Afonso Felix de Sousa. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1985
__. *Poesia Metafísica: uma antologia*. Seleção e tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

Eliot, T.S.. *Obras Primas da Poesia Universal*. Seleção e notas de Sérgio Millet. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963

Escolástico, Agatias o. *Poemas da Antologia Grega ou Palatina* . Sel. e tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001

Gallego, Juan Nicasio. *Vida de Nosso Senhor Narrada pelos Poetas*. Organização de Attilio Milano. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1938

Gerhardt, Paul. In http://josemariaalves.blogspot.com.br/2009/11/paul-gerhardt-1607-1676-santa-face.html

Giusti, Giuseppe. In http://spleenbored-minhaspoesiasfavoritas.blogspot.com.br/search/label/Giuseppe%20Giusti

Goethe, in http://vita-gotasdepoesia.blogspot.com/search/label/Goethe

Góngora, Luis de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.2 – Barroco*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Gray, Thomas. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Gryphius, Andreas. *O Cardo e a Rosa – Poesia do Barroco Alemão*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002

Guillén, Jorge. *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea.* Org. e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985

Heine, Heinrich. *A Poesia Alemã: Breve Antologia*. Seleção e tradução de Roswitha Kempf. SãoPaulo: Massao Ohno Editor, 1981

Helfta, Gertrudes de. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Herbet, John. *Poesia Metafísica: uma antologia*. Seleção e tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991
__. Blog Afetivagem **-** http://afetivagem.blogspot.com

Heredia, José-Maria de. *Antologia da Poesia Francesa (do século IX ao século XX)*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Heyse, Paul. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

Hipona, Agostinho de. *Revista Poesia Sempre* #31. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010

Holderlin, Friedrich. *Poemas*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

Hopkins, Gerard Manley. *Hopkins: a beleza difícil.* Tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1997

Hugo, Víctor. *O Livro de Ouro da Poesia Universal*. Org. de Ary de Mesquita. Rio de Janeiro, Ediouro, 1988
__. *Hugonianas* (Poesias de Victor Hugo Traduzidas por Poetas Brasileiros) / Org. Múcio Teixeira. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003

Jammes, Francis. *O Livro de Ouro da Poesia da França*. Organização de R. Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D

Jouve, Pierre Jean. *Poesia do Século XX*. Organização e Tradução de Jorge de Sena. Porto: Asa Edições, 2001

Karlfeldt, Erik Axel. *Poesias*. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971

Kilmer, Joyce. *O Livro de Ouro da Poesia dos Estados Unidos*. Org. de Oswaldino Marques. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D

Körner, Theodor. *O Livro de Ouro da Poesia Alemã*. Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D

Lamartine, Alphonse de. *O Livro de Ouro da Poesia da França*. Organização de R. Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D

Lawrence, D. H. *Alguma Poesia*. Seleção e tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1991

Le Fort, Gertrud Von. *O Livro de Ouro da Poesia Alemã*. Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D
__. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

León, Frei Luis de. *Antologia Poética de Frei Luis de León*. Org. e tradução de Luiz Antônio de Figueiredo. São Paulo: Arte e Ciência, 1997

Longfellow, Henry Wadsworth. Site Portal Entretextos - http://www.portalentretextos.com.br/noticias/longfellow,953.html

Lubicz-Milosz, Oscar Wladislas. *Antologia da Poesia Francesa*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Lutero, Martinho. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Lydgate, John. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Malherbe, François. *Antologia da Poesia Francesa*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Manent, Marià. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Melissanthi. *Poesia Moderna da Grécia*. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986

Milosz, Czeslaw. *Revista Poesia Sempre* #30. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2010

Milton, John. *Paraíso Perdido*. Tradução de Antônio José de Lima Leitão. Edição Digital E-books Brasil. In http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html
__. *O Livro de Ouro da Poesia de Língua Inglesa*. Seleção e tradução de Oswaldino Marques. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D
__. *Rosa do Mundo, 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Mistral, Gabriela. *Poesias Escolhidas*. Tradução de Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1969

Moliére. *O Grande Rei*. Organização de Aparício Fernandes. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966

Mörike, Eduard. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

Narek, Gregório de. *O Livro das Orações*, 12, 1 (trad. SC 78, p. 102 rev.); e *Livro de Orações*, nº 74 (a partir da trad. SC 78, p. 389)

Nazianzo, Gregório de (o Teólogo). *Poemas da Antologia Grega ou Palatina*. Sel. e tradução de José Paulo Paes. Rio de janeiro: Companhia das Letras, 2001
__. *Rosa do Mundo. 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Nervo, Amado. Site Poemas del Alma - http://www.poemas-del-alma.com

Panero, Leopoldo. *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea.* Org. e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985

Paoli, Francisco Matos. *Poetas da América de Canto Castelhano*. Tradução de Thiago de Mello. São Paulo: Global Editora, 2011

Péguy, Charles. *Poetas de França*. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958

Petrarca, Francesco, in http://www.arquivors.com/petrarca1.htm

Prudêncio, Aurélio. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Puchkin, Aleksandr. *A dama de espadas: prosa e poemas*. Trad. de Boris Schanaiderman e Nelson Ascher. São Paulo: Editora 34, 2006

Quarles, Frances. *Poesia Metafísica: uma antologia*. Seleção e tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

Quevedo, Francisco de. *Marco Lucchesi – Poemas Reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000

Racine, Jean. *Antologia da Poesia Francesa*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Rojas, Pedro Soto de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.2 – Barroco*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Ronsard, Pierre. *Antologia da Poesia Francesa*. Organização e tradução de Cláudio Veiga. Rio de Janeiro: Record, 1999

Rosales, Luis. Odylo Costa, filho. *Cantiga Incompleta*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971

Rückert, Friedrich. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

Tassis, Juan de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.2 – Barroco*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Tasso, Torquato. *O Godfredo ou Jerusalém Libertada*. Tradução de André Rodrigues de Mattos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1859. Edição Digitalizada pela Universidade de Toronto, in http://www.archive.org/details/ogodfredooujerus00tassuoft

Taylor, Edward. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Terrés, Jaime García. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Uhland, Ludwig. *Fonte - Antologia da Lírica Alemã*. Tradução de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Editora Velha Lapa, 1999

Unamuno, Miguel de. *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea.* Org. e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985

Wesley, John e Charles. *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

Vallejo, César. *Cesar Vallejo – Poesia Completa*. Tradução de Thiago de Mello. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984

Vaughan, Henry. *Poesia Metafísica: uma antologia*. Seleção e tradução de Aíla de Oliveira Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

Vega, Lope de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.2 – Barroco*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Verlaine, Paul. *O Livro de Ouro da Poesia da França*. Organização de R. Magalhães Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, S/D

Vigny, Alfred de. *O Livro de Ouro da Poesia Universal*, org. de Ary de Mesquita, Rio de Janeiro, Ediouro, 1988

Yeats, W.B. Site Interpoética - http://interpoetica.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=1296&catid=131

Zárate, Francisco López de. *Antologia da Poesia Espanhola do Siglo de Oro Vol.2 – Barroco*. Organização e tradução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993

Sobre o organizador

Sammis Reachers é poeta, antologista e blogueiro. Autor de Poemas da Guerra de Inverno, A Blindagem Azul, Uma Abertura na Noite e CONTÉM: ARMAS PESADAS (poesia); organizador de 3 Irmãos Antologia (poemas de Gióia Júnior, Joanyr de Oliveira e J.T.Parreira), Antologia de Poesia Cristã em Língua Portuguesa, Águas Vivas 1 e 2 (reunindo textos de poetas evangélicos contemporâneos), Antologia de Poesia Missionária e Sabedoria: Breve Manual do Usuário (antologia de frases). Todas estas obras podem ser baixadas gratuitamente.

Mantém mais de 10 blogs, incluindo os literários Poesia Evangélica (desde 2006), O Poema Sem Fim (pessoal), Liricoletivo e Mar Ocidental (estes colaborativos).

* * *

Se você tem interesse em conhecer mais sobre Jesus Cristo, e a salvação que Ele oferece a todo aquele que nele crer, visite este endereço: http://amorscan.blogspot.com.br